



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

ALINE MARIA MATOS ROCHA

**AS TROCAS INTERPESSOAIS NA INTERNET:
PRIVACIDADE E SOCIABILIDADE NA ERA DA CIBERCULTURA**

Fortaleza
2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

ALINE MARIA MATOS ROCHA

**AS TROCAS INTERPESSOAIS NA INTERNET:
PRIVACIDADE E SOCIABILIDADE NA ERA DA CIBERCULTURA**

Dissertação submetida à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, do Departamento de Ciências Sociais, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Professora orientadora: Profa. Dra. Linda Maria de Pontes Gondim.

Fortaleza
2010

ROCHA, Aline Maria Matos.

As trocas interpessoais na Internet: privacidade e sociabilidade na era da cibercultura. Fortaleza, CE, 2010.

199 f.

Orientadora: Profa. Dra. Linda Maria de Pontes Gondim.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia – Universidade Federal do Ceará (UFC).

1. Privacidade 2. Sociabilidade 3. Cibercultura I. Gondim, Linda Maria de Pontes (Orient.) II. Universidade Federal do Ceará – Curso de Mestrado em Sociologia III. Título

ALINE MARIA MATOS ROCHA

**AS TROCAS INTERPESSOAIS NA INTERNET:
PRIVACIDADE E SOCIABILIDADE NA ERA DA CIBERCULTURA**

Dissertação submetida à Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Sociologia.

Aprovada em: 05 de agosto de 2010.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Linda Maria de Pontes Gondim (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará – UFC

Profa. Dra. Maria Inês Detsi de Andrade Santos
Universidade de Fortaleza - UNIFOR

Prof. Dr. Luiz Tadeu Feitosa
Universidade Federal do Ceará – UFC

Aos meus avós, pais, irmãos e marido,
pelo amor incondicional.

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Linda Maria de Pontes Gondim, cuja perspicácia e sensibilidade permitiram a orientação decisiva na condução da pesquisa, assim como a confiança a mim dedicada.

À Profa. Dra. Maria Inês Detsi de Andrade Santos, que desde a graduação acompanha meu percurso acadêmico e contribui de forma substancial à minha formação.

Aos colegas da turma de mestrado, em especial à Gerciane Oliveira e Fátima Lima; e às colegas doutorandas, Lourdes Santos e Daniele Silva, pelo compartilhamento de reflexões e angústias.

A todos os informantes da pesquisa, pela disponibilidade em participar desse estudo.

E à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro com a manutenção da bolsa de auxílio.

“[...] parece-me indispensável dizer quem sou. Na verdade, já se deveria sabê-lo, pois não deixei de ‘dar testemunho’ de mim. Mas a desproporção entre a grandeza de minha tarefa e a pequenez de meus contemporâneos manifestou-se no fato de que não me ouviram, sequer me viram. [...] Nestas circunstâncias existe um dever, contra o qual no fundo rebelam-se os meus hábitos, mais ainda o orgulho de meus instintos, que é dizer: Ouçam-me! Pois eu sou tal e tal. Sobretudo, não me confundam!”

(Friedrich Nietzsche)

RESUMO

Analisar o fenômeno de exposição da privacidade e as formas de sociabilidade proporcionadas pela Internet é a problemática da presente pesquisa. Trata-se de um estudo dos motivos que fazem com que um grande número de pessoas publique suas características pessoais na Internet. É uma pesquisa qualitativa, de natureza exploratória e compreensiva. Seu universo constituiu-se de sujeitos que participam do *site* de relacionamentos virtual *Orkut*, e que residem em Fortaleza-CE. Através de uma etnografia virtual foi possível analisar os espaços de socialização mediados por computador, tendo em mente que a Internet é, ao mesmo tempo, contexto e artefato cultural. O estudo do redimensionamento das esferas pública e privada possibilitou verificar que o território da vida íntima assumiu gradual importância, momento em que se viu acelerar os processos de individualização. Uma crescente sobrecarga de preocupações em torno de assuntos de âmbito privado e de conflitos íntimos trouxe consigo mudanças expressivas no que se refere à concepção do público. No ambiente fluido da Internet, essas concepções assumem formas diferenciadas, uma vez que nessa instância os domínios do público e do privado fogem a ordenamentos rígidos e polarizados. A publicação pessoal nas redes de relacionamento virtual coloca-se como um mecanismo onde se sobressaem o investimento subjetivo e objetivo do sujeito em si mesmo. O individualismo em rede surge como resultado da personalização das relações sociais, efetivadas em torno da construção de vínculos centrados em interesses comuns. A natureza da sociabilidade exercida por meio desse ambiente tecnicamente mediado coloca-se a serviço de condutas flexíveis e constroem-se com base em laços de afinidade. Os valores propagados pela atual cultura tecnológica fazem parte de uma realidade cada vez mais presente no corpo social, e as discussões que serão levantadas durante o estudo visam contribuir com pesquisas empíricas que procurarão dar conta dos novos significados que redimensionam a sociedade em que vivemos.

Palavras-chave: Privacidade. Sociabilidade. Redes Sociais. Cibercultura.

ABSTRACT

To analyze the phenomenon of exposure of privacy and sociability forms provided by Internet is the issue of this research. This is a study of the reasons that make a lot of people post their personal characteristics on Internet. It is a qualitative research with an exploratory and comprehensive nature. Its universe is composed by individuals who participate of a virtual and social relationship networking site, **orkut**, that live in Fortaleza-CE . Through a virtual ethnography; it was possible to analyze the spaces of socialization mediated by computer , keeping in mind that Internet is, at the same time, context and cultural artifact. The study of the downsizing of public and private spheres made possible to verify that the territory of inner life gradually assumed importance when we saw accelerating the processes of individualization. A growing burden of concerns around issues of private sphere and inner conflicts have brought significant changes regarding the design of the public. In the fluid environment of Internet, these concepts assumed different forms, since in that instance the areas of public and private become out from rigid and polarized orders. The publication of personal networks in virtual relationship arises as a mechanism which highlights the subjective and the objective investment of the subject itself. The network individualism emerges as a result of the personalization of social relations, carried around the construction of links focusing on common interests. The nature of the sociability exercised through this environment technically mediated, places itself at the service of flexible behaviors and become built on a base of affinity ties. The values propagated by the actual and technological culture belong to a more present reality inside the social body and the discussions that will take place during this study aimed to contribute to empirical studies that will seek for new meanings which give other significances to the society in which we live.

Keywords: Privacy. Sociability. Social networks. Ciberculture.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

GRÁFICO 1	Domicílios com microcomputador e com Microcomputador com acesso à Internet – Pnad 2008.....	41
FIGURA 1	Dados demográficos	52
FIGURA 2	Página inicial	54
FIGURA 3a	Página do usuário	56
FIGURA 3b	Página do usuário	57
FIGURA 4	Perfil social	59
FIGURA 5	Perfil profissional	60
FIGURA 6	Perfil pessoal	61
FIGURA 7	Configurações de privacidade	62
FIGURA 8	Perfil de amigos	63
FIGURA 9	Amigos em comum	64
FIGURA 10	Mural de recados	65
FIGURA 11	Álbuns de fotografia	66
FIGURA 12	Vídeos	67
FIGURA 13	Qualificação de amigos	68
FIGURA 14	Percentual de qualidades	69
FIGURA 15	Comunidade	70
FIGURA 16	Fórum das comunidades	71
FIGURA 17	Mapa de redes sociais	72

LISTA DE TABELAS

1.	Proporção de indivíduos que já acessaram a Internet, por regiões do Brasil	38
2.	Local de acesso individual à Internet – mais frequente	39
3.	Atividades desenvolvidas na Internet – comunicação	40
4.	Percentual de pessoas que utilizaram a Internet em cada local, por Grandes Regiões – 2008	43
5.	Percentual de pessoas que utilizaram a Internet para cada finalidade, por Grandes Regiões – 2008	44
6.	Percentual de pessoas que utilizaram a Internet para cada finalidade, segundo as Unidades da Federação e Regiões Metropolitanas – 2008	45

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	Definição do objeto	13
1.2	Problematização e objetivos	15
1.3	Realização da pesquisa e partes constituintes deste trabalho	19
2	SOCIEDADE E NOVAS TECNOLOGIAS	21
2.1	Modernidade e tecnologia	23
2.2	O surgimento da Internet	26
2.2.1	Uma cronologia	27
2.2.2	A relação espaço-tempo: o real e o virtual como categorias não opostas	32
2.3	Do ciberespaço à cibercultura	34
2.3.1	A transformação da Internet numa tecnologia de uso doméstico	34
2.3.2	As dimensões da Internet no Brasil	37
3	OS PORTAIS DE RELACIONAMENTO SOCIAL	46
3.1	O Orkut	46
3.1.2	Observações e experiências com o Orkut	48
3.1.3	Principais funcionalidades e estrutura visual	52
3.2	O sucesso no Brasil	71
4	A PESQUISA NA INTERNET: DESAFIO E CRIATIVIDADE	75
4.1	Pressupostos metodológicos e epistemológicos	75
4.2	Sobre a etnografia	77
4.2.1	A etnografia como metodologia para análise da cibercultura	78
4.3	A leitura do campo e o contato com os informantes	84
4.3.1	Procedimentos metodológicos	84
4.3.2	A utilização dos questionários	90
4.3.3	Análise das entrevistas	93
5	PÚBLICO E PRIVADO: PARÂMETROS PARA UMA INTERPRETAÇÃO	108
5.1	As noções clássicas de público e privado	109
5.2	Da invisibilidade à visibilidade: o redimensionamento do sentido	

	de privacidade	112
5.2.1	A esfera pública burguesa	112
5.2.2	O processo de privatização e individualização	116
5.2.3	Público e privado: espaços de transição	120
6	A TRANSFORMAÇÃO DA INTIMIDADE	123
6.1	A contribuição de Norbert Elias à compreensão da relação indivíduo-sociedade	127
6.2	O privado e sua dimensão espetacular	133
6.2.1	A condição social e histórica do narcisismo	135
6.2.2	O declínio do homem público	140
7	SOCIABILIDADE: INTERAÇÃO E VIDA SOCIAL NA CIBERCULTURA	146
7.1	O conceito de sociabilidade	146
7.2	Uma leitura da representação do eu no contexto da Internet	152
7.3	A teoria da ação social	157
7.4	O papel da confiança no desenvolvimento das relações sociais	160
7.5	Consumo, identidade e relação social	164
7.5.1	O indivíduo na sociedade contemporânea	167
7.5.2	A natureza das relações sociais mediadas pela tecnologia	172
7.5.3	Notas sobre o “individualismo em rede”	173
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	182
	REFERÊNCIAS	185
	APÊNDICES	192
	ANEXOS	194

1 INTRODUÇÃO

1.1 Definição do objeto

Ao longo das últimas décadas, nossa sociedade vem passando por importantes transformações tecnológicas. Grande parte dessas mudanças influencia diretamente o modo como as pessoas se relacionam e têm acesso às informações que fazem parte de sua vivência em sociedade. O fenômeno de comunicação e interação proporcionado pela Internet, a rede mundial de computadores, foi o tema inicial para definir o objeto desta pesquisa. Pensar nas diferentes formas de acesso e meios disponíveis de inserção na rede, ao lado das diversas maneiras de apropriação e difusão de seus conteúdos, fez com que fosse possível delimitar uma parte desse fenômeno tão denso e complexo, que permeia as demais esferas do cotidiano, desde o trabalho e a escola, até os recantos mais íntimos dos lares.

Conhecer a trajetória histórica e cultural dos diferentes meios de comunicação torna-se fonte privilegiada ao melhor entendimento do que é caracterizado como “sociedade da informação”. (CASTELLS, 2005). Em decorrência da profusão de informações, a realidade, em sua aparência imediata, suscita aos desavisados um diagnóstico que, muitas vezes, lhe atribui caos e desordem. Diante do potencial da Internet, com seus fluxos ininterruptos de dados e imagens, são comuns as interpretações que dão conta dessa nova tecnologia como meio prolixo, desordenado, denso e propagador de malefícios os mais variados, tais como crimes de pedofilia, divulgação de informações falsas etc. Porém, não me proponho a realizar uma discussão polarizada sobre o que venha a ser positivo ou negativo no ambiente da Internet; procurarei trazer à tona uma reflexão sobre algumas de suas implicações sócio-culturais.

Em virtude do fenômeno da simultaneidade, proporcionado pelo desenvolvimento das telecomunicações, pode-se fazer várias atividades em momentos e lugares diversos, o que promove uma reordenação do tempo e do espaço. (HARVEY, 1992). No passado, as relações sociais e pessoais dependiam completamente das coordenadas espaço-temporais para se realizarem, ou seja,

para que qualquer tarefa ou atividade fosse efetivada, era preciso que coincidissem tempo e espaço. (GIDDENS, 1991). Mais adiante, alcançamos a possibilidade de transcender essa dependência com a evolução dos meios de comunicação. O telégrafo, a seu tempo, possibilitou uma transformação importante nesse sentido, otimizando relações comerciais entre pontos distintos do mapa. O telefone, o rádio, a televisão e, mais recentemente, o fax, o celular e a Internet também cumpriram e cumprem papéis parecidos. (THOMPSON, 2005).

Em ritmos sucessivos, fomos alcançando maior independência com relação a tempo e espaço, ao ponto de hoje, no âmbito da Internet, realizarmos diversas tarefas e transações simultaneamente. No cotidiano de algumas pessoas, fazer um pagamento em seu banco virtual, conversar com um ou mais amigos e acessar a programação do *Louvre* é algo comum. A Internet é a tecnologia que torna possível essa interligação de computadores, possibilitando acesso a inúmeros canais de informação.

Essa breve explanação ilustra apenas uma das dimensões que foram se transformando ao longo das revoluções tecnológicas: a dimensão espaço-tempo. Mas é importante considerar a repercussão disso nas demais esferas que compõem a estrutura social. Sociabilidade e privacidade são algumas das inúmeras dimensões atingidas pelo fenômeno de interligação técnico-informacional proporcionado pelo que representa a Internet na sociedade hodierna.

A análise sociológica desse processo demanda uma percepção que considere as repercussões dessas transformações no corpo social. Meu objeto de estudo reflete a preocupação em conhecer melhor o impacto dessas mudanças no comportamento social.

1.2 Problematização e Objetivos

Na rede mundial de computadores, é facilmente observada a emergência de inúmeros canais de expressão. A exemplo disso, um número cada vez maior de pessoas passa a exibir na Internet seus álbuns de fotografia e vídeos pessoais, com registros de acontecimentos familiares e íntimos. Essa prática chama atenção por tornar públicos, para uma multidão de desconhecidos, fatos que outrora eram destinados apenas ao conhecimento de pessoas próximas ao convívio familiar e íntimo. Conhecidos como *fotologs* e *videologs*¹ essas ferramentas fazem enorme sucesso e ampliam, progressivamente, seu número de adeptos.

Uma outra forma de expressão na rede se dá através dos diários virtuais. Ao contrário dos *fotologs* e dos *videologs*, onde as imagens e vídeos são publicados com pequenos comentários, eles se destinam à publicação de textos e narrativas mais elaboradas, com o acréscimo ou não de fotografias e vídeos. Através dos grandes portais – como o “Terra” ou o “Uol”² – um usuário da Internet pode, a qualquer tempo, criar e manter uma página pessoal gratuitamente, onde irá inserir assuntos do seu interesse e universo pessoal. Relatos de experiências, pensamentos, angústias e confidências são narrativas comumente encontradas nesse tipo de página. Um exemplo de grande sucesso é o *blog* da “Bruna Surfistinha”. Fenômeno de acesso na Internet, o diário virtual em que a ex-prostituta divulgava os detalhes de sua vida pessoal e aventuras profissionais, foi publicado em livro sob o título “O doce veneno do escorpião”, em 2005.

Para quem não gosta de escrever tanto, tem-se as páginas de relacionamento virtual, como *Facebook*, *MySpace*, e o *Orkut*³, a mais conhecida no

¹ Os termos *fotolog* e *videolog* são adaptações do termo *weblog*. *Web* significa rede; *log*, diário de bordo. Contraídos, eles deram origem à palavra *blog*, servindo para identificar os diários virtuais. Posteriormente, a terminação “*log*” passou a ser utilizada para nomear outras práticas difundidas pela Internet, como os *fotologs* e os *videologs*.

² Grandes portais da Internet disponibilizam aos usuários ferramentas de criação e manutenção de diários virtuais a eles vinculados. Assim, quanto maior for seu número de usuários que mantêm *blogs*, maior será o acesso ao portal.

³ O *Orkut* é um sítio de relacionamentos virtual que faz parte do conglomerado de ferramentas e aplicativos da Internet pertencente ao grupo *Google*. Maior *site* de buscas na Internet, o *Google* surgiu de um projeto de doutorado de dois estudantes americanos, em 1998. Hoje, ele incorpora outros serviços e empreendimentos na rede, como o *site* de vídeos *Youtube*. <<http://pt.wikipedia.org>>. Acesso em 20 jun. 2008.

Brasil. Cada uma dessas páginas constitui-se de um portal onde quem participa se liga a uma rede de amigos – virtuais ou não – e publica um perfil com informações variadas, como idade, sexo, raça, preferência sexual etc. O *MySpace* e o *Facebook* são redes de relacionamento pessoal via Internet similares ao *Orkut*. O *MySpace* é a maior rede dos Estados Unidos e do mundo, com 110 milhões de usuários. O *Facebook*, também dos Estados Unidos, é uma rede social formada principalmente por estudantes universitários. É o *site* que mais recebe inserção de fotografias daquele país, com uma média de 58 milhões de usuários.

Além disso, nesses portais de relacionamento social, existe uma série de comunidades virtuais às quais o usuário poderá vincular-se, participando de fóruns e conhecendo opiniões de quem compartilha dos seus mesmos interesses. “Nós gostamos do Chico Buarque”, “Mulheres na direção”, “Loucos por cinema” e “Homofobia é crime”, são exemplos da enorme variedade temática de algumas delas.

Destaca-se o fato de que todos esses recursos de publicação pessoal na Internet são caracterizados por sua interatividade, ou seja, os sujeitos dispõem suas narrativas, fotografias ou vídeos, podendo receber comentários e opiniões dos usuários que as acessarem. Um outro aspecto importante é o fato de que, frequentemente, essas ferramentas são utilizadas simultaneamente pelos sujeitos. Não é difícil encontrar uma pessoa que, ao mesmo tempo, mantém um diário virtual, participa de um sítio de relacionamentos e publica seus vídeos e fotografias em *vídeo/logs* e *foto/logs*.

O comportamento social frente aos usos da tecnologia no cotidiano é uma questão que merece atenção por parte daqueles que estudam os modos de reprodução da sociedade. Como já foi mencionado, ao longo do tempo, as revoluções constantes da tecnologia da informação aprimoraram as formas de comunicação. Atualmente, os campos de interação oferecidos pela Internet não só fornecem e recebem informações, como promovem contatos entre pessoas que buscam vínculos emocionais – desde simples relações de amizade à formação de grupos reunidos em torno de ideias e atividades em comum – das mais prosaicas às mais excêntricas, passando por temas como namoro, sexo, religião, política e cultura.

As plataformas de acesso oferecem meios de relacionamento interpessoal, bem como estruturam mobilizações coletivas que fogem aos padrões tradicionais e estabelecidos institucionalmente. Poderia citar como exemplo a organização, pela Internet, de eventos ou encontros entre os membros de uma comunidade religiosa virtual sem a necessidade de seus membros estarem necessariamente vinculados à instituição.

É inegável a existência de um movimento crescente de apropriação social dos dispositivos de interação à disposição na Internet. Vale salientar que é recorrente a extensão, no nível presencial, das relações travadas nesse ambiente. Não raro, participantes de comunidades virtuais, ou das chamadas “novas tribos urbanas⁴”, promovem encontros entre seus membros, numa tentativa de ampliar ou até mesmo “aprofundar” os relacionamentos que constroem virtualmente.

Diante disso, elegi os sítios de relacionamento virtual como trilha imediata para o direcionamento e melhor enquadramento da problemática a ser analisada. No Brasil, o mais conhecido e comumente usado é o *Orkut*. Analisar o fenômeno de exposição de privacidade e as formas de sociabilidade – cuja discussão dessas categorias será apresentada nos capítulos cinco, seis e sete – proporcionadas pela Internet, tendo como recorte empírico o portal de relacionamentos virtual *Orkut*, é o principal objetivo desta pesquisa.

Foi pensando na rápida disseminação dessas relações sociais, mediadas pela tecnologia, que nasceu a proposta desse estudo: pesquisar como essas relações acontecem e ganham cada vez mais adeptos. A possibilidade de manter uma página na Internet, com a publicação de características pessoais; ou ainda, a facilidade de expor fotografias e atividades preferidas num meio de comunicação mundial encanta e arregimenta, a cada dia, milhares de pessoas. Segundo dados do Ibope//NetRatings⁵, divulgados em junho de 2008, em maio daquele ano, 18,5 milhões de pessoas acessaram *sites* de relacionamento no Brasil. Se a isto forem acrescentados os usuários que acessam páginas de *fotologs* e *vídeologs*, o número

⁴ A formação dessas tribos está relacionada ao que Maffesoli (2006) denomina de “tribalismo” – reunião de grupos ou microgrupos de amigos em torno de interesses em comum.

⁵ O Ibope//NetRatings é uma parceria entre o Ibope e a empresa Nielsen//NetRatings, líder mundial em medição de audiência de Internet. Informação disponível em <HTTP://www.ibope.com.br>. Acesso em 20 jun. 2008.

sobe para 20,6 milhões de pessoas. De acordo com a pesquisa, esses números representam 90% do total de usuários que acessam a Internet mensalmente no Brasil. (CAVALCANTE, 2008).

Ainda conforme essa pesquisa, publicada no sítio do Ibope em 29 de maio de 2008, o analista de mídia do Ibope//NetRatings José Calazans afirma que "o elevado consumo de páginas de internet no Brasil está diretamente relacionado à alta afinidade dos brasileiros com as redes sociais, que são os *sítes* com maior média de páginas vistas por usuário".⁶

A rápida disseminação e adesão ao fenômeno de sociabilidade e publicação pessoal na Internet foi um dos motivos que me chamaram atenção quando da definição do meu objeto de pesquisa. O "fenômeno *Orkut*" passou a ganhar capas de revista e a ser pauta nos telejornais nacionais. Além disso, em minha pesquisa para trabalho de conclusão do curso de Ciências Sociais, trabalhei o tema dos diários íntimos publicados na Internet, os *blogs*. (ROCHA, 2006). O portal de relacionamentos virtuais permite um intercâmbio de experiências e intimidades, situação esta que perfaz uma das principais questões a serem tratadas neste estudo.

Os demais objetivos da pesquisa são: levantar os processos históricos que contribuíram para o desencadeamento do fenômeno em questão; identificar o significado que a publicização de vivências, imagens e modos de vida adquire atualmente; verificar a natureza das relações sociais, viabilizada a partir da formação de grupos e comunidades virtuais; e contribuir para futuras análises sobre a relação sujeito-cultura-tecnologia.

A problemática desta pesquisa reflete meu interesse em conhecer as motivações que impulsionam os sujeitos a publicarem seus discursos e características pessoais na Internet, observando, através disso, a natureza dos múltiplos contatos que se efetivam por meio dessa exposição.

⁶ Ver Cavalcante (2008).

1.3 Realização da pesquisa e partes constituintes deste trabalho

De acordo com os objetivos da pesquisa, os eixos temáticos que serviram de norte à análise dos dados coletados também serviram como orientação para elaborar as partes constituintes deste trabalho, o qual está dividido em oito capítulos, incluindo a parte introdutória. Uma vez delimitados esses eixos, o aprofundamento de sua discussão forneceu um suporte teórico fundamental para o que foi proposto alcançar com a pesquisa.

O segundo capítulo, *Sociedade e novas tecnologias*, apresenta um relato sobre os aspectos históricos que contribuíram para tornar a Internet uma tecnologia de uso doméstico, com alcance de dimensões culturais e sociais.

No terceiro, *Os portais de relacionamento social*, há uma descrição do *Orkut*, site alvo do recorte empírico da pesquisa, objetivando detalhar sua criação, estrutura visual e principais funcionalidades.

No quarto, *A pesquisa na Internet: desafio e criatividade*, detallo a especificidade da realização de uma pesquisa que possui como objeto práticas e suportes tecnológicos que encontram na Internet seu principal meio de difusão e apropriação, e descrevo os procedimentos metodológicos que orientaram a condução do presente estudo, assim como as análises dele decorrentes.

No quinto capítulo, denominado *Público e privado: parâmetros para uma interpretação*, destaco a necessidade de levantar os processos históricos de constituição das esferas pública e privada, tendo em vista que, dentre os usos atuais da Internet, está o fenômeno de publicização da personalidade, fato este que exige um conhecimento mais nítido do significado desses domínios, acompanhado de uma discussão sobre a estruturação destas esferas atualmente. Em seguida, o sexto capítulo, *A transformação da intimidade*, traz uma discussão acerca do destaque gradual que a esfera privada assumiu no decorrer do tempo, sugerindo uma leitura sobre seu papel na sociedade contemporânea.

O sétimo, *Sociabilidade: interação e vida social na cibercultura*, enfatiza o processo de desenvolvimento das relações sociais ao longo das transformações ocorridas desde a modernidade aos dias de hoje, passando por uma análise que contempla a natureza da sociabilidade no contexto virtual.

As *Considerações Finais* trazem as possíveis contribuições da pesquisa, ao sugerir uma interpretação da sociabilidade e da privacidade em sintonia com os processos vivenciados pela sociedade contemporânea, além de apontar projeções para futuras análises que visem desvendar fenômenos mediados pela tecnologia.

2 SOCIEDADE E NOVAS TECNOLOGIAS

“[...] as pessoas sentem, senão sabem, que o essencial na vida não se reduz ao mundo da máquina, porque cada um de nós sente que o importante na vida não está na forma, mas no conteúdo, não está nos fins abstratos, mas na experiência concreta que cada um de nós pode extrair da existência. Os fenômenos da cibercultura são prova disso, representando não apenas o veículo de poder mas também nossa mais recente tentativa de fugir da perda do mundo causada pela expansão descontrolada do poder econômico e das estruturas cada vez mais maquinísticas de nossa civilização. As experiências que ela agencia são também uma forma de amenizar os efeitos de dominação da forma mercadoria e do poderio tecnológico sobre o chamado fator humano”. (RÜDIGER, 2006, p. 100).

As discussões que serão levantadas neste capítulo levam em conta as transformações que contribuíram para a criação da Internet, além de trazer um enfoque que considera a tecnologia como um processo social não neutro, mas atrelado a interesses de um dado contexto. Pode-se definir tecnologia como sendo a expressão da relação entre ser humano e natureza (matéria), a qual produzirá intervenções na realidade e na atuação das pessoas em seu cotidiano, mediante a criação de artefatos e o emprego de técnicas adequadas ao desenvolvimento de determinadas atividades. É nesse sentido que a tecnologia é proveniente da articulação entre história, cultura e sociedade, por isso encontra-se circunscrita aos interesses e determinantes históricos de uma época.

Partindo para uma definição mais precisa, verifica-se que o termo técnica

*[...] na sua acepção original e etimológica, vem do grego *tekhnè*, que podemos traduzir por arte. A *tekhnè* compreende as atividades práticas, desde a elaboração de leis e a habilidade para contar e medir, passando pela arte do artesão, do médico ou da confecção do pão, até as artes plásticas ou belas artes, estas últimas consideradas a mais alta expressão da tecnicidade humana. (LEMOS, 2002, p. 28).*

O conceito de *tekhnè* é proveniente de uma acepção filosófica que visava distinguir aquilo que era feito pelo homem (*tekhnè*) e o que era feito pela natureza (*physis*). Para os gregos, “todo ato humano é *tekhnè*”. (LEMOS, 2002, p. 29). A partir dessas definições é que se pode compreender o fazer do homem como uma intervenção na ordem natural das coisas, a fim de construir, com essa relação, os

instrumentos para sua interação com o mundo, deixando o legado dessas experiências ao longo de incontáveis gerações.

Numa visão acertada sobre a tecnologia e o uso que fazemos dela atualmente, Bauman (1997) reflete que

Em nossa época, a tecnologia tornou-se sistema fechado: ela postula o resto do mundo como 'ambiente' – como uma fonte de alimento, de matéria-prima para tratamento tecnológico, ou como o entulho para os resíduos (que se esperam recicláveis) daquele tratamento; e define suas próprias desventuras e ações falhas como efeitos de sua própria insuficiência, e os 'problemas' resultantes como exigências para dar mais de si mesma: quanto mais 'problemas' gera a tecnologia, tanto mais de tecnologia se precisa. (BAUMAN, 1997, p. 213).

Bauman (1997) classifica o uso da tecnologia como um imperativo, considerando esse processo como um “dilema tecnológico”. Segundo o autor, esse dilema diz respeito não apenas à reunião de meios e formas de ação e intervenção, mas especificamente o *poder* de fazer com que algo aconteça. O *know-how*⁷ mostra-se como preponderante, e os meios passam a justificar os fins, pois qualquer fim que os meios podem produzir é importante e deve sua validade ao *know-how*.

Ao longo dos próximos itens, procuro enfatizar a relação existente entre tecnologia e modernidade, sendo esta entendida como um momento no qual a supremacia da ciência e da técnica tornou-se mais proeminente. Em seguida, faço uma breve descrição do contexto que tornou possível o surgimento da Internet, para, então, adentrar na discussão sobre o processo de virtualização, o qual é necessário para o entendimento do reordenamento das categorias tempo e espaço na sociedade contemporânea. Além disso, será enfatizado o processo de difusão e transformação da Internet numa tecnologia de uso doméstico, trazendo um quadro de seu atual alcance na sociedade brasileira, no que se refere ao acesso às tecnologias de informação e comunicação.

⁷ Em tradução livre, a expressão *know-how* significa “saber como”.

2.1 Modernidade e tecnologia

Não é de hoje que se costuma vincular a tecnologia ao moderno. Não sem razão, pois foi durante a modernidade que a tecnologia passou a obter o domínio do saber e a conquista da natureza, sendo sustentada pelo ideal de progresso. Vários sociólogos e pensadores das ciências sociais atribuíram à modernidade o caráter de uma era de emancipação do homem:

[...] Uma emancipação que foi sustentada pelo progresso técnico, pela vitória da tecnologia, mas também por uma visão da *práxis* coletiva, ou seja, pelo fato de que uma determinada sociedade ou coletividade fosse capaz de dominar a natureza. *Significa que o imaginário da modernidade repousou, fundamentalmente, no controle e no domínio do futuro.* Mas não era qualquer domínio ou qualquer controle, e sim um controle que se dizia racional. Não se tratava de uma escatologia mágica ou religiosa, mesmo se encontrarmos na concepção do progresso ou em certos aspectos de história moderna alguns traços religiosos. (TACUSSEL, 2006, p. 14 – grifo meu).

É desta forma que Tacussel (2006) define o imaginário social e os valores que se sobressaíam na modernidade, objetivando realizar uma leitura acerca da revolução e das transformações do mundo contemporâneo. De certo modo, seus objetivos em realizar uma reflexão sobre o legado dessas mudanças convergem com meu interesse na sistematização deste capítulo, que é o de possibilitar uma leitura acerca das ideologias e crenças que mobilizaram as forças produtivas e intelectuais na construção de uma sociedade baseada na gestão e no controle da informação: a sociedade de rede. (CASTELLS, 2002).

Tacussel (2006) sustenta que o pensamento moderno esteve marcado por uma separação radical entre a natureza e a ordem cultural. Esta distinção visava estabelecer que o futuro individual e coletivo estava sob o domínio da razão. E o uso dessa racionalidade implicava uma domesticação do mundo e da natureza. Foi precisamente tomado por essa perspectiva que Weber proclamou, em sua teoria, o desencantamento do mundo.

O imaginário social que predominava na modernidade estava marcado pelo ideal de dominação da ciência e da técnica, o qual nem sempre mantinha-se

como absoluto em comunidades com história ligada à religião, ou a outros valores arraigados na tradição cultural.

A modernidade, cujas matrizes de pensamento estavam fundadas no empirismo e no racionalismo, é reconhecidamente uma época em que a ciência, e conseqüentemente, a técnica adquiriram maior autonomia perante o poder instituído da religião. O método científico passou a ser critério de verdade na explicação dos fatos, e as técnicas para construção de artefatos, maquinarias etc passaram a ser investidas de maior aprimoramento, com o objetivo de alcançar e promover o progresso, como já foi mencionado.

De acordo com Bauman (1997), tem-se que

[...] A finalidade do progresso moderno ('progresso moderno' é pleonasmio; só a modernidade pensa de si como momento progressivo) não é fazer isso ou aquilo, coisas que se possam especificar de antemão, mas aumentar a capacidade de fazer o que quer que acontecer que o 'homem' possa querer que se faça. (BAUMAN, 1997, p. 215).

Em outras palavras, “a maior invenção do século dezenove foi a invenção de um método de invenção”. (WHITEHEAD, A. N. *apud* ALVES, 1968, p. 7):

[...] As relações do homem com a natureza, até então [séc. XIX] no nível do acaso, passam a se subordinar à intenção e ao projeto humano. É óbvio que isto significa uma era radicalmente nova na história, porque agora a razão descobriu a maneira de penetrar na natureza. Ela não mais contempla a ordem natural apenas como objeto de apreciação estética, nem simplesmente como um conjunto de exemplos particulares de leis gerais. Agora o homem submete a natureza à sua intencionalidade. (ALVES, 1968, p. 7-8 – grifo do autor).

A reflexão de Rubem Alves traduz que foi principalmente durante o século XIX que a subordinação da natureza se transformou em método, em ciência. Ele destaca ainda que

É preciso que se entenda que o advento da tecnologia conscientemente planejada não é, de forma alguma, a simples aplicação prática de conhecimentos teóricos; como se, de repente, o homem tivesse descoberto a forma de transformar em máquinas os conhecimentos armazenados. A tecnologia é, em si, uma compreensão nova das condições em que é possível o conhecimento científico: uma nova epistemologia, uma nova teoria do conhecimento. (ALVES, 1968, p. 8).

É com base nesse entendimento que é possível compreender a relação existente entre homem e técnica. Uma relação prenhe dos sentidos que permeiam uma época, e que oferece parâmetros para melhor interpretar o mundo tão repleto de inovações, e que vem acompanhado do imperativo de conhecer. Porém, ao invés de realizar uma discussão que fique polarizada entre tecnofobia ou tecnofilia, é preciso que haja uma reflexão sobre o papel que a tecnologia exerce na sociedade, com uma ponderação sobre suas influências e as condições nas quais ela é produzida.

Uma perspectiva importante acerca da interpretação da técnica e do fenômeno que a tecnologia assume nos dias de hoje é a adotada por Lemos, quando ressalta que as dimensões simbólica e mítica são retomadas através do encanto que a máquina e a tecnologia imprimem na sociedade contemporânea. Para o autor

[...] Ciência e técnica, [...] alimentam uma esperança desmesurada no controle das forças naturais, na administração racional da sociedade [...], no progresso científico e tecnológico, na ingerência de tecnocratas especialistas e no desenvolvimento do indivíduo autônomo. [...] Pela primeira vez na história da humanidade, a técnica se ergue como um valor e se impõe como força simbólica e mítica. [...] Embora nossa sociedade menospreze o simbólico, ela elege a máquina como um símbolo mágico e místico. (LEMOS, 2002, p. 53-54).

É através dessa perspectiva que podemos compreender o fascínio exercido pelo atual desenvolvimento tecnológico, que é expressado, dentre outros artefatos, pelas potencialidades da rede mundial de computadores. Em sua definição do fenômeno técnico, Lemos afirma que

A técnica é o fazer transformador humano que prepara a natureza à formação da espécie e da cultura humana. Ela é uma provocação da natureza gerando um processo de naturalização dos objetos técnicos na construção de uma segunda natureza povoada de matéria orgânica, de matéria inorgânica e de matéria inorgânica organizada (os objetos técnicos). (LEMOS, 2002, p. 40).

Através dessa leitura e da compreensão da relação entre homem e técnica, pode-se realizar uma discussão sensível ao processo que culminou com a criação da Internet e de sua atual configuração, o que fez com que este recurso

tecnológico permeasse esferas da vida cotidiana e realizasse transformações sociais e culturais até então inéditas.

2.2 O surgimento da Internet

“De fato, a produção histórica de uma dada tecnologia molda seu contexto e seus usos de modos que subsistem além de sua origem, e a Internet não é uma exceção a esta regra. Sua história ajuda-nos a compreender os caminhos de sua futura produção da história”. (CASTELLS, 2003, p. 13).

A abordagem presente neste item, a qual contempla boa parte dos acontecimentos que culminaram com a criação da rede mundial de computadores, tem como referencial o estudo de Manuel Castells, por considerá-lo revelador de um contexto sócio-econômico e cultural que forneceu o substrato necessário aos impulsos criadores dessa, até então, nova tecnologia de comunicação: a Internet.

Em fins do século XX, aconteceu a união de três processos independentes, os quais possibilitaram a criação de uma estrutura social baseada em redes. Seriam eles: a demanda do capital por flexibilidade e globalização; os anseios, tornados supremos, da sociedade pelos valores de liberdade individual e comunicação aberta; e os avanços na ciência da computação e nas telecomunicações que se tornaram efetivos por conta dos avanços revolucionários na microeletrônica. (CASTELLS, 2003).

Para o autor citado, a rede mundial “tornou-se a alavanca na transição para uma nova forma de sociedade – a sociedade de rede – e com ela para uma nova economia”. (CASTELLS, 2003, p. 8). Ele assim resume sua abordagem a respeito do processo técnico e social que deu origem à revolução da comunicação:

O ponto de partida desta análise é que as pessoas, as instituições, as companhias e a sociedade em geral transformam a tecnologia, qualquer tecnologia, apropriando-a, modificando-a, experimentando-a. Esta é a lição fundamental que a história social da tecnologia ensina, e isso é ainda mais verdadeiro no caso da Internet, uma tecnologia da comunicação. A

comunicação consciente (linguagem humana) é o que faz a especificidade biológica da espécie humana. Como nossa prática é baseada na comunicação, e a Internet transforma o modo como nos comunicamos, nossas vidas são profundamente afetadas por essa nova tecnologia da comunicação. Por outro lado, ao usá-la de muitas maneiras, nós transformamos a própria Internet. Um novo padrão sociotécnico emerge dessa interação. (CASTELLS, 2003, p. 10).

O autor ainda revela que sua leitura propõe várias ideias sobre a interação entre o tríduo Internet, economia e sociedade, alertando o leitor sobre as fontes inesgotáveis de informação disponíveis sobre esse processo; principalmente por ter em vista que a natureza do objeto em estudo, no caso a rede mundial, se desenvolve e transforma-se numa rapidez incomparável com a do sujeito que a observa: o pesquisador. Em seguida, ele fornece um rol de acontecimentos que culminaram com a criação da rede mundial de computadores, trazendo em sua discussão os elementos propulsores desse movimento social, cultural e técnico.

2.2.1 Uma cronologia

Os registros de pesquisas e estudos sobre os acontecimentos que deram origem à Internet apontam a criação da ARPANET – uma rede de computadores montada pela *Advanced Research Projects Agency* (ARPA) –, em setembro de 1969, como um fator determinante para o seu desenvolvimento. A ARPA era uma agência de projetos de pesquisa avançada criada pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos para mobilizar recursos de pesquisa, a fim de alcançar superioridade tecnológica militar em decorrência da corrida armamentista com a então União Soviética. Já a ARPANET era um programa proveniente de um dos departamentos da ARPA, que tinha como objetivo “estimular a pesquisa em computação interativa”, sendo que “a montagem da Arpanet foi justificada como uma maneira de permitir aos vários centros de computadores e grupos de pesquisa que trabalhavam para a agência compartilhar *on-line* tempo de computação”. (CASTELLS, 2003, p. 14).

A montagem dessa primeira rede interativa foi propiciada por uma tecnologia de transmissão de telecomunicações desenvolvida por um centro de pesquisas da Califórnia (EUA), a *Rand Corporation* – o qual, segundo Castells, frequentemente desenvolvia projetos para o Pentágono – e por um Laboratório de Física Britânico. O referido projeto consistia na formação de uma rede de comunicação descentralizada e flexível. Esta foi a proposta que a *Rand Corporation* fez ao Departamento de Defesa, no intuito de desenvolver um sistema militar de comunicações, descentralizado o bastante para sobreviver a um ataque nuclear.

Em 1969, os primeiros nós da rede estavam localizados em centros de pesquisa da Universidade da Califórnia em Los Angeles e em Santa Bárbara, e na Universidade de Utah. De acordo com o autor,

Em 1971, havia 15 nós [da rede de comunicação], a maioria em centros universitários de pesquisa. O projeto da Arpanet foi implementado por Bolt, Beranek and Newman (BBN), uma firma de engenharia acústica de Boston que passou a realizar trabalhos em ciência da computação aplicada; fundada por professores do MIT era integrada em geral por cientistas e engenheiros dessa instituição e de Harvard. Em 1972, a primeira demonstração bem-sucedida da Arpanet teve lugar numa conferência internacional em Washington. (CASTELLS, 2003, p. 14).

Daí em diante, as pesquisas seguiram no sentido de desenvolver uma tecnologia para conectar a ARPANET a outras redes de computadores administradas por ela, a PRNET e a SATNET. Mas uma outra tecnologia era necessária para que as redes pudessem se comunicar umas com as outras: o desenvolvimento de protocolos de comunicação padronizados. (CASTELLS, 2003).

Conforme relata Castells (2003), o desenvolvimento de um desses protocolos, o TCP (Protocolo de Controle de Transmissão), foi conseguido em 1973, num seminário em Stanford, por um grupo liderado por pesquisadores ligados ao grupo de pesquisa francês *Cyclades* e ao Xerox PARC. Porém, em 1978, pesquisadores da Universidade da Califórnia dividiram o TCP em duas partes: TCP/IP, sendo este último um protocolo intra-rede. A descoberta dessa tecnologia permitiu a criação dos protocolos de comunicação padronizados tão necessários à comunicação das redes de computadores entre si. O TCP/IP é o padrão com o qual a Internet opera até hoje. A década de 1980 traria novos desenvolvimentos das redes:

Em 1983 o Departamento de Defesa, preocupado com possíveis brechas de segurança, resolveu criar a MILNET, uma rede independente para usos militares específicos. A Arpanet tornou-se ARPA-INTERNET, e foi dedicada à pesquisa. Em 1984, a National Science Foundation (NSF) montou sua própria rede de comunicações entre computadores, a NSFNET, e em 1988 começou a usar a ARPA-INTERNET como seu *backbone*⁸. (2003, CASTELLS, p. 15).

Em 1990, a ARPANET ficou tecnologicamente obsoleta, sendo retirada de operação, e sua administração passou a ser responsabilidade da *National Science Foundation*. Antes disso, é importante frisar que o Departamento de Defesa dos EUA decidiu comercializar a tecnologia da Internet, e passou a financiar empresas fabricantes de computadores para que já incluíssem os protocolos TCP/IP em suas estruturas. Por esse motivo, em 1990, a grande maioria dos computadores nos EUA já possuía a tecnologia que os permitia entrar em rede. (CASTELLS, 2003).

A *National Science Foundation* passou pouco tempo com o controle da Internet, pois com o desenvolvimento da tecnologia de redes de computadores difundido, e com a desregulamentação das telecomunicações, a NSF providenciou a privatização da Internet. De posse dessa tecnologia, provedores de serviços da Internet montaram suas redes próprias e passaram a formar suas bases comerciais.

A ARPANET não foi a única base para a formação da Internet como hoje a conhecemos. Outros sistemas que tinham como objetivo interligar computadores em rede e promover a troca de informação entre eles também foram tecnologias que contribuíram para o desenvolvimento da Internet. Não cabe aqui entrar nos detalhes técnicos que tornaram isso possível, mas é importante deixar claro os percursos que essa formação seguiu, a fim de tornar menos obscura a tecnologia que hoje é materializada pela Internet, a qual trouxe mudanças significativas nas esferas social, econômica e cultural.

Como mencionado, a ARPANET foi a primeira tentativa bem sucedida de realizar a comunicação descentralizada e a troca de dados entre redes de computadores interconectados. No entanto, em 1977, de acordo com o estudo de Castells (2003), dois estudantes de Chicago criaram um programa que possibilitava

⁸ Segundo nota do autor, *backbone* é “a infra-estrutura física da rede, por onde passam as correntes elétricas que são compreendidas como sinais”. (CASTELLS, 2003, p.15).

a troca de dados entre seus computadores pessoais, o chamado MODEM. Um ano depois, criaram o *Computer Bulletin Board System* (BBS), o qual permitia armazenar dados, além da transmissão de mensagens. Ocorre que no início da década de 1980, estes estudantes disponibilizaram os programas ao domínio público. E, conforme detalha Castells,

Em 1983, Tom Jennings, um programador que na época trabalhava na Califórnia, criou seu próprio programa de BBS, o FIDO, e iniciou uma rede de BBSs, a FIDONET. Até hoje, a FIDONET é a rede de comunicação por computador mais barata e mais acessível no mundo, baseando-se em Pcs [computadores pessoais] e ligações por linhas telefônicas convencionais. Em 2000, compreendia mais de 40.000 nós e cerca de três milhões de usuários. Embora isso represente apenas uma minúscula fração do uso total da Internet, a prática dos BBSs e a cultura exemplificada pela FIDONET foram fatores influentes na configuração da Internet global. (CASTELLS, 2003, p. 16).

Simultaneamente, em 1981, na Universidade Municipal de Nova York, outra rede de computadores também desenvolvia experimentos, só que com base no protocolo de troca de dados da IBM, e ficou conhecida como BITNET – BIT de “*Because it’s there*”, em referência ao *slogan* da IBM: “*Because it’s time*”.

Castells (2003) ainda aponta como tendência pontual na formação de redes de computadores, o uso do sistema operacional UNIX⁹, largamente utilizado por estudantes universitários, que logo desenvolveram um sistema que permitia aos computadores copiar arquivos uns dos outros. A partir daí não foi difícil que os estudantes criassem um programa para comunicação entre computadores com base no UNIX. Em 1980, numa conferência de usuários do UNIX, uma versão evoluída do programa foi distribuída gratuitamente, e, como consequência, “[...] permitiu a formação de redes de comunicação entre computadores – a Usenet News – fora do *backbone* da ARPANET, ampliando assim consideravelmente a prática da comunicação entre computadores”. (CASTELLS, 2003, p. 16). Entretanto, a Usenet gradualmente fundiu-se à rede da Arpanet, possibilitando a comunicação entre computadores de diversas redes e, finalmente, essa estrutura inicial deu início à Internet.

⁹ Segundo informações do autor, o Unix foi criado nos Laboratórios Bell e liberado para uso das universidades em 1974. (CASTELLS, 2003, p. 16).

Mas apesar de todas essas inovações, foi a criação da “www” a tecnologia responsável pela difusão da Internet no mundo todo. Conforme a exposição de Castells, Berners-Lee, um programador inglês, desenvolveu em 1990 o aplicativo de compartilhamento de informação que passaria a ser chamado *world wide web*, cuja tradução livre seria “grande teia mundial”, “grande rede mundial”, ou simplesmente “grande rede”.

Berners-Lee “[...] definiu e implementou o *software*¹⁰ que permitia obter e acrescentar informação de e para qualquer computador conectado através da Internet: HTTP, HTML e URI (mais tarde chamado URL)”. O programador inglês desenvolveu o programa navegador/editor que passaria a interligar os sistemas de informação da Internet, os hipertextos, e o chamou de www, a rede mundial. Foi através do uso desse *software* de navegação que se deu início à utilização e difusão da Internet em âmbito mundial. (CASTELLS, 2003, p. 18). A partir de então, vários programas de navegação foram criados; e em 1995, a *Microsoft* passou a distribuir seu próprio navegador, o *Internet Explorer*, juntamente com o sistema operacional *Windows 95*.

Castells resume seu panorama a respeito do que deu origem à Internet da seguinte forma:

[...] em meados da década de 1990, a Internet estava privatizada e dotada de uma arquitetura técnica aberta, que permitia a interconexão de todas as redes de computadores em qualquer lugar do mundo; a www podia então funcionar com software adequado, e vários navegadores de uso fácil estavam à disposição do público. Embora a Internet tivesse começado na mente dos cientistas da computação no início da década de 1960, uma rede de comunicações por computador tivesse sido formada em 1969, e comunidades dispersas de computação reunindo cientistas e hackers tivessem brotado desde o final da década de 1970, foi em 1995 que ela nasceu. (CASTELLS, 2003, p. 19).

Como se pode notar, não somente um, mas vários fatores combinados se articularam para a difusão da tecnologia da comunicação, troca e arquivamento de dados por computadores com localização remota. Várias tecnologias foram desenvolvidas e todas tiveram uma parcela importante na formação da rede mundial de computadores, com sua estrutura atual. Adentrar no detalhamento técnico dessa

¹⁰ *Softwares* são programas de computador, os chamados aplicativos, que são desenvolvidos para realizar instruções, organizar informações, calcular dados, editar textos etc.

revolução, ocasionada pelo investimento em pesquisas avançadas por parte do governo norte-americano não foi o propósito deste item. No entanto, coube evidenciar o quanto esse processo foi dependente de movimentos não somente tributários da tecnologia, mas resultantes da associação de saberes e interesses econômicos e culturais.

2.2.2 A relação espaço-tempo: o real e o virtual como categorias não opostas

É mais que pertinente observar que o desenvolvimento dos meios de comunicação e informação, através das revoluções da microinformática, trouxe novas formas de interação social e a difusão de uma cultura pautada na comunicação mediada por computador, tendo uma série de tecnologias associadas ao uso da grande rede mundial – como as conexões realizadas através de telefones celulares, por exemplo.

Grande parte dessa efervescência cultural, que está aliada às novas tecnologias e à possibilidade de comunicação em qualquer tempo e lugar, remete a uma reflexão a respeito do processo de virtualização que presenciamos por meio desses aparatos. Por esse motivo, ressalto a importância de apontar o significado dessa modalidade de interação social, a qual se encontra efetivada em plataformas *virtuais* de comunicação.

O uso do termo virtual é comumente associado à ausência de realidade, de uma existência material. Conforme sua origem, a palavra virtual é proveniente do termo latino *virtualis*, o qual vem de *virtus*, que significa potência. “Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato”. (LÉVY, 2003, p. 15). Isso significa afirmar que é virtual algo que está por vir, que possui o potencial de tornar-se ato e realizar-se. Há vida em potencial num embrião humano, assim como uma semente contém uma árvore em potência. A partir do momento em que: a semente torna-se árvore e o embrião gera vida, essas virtualidades passam à concretização efetiva. Conclui-se daí que o virtual é uma maneira de ser.

Deste modo, o movimento que transforma virtual em atual é definido como atualização. Já o movimento que transforma o atual em virtual é definido como virtualização. Movimento este que presenciamos através da Internet e das tecnologias de interação a ela associadas. Para Lévy, esse processo consiste em uma

[...] Passagem do atual ao virtual, em uma 'elevação à potência' da entidade considerada. *A virtualização não é uma desrealização* (a transformação de uma realidade num conjunto de possíveis), mas uma mutação da identidade, um deslocamento do centro de gravidade ontológico do objeto considerado [...]. (LÉVY, 2003, p. 17-18 – grifo meu).

É com base nessa definição que se pode afirmar que a dinâmica da virtualização, segundo Lévy (2003, p. 18), “fluidifica as distinções instituídas, aumenta os graus de liberdade, cria um vazio motor”, mas nem por isso pode-se classificá-la como um movimento desrealizante. Sua dinâmica é caracterizada por um desprendimento do aqui e agora, e é marca do fluxo de relações que a Internet protagoniza.

Um exemplo de fácil apreensão do movimento de virtualização disposto na Internet é o do hipertexto. Tem-se um texto disposto na Internet, o qual estará acessível em qualquer ponto da rede, e possui um endereço digital que, uma vez acionado, permite ativar o acesso a ele. Contudo,

[...] nessa era de informações on line, esse endereço seria de qualquer modo transitório, e de pouca importância. Desterritorializado, presente por inteiro em cada uma de suas versões, de suas cópias e de suas projeções, desprovido de inércia, habitante ubíquo do ciberespaço, o hipertexto contribui para produzir aqui e acolá acontecimentos de atualização textual, de navegação e de leitura [...]. Embora necessite de suportes físicos pesados para subsistir e atualizar-se o imponderável hipertexto não possui lugar. (LÉVY, 2003, p. 19- 20).

Por esse motivo, falar dos processos de transformação do atual em virtual é parte reveladora do movimento que nos interpela: as densas redes de interação digital que a Internet possibilita. E tornar claro o entendimento dessas potências virtualizantes é parte necessária à discussão que proponho.

2.3 Do ciberespaço à cibercultura

2.3.1 A transformação da Internet numa tecnologia de uso doméstico

“[...] O surgimento da cibercultura não é só fruto de um projeto técnico, mas de uma relação estreita com a sociedade e a cultura contemporâneas”. (LEMOS, 2002, p. 28).

Na década de 1960, os computadores eram utilizados para processamentos e cálculos complexos. As primeiras máquinas tinham sua função técnica e utilitária precisamente definidas e estavam restritas aos usos das grandes empresas, indústrias, instituições financeiras e do Estado, além de serem instrumentos destinados a estratégias militares e largamente utilizados nas universidades. (LEVY, 1999).

Porém, com as inovações tecnológicas dando-se num ritmo acelerado e com alcance indefinidos, os computadores foram, progressivamente, transformando os setores produtivos da sociedade. E o conjunto dessas evoluções técnicas atingiu níveis sociais mais amplos, propagando o uso dos computadores ao domínio doméstico.

A partir de 1980, a informática passou a confluir com os diversos meios de tecnologia da informação já existentes: televisão, cinema, telecomunicações etc. O computador tornava-se uma nova ferramenta à disposição de uma parcela crescente da população. Seus usos tomariam outras instâncias do cotidiano, como criação de textos, fotos, aplicativos de desenvolvimento de desenhos, manipulação de dados, simulação, diversão, dentre outros.

Cada vez mais utilizados como suporte de projetos individuais e compondo redes de bancos de dados das mais variadas instituições, foi surgindo um movimento sócio-cultural em fins dos anos 1980 – conforme abordado anteriormente –, alavancado por estudantes universitários americanos, que desenvolveram a interligação dos diversos terminais (computadores), resultando na criação de um sistema de troca de informações interfaceado pelo computador. Foi essa infra-

estrutura tecnológica e social que serviu de base para o surgimento da Internet, o chamado ciberespaço. Este com o potencial de uma nova plataforma de fluxo de informações, conhecimentos, sociabilidade e de transações econômicas (LEVY, 1999).

Esse meio complexo de interconexão e interligação de equipamentos é o que permitirá a denominação de ciberespaço¹¹. O prefixo “*cyber*” é proveniente da ciência proposta pelo matemático Robert Wiener, a cibernética, que estuda todo o campo de controle e da comunicação, quer seja no homem, quer seja na máquina (PAVELOSKI, 2004). Daí a íntima relação entre os conceitos da cibernética e o espaço de comunicação e interligação entre máquinas gerado pela Internet, o qual possibilita uma ampla forma de relações e acesso aos meios nela dispostos. A partir dessa relação é que se tem uma gama de novas expressões que estão diretamente ligadas aos modos de ser e fazer de quem se utiliza de algum dos recursos disponibilizados pelo moderno sistema de comunicação da Internet, como cibercultura, cibersexo, ciberdiários, *ciberpunk*, ciberjornal, dentre outras.

O ciberespaço é a interconexão mundial dos computadores via sistema de comunicação eletrônica. Um sistema aberto e universal de transmissão de conhecimento e informação, sem dependência de localização e com quantidades ilimitadas de acesso. Daí emerge uma nova órbita de produção, troca e circulação da informação, com precisão de cálculo e instantaneidade. (LEVY, 1999).

A Internet torna-se uma mídia caracterizada por seu hibridismo, a qual possibilita a convergência dos meios anteriores, como o rádio analógico e a televisão, por exemplo. Porém, o sistema de comunicação da Internet possui especificidades que a diferenciam das mídias tradicionais. Nela, as informações são privadas de um centro e seus conteúdos são dispostos de forma a possibilitar a interação direta de seus usuários, ao contrário dos meios de comunicação de massa. É aí que se encontra a diferença crucial entre a Internet e os meios clássicos de comunicação: seu sistema de difusão da informação não é unilateral, mas sim sustentado por um alto grau de interatividade e essencialmente plurilateral. (PAVELOVSKI, 2004).

¹¹ O termo *cyberespaço* foi cunhado pela primeira vez pelo escritor de ficção científica William Gibson em seu livro “*Neuromancer*”, de 1984.

O sistema de comunicação proposto pela Internet dispõe aos seus usuários uma ampla possibilidade de inserção de conteúdos. Em sua estrutura, o chamado “receptor” pode, a qualquer tempo, interagir sobre o que foi publicado e estabelecer relações com o emissor, através de *e-mails*, *chats*, fóruns, listas de discussões etc.

É importante ter em mente que, ao analisar a natureza das comunicações que são desenvolvidas no ambiente da Internet, não se tem a reprodução do esquema tradicional de comunicação, constituído por emissor-receptor, mas sim uma multiplicidade de variação e alternância dessas formas. Nos meios de comunicação mais tradicionais, a transmissão das informações dá-se através de um agente que transmite a mensagem e outro que a recebe, como no rádio ou na televisão, por exemplo. A partir da ampliação da interatividade, advinda com a Internet, o receptor de uma mensagem pode também ser seu produtor, ou vice-versa. Na Internet, essas relações entre transmissor/receptor não são mais tão polarizadas.

A troca de informações no ambiente da rede de computadores dá-se num novo contexto, o qual põe em sinergia as mídias já existentes, estimulando contatos em que é possível reciprocidade, percepções que convocam vários sentidos e uma independência das coordenadas espaço-temporais, ou seja, um novo ambiente de comunicação, diferente do proporcionado pelas mídias clássicas. Trata-se, portanto, de um novo espaço de socialização virtual, onde os sujeitos encontram-se para atividades variadas através de suportes e interfaces de acesso.

Desta forma, o ciberespaço torna-se um meio portador de expressões das esferas políticas, econômicas, culturais e humanas. E é nesse sentido que ele, conseqüentemente, trará implicações culturais, provenientes do desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação, ao lado da difusão da cibercultura, definida por Pierre Levy (1999, p. 17) como “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”.

Além disso, depreende-se daí que a cibercultura é um fenômeno amplo, situado na relação entre técnica e sociedade, e compreendê-la unicamente pelo viés

técnico seria adotar uma perspectiva reducionista. Para Lemos, a cibercultura deve ser compreendida como “uma nova relação entre a técnica e a vida social”. (LEMOS, 2002, p. 18).

O avanço tecnológico foi e é a base fundamental para a construção da infra-estrutura do ciberespaço, proporcionando o surgimento simultâneo de novas formas de interatividade que trazem conteúdos e meios específicos de apropriação. É a partir desse ambiente interligado que os sujeitos encontrarão diversas maneiras de usufruir das informações e possibilidades de entretenimento à disposição na rede mundial, disseminando entre suas práticas de interação os valores que configuram a cibercultura.

2.3.2 As dimensões da Internet no Brasil

Visando cercar-me de informações e estatísticas seguras sobre o fenômeno que observo, busquei dados oficiais sobre o acesso à Internet no Brasil a partir de pesquisas publicadas pelo IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e pelo CGI.br, Comitê Gestor da Internet no Brasil, este último sendo o órgão que gere o uso e registros de domínios, públicos e privados, de Internet no país.

O CGI.br foi criado por uma portaria interministerial em maio de 1995 com o objetivo de integrar e coordenar todos os serviços de Internet no país. O Ministério das Comunicações e o Ministério da Ciência e Tecnologia afirmaram a necessidade de se criar um comitê para garantir a participação da sociedade no que se refere à implantação, uso e administração da Internet no Brasil. Tal comitê conta com a participação dos dois ministérios, de representantes de provedores de acesso, de representantes de usuários e da comunidade acadêmica.

Através do Centro de Estudos sobre as Tecnologias de Informação e Comunicação (CETIC.br), do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR

(NIC.br), ambos ligados ao CGI.br, é publicada anualmente, desde 2005, uma pesquisa com indicadores e estatísticas sobre a disponibilidade e o uso das TIC's – Tecnologias de Informação e Comunicação – no Brasil. A pesquisa do ano de 2008¹², publicada em maio de 2009, foi utilizada como referência para a obtenção de dados relevantes para a presente pesquisa. O objetivo destas pesquisas é construir

[...] séries históricas de indicadores relevantes para a realização de análises e estudos comparativos, e, sobretudo, que ajudem os gestores públicos a desenhar políticas públicas que atendam às necessidades da sociedade brasileira para a sua efetiva inclusão digital, com consequente desenvolvimento da sociedade da informação num país continental. (BRASIL, 2009, p. 9).

De acordo com a publicação, 43% do total das pessoas entrevistadas já acessaram a Internet pelo menos uma vez no Brasil, e 57% nunca acessaram. Entre os que já acessaram a Internet, metade está localizada no Centro-Oeste, seguindo-se o Sudeste, com 47%, e o Sul, com 43%. As regiões Norte e Nordeste apresentam os percentuais mais baixos, respectivamente 36% e 35%.

Tabela 1 – Proporção de Indivíduos que já acessaram a Internet, por regiões do Brasil¹³

Percentual (%)	Sim	Não
Total	43	67
Regiões do país		
Sudeste	47	53
Nordeste	35	65
Sul	43	57
Norte	36	64
Centro-Oeste	50	50

Fonte: CGI.br, BRASIL, 2009, p. 225

¹² As publicações do CGI.br podem ser obtidas através de um cadastro no sítio da entidade, onde os interessados preenchem um formulário para aquisição do arquivo. Neste formulário, são informados o país de origem, área de atuação, faixa etária, escolaridade, e por último a finalidade do uso das informações, que podem ser: políticas públicas, monitoramento de mercado, planejamento estratégico, e pesquisa acadêmica. Somente ao preencher estas informações prévias é que o arquivo será disponibilizado. Essas publicações também estão disponíveis nas bibliotecas universitárias.

¹³ Os dados apresentados nas tabelas estão, na íntegra, nos anexos deste trabalho, de acordo com suas publicações originais.

Outro dado relevante diz respeito ao local de acesso individual mais frequente à Internet. Do total de entrevistados, 36% acessam a Internet mais frequentemente de casa; seguidos de 35% que acessam dos centros públicos pagos, as *Lan houses*¹⁴; de 14% que acessam do trabalho; 9% que acessam na casa de outras pessoas; 5% que acessam na escola; e apenas 1% que acessam de centros públicos gratuitos. Esse resultado demonstra claramente que o acesso à Internet através das *Lan houses* é bastante relevante, e já ultrapassou os ambientes de trabalho, estando apenas 1% atrás dos acessos feitos a partir de conexões domiciliares.

Como se pode observar na Tabela 2, o Nordeste possui apenas 22% de acessos residenciais, e 54% dos acessos são realizados a partir dos centros públicos pagos, das *Lan houses*. Esse número é bem alto se comparado às outras regiões do país. As regiões Sudeste e Sul empataram em 41% de acessos realizados a partir de conexões residenciais, ao passo que possuem apenas 30% e 23%, respectivamente, de acessos realizados em centros públicos pagos.

Tabela 2 – Local de acesso individual à Internet – mais frequente

Percentual (%)	Em casa	Centro público de acesso pago	No trabalho	Na casa de outra pessoa	Na escola	Centro público de acesso gratuito
Total	36	35	14	9	5	1
Regiões do país						
Sudeste	41	30	14	9	5	1
Nordeste	22	54	8	9	4	2
Sul	41	23	19	10	6	1
Norte	20	52	11	8	8	1
Centro-Oeste	37	26	18	11	5	1

Fonte: CGI.br, BRASIL, 2009, p. 229

¹⁴ *Lan houses* são estabelecimentos onde se pode conectar à Internet, pagando uma determinada quantia pelo tempo de uso do computador, são conhecidas formalmente como centros públicos de acesso pago. Nesses estabelecimentos grupos de jovens também costumam se reunir para jogar jogos eletrônicos em equipe.

Um outro dado importante são os percentuais das atividades desenvolvidas na Internet. Segundo a publicação, 90% das pessoas usam a Internet para comunicar-se. E dentre as atividades de comunicação, 77% das pessoas entrevistadas usam a Internet para trocar *e-mails*; 69% usam para participar de redes de relacionamento social como o *Orkut*, e 61% usam para trocar mensagens instantâneas (as respostas não são mutuamente exclusivas).

O Nordeste, com 76%, é a região que concentra o maior percentual de pessoas que usam a Internet para participar de redes de relacionamento social, seguido das regiões Sul (70%), Centro-Oeste (69%), Sudeste (67%) e Norte (66%). A tabela 3 exibe esses percentuais de forma detalhada.

Tabela 3 – Atividades desenvolvidas na Internet – comunicação

Percentual (%)	Enviar e receber e-mails	Participar de sites de relacionamento, como o Orkut	Enviar mensagens instantâneas
Total	77	69	61
Regiões do país			
Sudeste	76	67	62
Nordeste	76	76	59
Sul	82	70	65
Norte	74	66	54
Centro-Oeste	79	69	64

Fonte: CGI.br, BRASIL, 2009, p. 232

O IBGE, na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2008 constatou que o percentual de domicílios ligados à Internet subiu de 20% para 23,8%, em relação ao ano de 2007. Os dados demonstram que em 2008, 17,95 milhões de domicílios brasileiros, o que representa 31,2%, possuíam computador. Destes, 13,7 milhões (23,8%) de domicílios possuem acesso à Internet. É importante notar que dos domicílios com computador, 40% estão concentrados na região Sudeste e apenas 15,7% dos domicílios no Nordeste possuem computadores, sendo que somente 11,6% têm acesso à Internet.

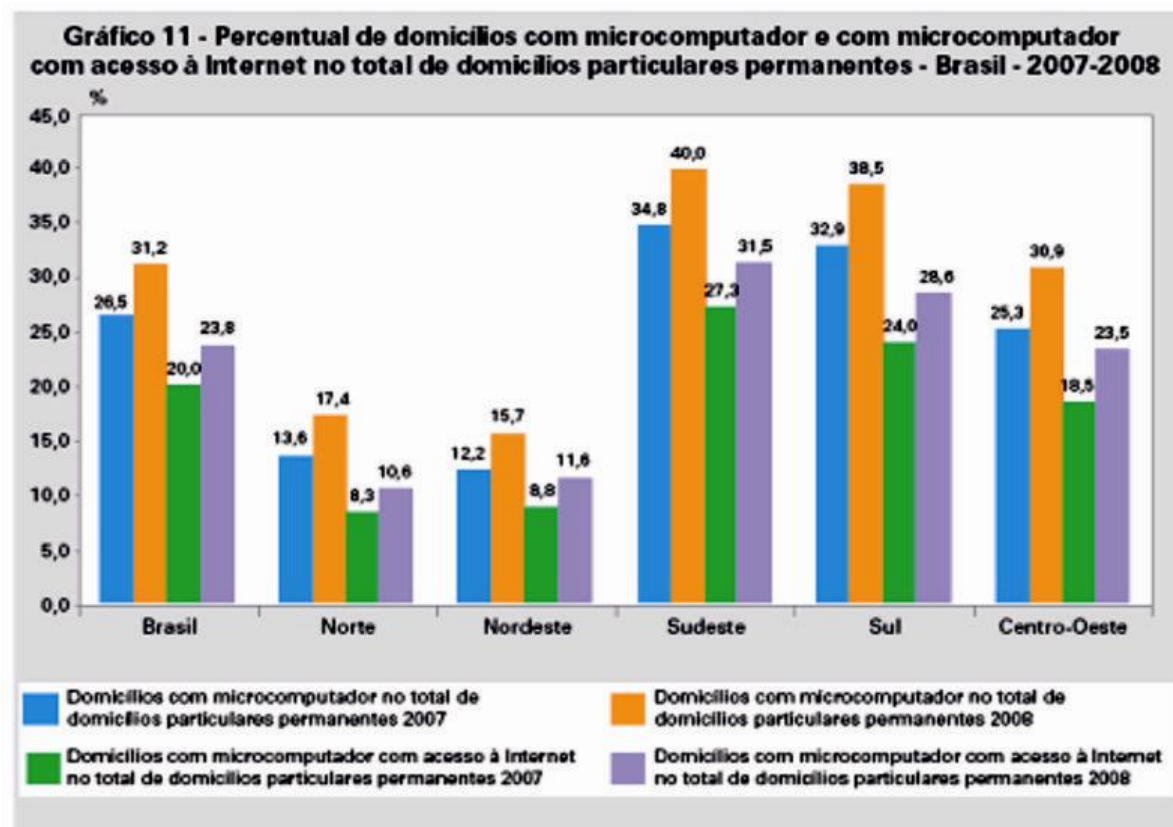


Gráfico 1 – Domicílios com microcomputador e com microcomputador com acesso à Internet, Pnad 2008.

Fonte: www.ibge.gov.br

O IBGE, como parte da pesquisa nacional por amostra de domicílios, também realiza uma pesquisa suplementar anual, tendo como objetivo mensurar o acesso da população brasileira às tecnologias de informação e comunicação. O suplemento é intitulado “Acesso à internet e posse de telefone móvel celular para uso pessoal em 2008” e foi publicado em 11 de dezembro de 2009. Como as pesquisas realizadas pelo CGI.br também apontam, é crescente o número de pessoas que acessam a Internet de centros públicos pagos, as chamadas *Lan houses*, e esse percentual na região Nordeste é bem mais expressivo do que nas outras regiões, o que é evidência do ainda escasso e desigual acesso à Internet no país.

Os dados do IBGE apontam que 35,2% dos internautas brasileiros acessam a Internet de centros públicos pagos, atrás apenas do acesso feito nas

residências, com 57,1%. O acesso realizado em local de trabalho ficou com 31%. A pesquisa de 2005 apontava uma ordem distinta, e os acessos realizados a partir do local de trabalho estavam em segundo lugar. Contudo, na região Nordeste essa ordem se modifica, estando o acesso feito em centros públicos pagos em primeiro lugar, com 52,9%; seguido do acesso residencial, com 40%; e de 23,7% de acessos no local de trabalho. Esses dados também não se distanciam da pesquisa feita pelo CGI.br, detalhados na tabela 2. A seguir, a tabela 4 exhibe esses percentuais de forma detalhada, com a distribuição dos acessos por gênero, e com destaque para os dados da região Nordeste.

Tabela 4 – Percentual de pessoas que utilizaram a Internet em cada local, por Grandes Regiões – 2008

Local de Acesso à Internet	Percentual das pessoas que utilizaram a Internet em cada local, na população de 10 anos ou mais que utilizou a Internet, no período de referência dos últimos três meses* (%)					
	Brasil	Grandes Regiões				
		Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste
Domicílio em que moravam (1)	57,1	34,1	40,0	64,6	64,0	55,1
Local de trabalho (1)	31,0	25,3	23,7	32,4	37,0	32,6
Estabelecimento de ensino (1)	17,5	15,9	14,6	16,5	24,2	18,3
Centro público de acesso gratuito (1)	5,5	4,6	4,3	6,0	6,5	4,1
Centro público de acesso pago (1)	35,2	56,3	52,9	29,2	23,7	36,9
Outro local (1)	19,7	15,0	20,6	18,9	23,3	18,7
Homens						
Domicílio em que moravam (1)	56,9	33,6	39,8	64,5	63,7	54,7
Local de trabalho (1)	33,6	27,7	26,2	34,8	39,9	35,0
Estabelecimento de ensino (1)	16,3	14,0	12,5	15,6	23,2	17,0
Centro público de acesso gratuito (1)	5,3	4,3	4,0	5,8	6,3	4,0
Centro público de acesso pago (1)	37,1	57,7	54,7	31,5	25,2	39,0
Outro local (1)	19,1	14,4	20,2	18,1	23,0	18,3
Mulheres						
Domicílio em que moravam (1)	57,2	34,6	40,2	64,8	64,4	55,5
Local de trabalho (1)	28,5	23,0	21,2	29,9	34,1	30,4
Estabelecimento de ensino (1)	18,7	17,8	16,5	17,4	25,2	19,5
Centro público de acesso gratuito (1)	5,7	5,0	4,6	6,2	6,6	4,1
Centro público de acesso pago (1)	33,4	55,0	51,2	26,9	22,3	34,9
Outro local (1)	20,3	15,6	20,9	19,8	23,7	19,1

* Os últimos três meses que antecederam a pesquisa: setembro, outubro e novembro de 2008.

(1) Inclusive as pessoas que utilizaram a Internet em mais de um local.

Fonte: www.ibge.gov.br

Essa publicação suplementar também analisa a finalidade do acesso à Internet, revelando que 83,2% a utilizam para comunicar-se com outras pessoas. As atividades de lazer ocupam 68,6%, e atividades de educação e aprendizado representam 65,9%, conforme exibido na tabela 5.

Tabela 5 – Percentual de pessoas que utilizaram a Internet para cada finalidade, por Grandes Regiões – 2008

Finalidade do acesso à Internet (1)	Percentual das pessoas que utilizaram a Internet para cada finalidade, na população de 10 anos ou mais, no período de referência dos últimos três meses* (%)					
	Brasil	Grandes Regiões				
		Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste
Educação e aprendizado	65,9	69,4	68,5	63,4	68,3	67,2
Comunicação com outras pessoas	83,2	78,1	82,3	83,9	84,1	82,8
Atividade de lazer	68,6	64,8	67,2	69,4	69,8	67,9
Leitura de jornais e revistas	48,6	43,1	43,1	51,0	49,0	50,3
Interação com autoridades públicas ou órgãos do governo	15,2	12,2	11,4	16,4	16,7	15,9
Comprar ou encomendar bens ou serviços	15,4	13,7	11,1	17,4	15,5	14,6
Transações bancárias ou financeiras	13,1	7,0	8,1	15,5	14,3	13,6
Buscar informações e outros serviços	25,5	20,2	22,6	27,4	26,6	22,6

* Os últimos três meses que antecederam a pesquisa: setembro, outubro e novembro de 2008.

(1) Inclusive as pessoas que utilizaram a Internet para mais de uma finalidade.

Fonte: www.ibge.gov.br

Também são relacionados na publicação o percentual de acesso para cada finalidade por unidades da federação e regiões metropolitanas. Na tabela 6, segue em destaque os percentuais do Ceará e Região Metropolitana de Fortaleza. No Ceará, 82% das finalidades de acesso à Internet são realizadas para comunicação com outras pessoas; e na região metropolitana de Fortaleza esse percentual fica em 82,9%, dados que não se distanciam da realidade do país.

Tabela 6 – Percentual de pessoas que utilizaram a Internet para cada finalidade, segundo as Unidades da Federação e as Regiões Metropolitanas – 2008

Unidades da Federação e Regiões Metropolitanas	Percentual das pessoas que utilizaram a Internet para cada finalidade, na população de 10 anos ou mais, no período de referência dos últimos três meses* (%)					
	Educação e Aprendizado (1)	Comunicação com outras pessoas (1)	Atividade de lazer (1)	Leitura de jornais e revistas (1)	Comprar ou encomendar bens ou serviços, transações bancárias e financeiras (1)	Interação com autoridades públicas ou órgãos do governo, buscar informações e serviços (1)
Ceará	65,8	82,0	68,1	41,7	13,2	24,4
Região Metropolitana de Fortaleza	66,4	82,9	73,3	43,8	14,0	27,9

* Os últimos três meses que antecederam a pesquisa: setembro, outubro e novembro de 2008.

(1) Inclusive as pessoas que utilizaram a Internet para mais de uma finalidade.

Fonte: www.ibge.gov.br

As questões lançadas neste capítulo visaram expor a relação existente entre tecnologia, sociedade e cultura. Tal relação está condicionada a fatores históricos e culturais, os quais são imprescindíveis para a realização de uma análise comprometida com a realidade ora vivenciada. O fenômeno que observo é reflexo dessa relação e produto de um momento em que a comunicação, mediada por aparatos técnicos, é um domínio da experiência humana que encontra evidência nesses novos mecanismos de expressão social.

No próximo capítulo, exponho uma definição e histórico do portal de relacionamentos que serviu de recorte a esta pesquisa, realizando uma descrição de suas funcionalidades, estrutura visual, e, além disso, proponho uma leitura que fornece uma possível interpretação ao seu sucesso no Brasil.

3 OS PORTAIS DE RELACIONAMENTO SOCIAL

3.1 O *Orkut*

O **Orkut** é uma comunidade on-line criada para tornar a sua vida social e a de seus amigos mais ativa e estimulante. A rede social do **Orkut** pode ajudá-lo a manter contato com seus amigos atuais por meio de fotos e mensagens, e a conhecer mais pessoas. Com o **Orkut** é fácil conhecer pessoas que tenham os mesmos hobbies e interesses que você, que estejam procurando um relacionamento afetivo ou contatos profissionais. Você também pode criar comunidades on-line ou participar de várias delas para discutir eventos atuais, reencontrar antigos amigos da escola ou até mesmo trocar receitas favoritas. Você decide com quem quer interagir. Antes de conhecer uma pessoa no **Orkut**, você pode ler seu perfil e ver como ela está conectada a você através da rede de amigos [...]. Nossa missão é ajudá-lo a criar uma rede de amigos mais íntimos e chegados [...]. (Portal Orkut, 2008. Disponível em <<http://www.Orkut.com/About.aspx>>. Acesso em 03 Abr. 2008. Grifos do autor).

O *Orkut* foi criado em janeiro de 2004 por um engenheiro de origem turca, o qual tinha o intuito apenas de manter e ampliar sua rede de amizades e relacionamentos. Funcionário do grupo Google, Orkut Büyükkökten forneceu seu nome ao empreendimento de caráter pessoal e independente da empresa em que trabalhava. Mas o grupo, percebendo o potencial do projeto, comprou a ideia; e a disseminação do portal de relacionamentos, associada à marca Google, rapidamente tornou-se um sucesso¹⁵.

A ideia do *Orkut* é aparentemente simples. Orkut Büyükkökten desenvolveu uma página na Internet, publicando algumas de suas características pessoais, fotos etc, e convidou seus amigos a participar. Estes, por sua vez, chamaram seus amigos, que também convidaram outros; e, sucessivamente, a rede se ampliou. Logo no início, só quem recebia um convite podia fazer seu cadastro e participar da rede. Mas essa regra mudou no final do ano de 2006, e agora as pessoas não precisam de convite para fazer seus cadastros e participar da rede.

¹⁵ No portal da *Wikipedia* informa-se que o criador do *Orkut* seria partidário da lei dos seis graus de separação – onde qualquer habitante do planeta estaria ligado a qualquer outro pelo intermédio de, no máximo, cinco amigos. E acredita-se que o engenheiro tinha isso em mente ao desenvolver sua rede de relacionamentos virtual.

No portal, os participantes compartilham diversas informações, como idade, preferências alimentares, grau de instrução, estado civil, dentre outras. Podem se tornar amigas umas das outras, e aglutinar-se para participar de alguma comunidade em torno de um assunto específico. Orkut deu a liberdade de qualquer participante criar sua “comunidade” dentro da rede. Ou seja, uma pessoa pode criar uma comunidade em torno de um assunto que lhe interesse, e a partir daí, convidar seus amigos a participar. Por exemplo, existe a comunidade “Nós gostamos do Chico Buarque”, onde nela as pessoas interagem, criam listas de discussão e trocam informações a respeito de seu ídolo em comum.

No *Orkut* também existe uma sessão destinada a recados, onde os participantes podem trocar mensagens de interesse mútuo. Além disso, podem inserir imagens em seu álbum de fotografias, e disponibilizar vídeos pessoais. Acrescente-se que, nestas sessões, as mensagens, fotos e vídeos são publicamente visíveis. Contudo, o participante pode administrar até certo ponto seu nível de publicidade, restringindo o acesso a estas sessões exclusivamente à sua rede de amigos.

A qualquer momento, o *Orkut* pode receber inovações e recursos mais avançados, pois possui uma equipe de profissionais que se dedica a desenvolver e dar suporte às funcionalidades desta enorme rede social. Através do *blog*¹⁶ oficial do portal, é possível conhecer ações que estão sendo realizadas para sua inovação, ou notícias publicadas a respeito da rede.

A dinamicidade de redes sociais como o *Orkut* tem sido um atrativo para um número grande de pessoas, particularmente os brasileiros. Atraído pela popularidade do portal no Brasil, em abril de 2007, nosso país recebeu a visita do engenheiro criador da rede social. Orkut disse não entender o sucesso que sua criação faz no Brasil, afirmando numa entrevista, publicada no sítio da Folha, que acha ser nossa “cultura amigável” a razão de tanta popularidade. (DÁVILA, 2005).

¹⁶ Disponível em <<http://blog.Orkut.com>>

Com cerca de 53,86%¹⁷ do total de usuários do *Orkut*, seguido por Índia (16,96%) e Estados Unidos (15,12%), os brasileiros são os maiores frequentadores da rede social, segundo dados postados no *blog* oficial do portal¹⁸. Mas os números, por mais atualizados que estejam, não são capazes de expressar a realidade fielmente, tendo em vista a velocidade com que novos perfis são publicados ou extintos. Contudo, as estatísticas ilustram a magnitude do fenômeno.

No *Orkut*, os usuários mantêm contato entre si de forma assíncrona, isto é, a sociabilidade e o “encontro” entre as pessoas não dependem de tempo e espaço para ocorrer. Assim como num *e-mail*, as pessoas trocam mensagens de maneira não instantânea, e as mensagens, recados ou visitas recebidas só serão visualizadas no momento em que o usuário acessar seu perfil publicado no portal. Porém, o *Orkut* a todo momento recebe inovações e hoje é possível comunicar-se com qualquer participante que estiver conectado ao portal de forma instantânea, através de um aplicativo de bate-papo.

No Brasil, os usuários costumam passar várias horas do seu dia, ou até mesmo o dia todo, conectados ao portal, o que possibilita que eles monitorem e leiam de maneira quase instantânea os acessos ao seus perfis e os recados que recebem dos amigos. Nos próximos itens, descreverei como se deu a experiência com o *Orkut* na pesquisa, e os detalhes de suas funções e estrutura visual.

3.1.2 Observações e experiências com o *Orkut*

Minha constatação do crescimento da popularidade das redes sociais no Brasil veio informalmente, quando percebi que o *Orkut* passou a ser objeto de revistas de notícias. Além disso, houve o disse-me-disse de amigos que possuíam perfis publicados no portal. O conhecimento das estatísticas oficiais ratificou minha

¹⁷ No blog oficial não é divulgado o total de usuários em números absolutos, apenas em porcentagem.

¹⁸ Disponível em <<http://blog.Orkut.com>>. Acesso em 03 Abr. 2008.

percepção apriorística, e fez com que aflorasse em mim o desejo de investigar a dimensão sócio-cultural desse fenômeno.

Além dessas primeiras constatações, em minha pesquisa para o trabalho de conclusão do curso de Ciências Sociais, trabalhei o tema dos diários íntimos publicados na Internet, os *blogs*. Em 2005, no início da pesquisa sobre o diarismo virtual, a utilização do *Orkut* ainda era incipiente, mas, ao longo do estudo, fui percebendo sua ascensão e rápida difusão entre o público adolescente e adulto. Essa percepção se deu pelo fato de que os informantes da pesquisa passaram a me questionar se eu participava do *Orkut* para que pudesse manter um contato mais “facilitado”¹⁹ com eles. Foi então que decidi participar do *site* de relacionamentos, e pude, a partir disso, constatar sua dinâmica de interatividade social.

Depois da conclusão do estudo sobre o diarismo virtual, o perfil que mantinha no *Orkut* ficou inativo, pois não costumava acessá-lo, e quando o fazia não publicava muitas informações a meu respeito. Uma imagem da poetisa Florbela Espanca era utilizada para identificar meu perfil, além do meu *e-mail*, e algumas comunidades sobre sociologia. Porém, ao iniciar a pesquisa atual, tive de reativar o uso do meu perfil, e realizar observações ao portal, o que se daria mediante participação mais efetiva no *site*.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, adotei um diário de campo, visando registrar os acessos que fazia ao *site* de relacionamentos alvo do meu recorte empírico. E a partir de novembro de 2008 dei início às observações ao portal de relacionamentos. Essas observações foram adquirindo um caráter sistemático, e através da adoção do diário de campo, pude registrar ações que mereciam destaque, bem como atitudes corriqueiras de seus usuários. Nesse diário também registrei impressões acerca do campo, notícias que eram publicadas a respeito do portal e conversas que tenho com pessoas que utilizam o *site*. Todos esses procedimentos estão metodologicamente ancorados no método da etnografia, o qual posteriormente será discutido.

¹⁹ Os participantes da pesquisa sobre o diarismo virtual consideravam mais rápido retornar recados e comunicações postadas no *Orkut*, pois o acessavam com maior frequência do que a seus *e-mails* pessoais. Era comum eu lhes enviar *e-mails* e passar de três a cinco dias sem resposta, ao passo que quando passei a deixar-lhes recados via *Orkut* a resposta vinha após alguns minutos.

Durante essa observação atenta e (des)atenta, que se deu através de vivências e experiências no campo virtual e fora dele, pude constatar que o método etnográfico permite, de acordo com a visão de Laplantine, “dar lugar também a uma atitude de deriva [...], de disponibilidade e de atenção flutuante que ‘não consiste apenas’ em ficar atento, mas também e, sobretudo em ficar desatento, a se deixar abordar pelo inesperado e pelo imprevisto”. (LAPLANTINE, 2004, p.18).

E foi a partir dessa participação que pude constatar, e vivenciar, alguns dos relatos e experiências dos informantes da pesquisa; assim como perceber melhor de que forma se dão as interações no *site*. A partir de então, passei a publicar informações mais detalhadas no meu perfil, como estado civil, filmes preferidos, atividades, paixões etc. Também vi a necessidade de colocar minha foto para identificar meu perfil, assim como publicar alguns álbuns com fotografias pessoais, a fim de minimizar, junto aos participantes da pesquisa, possíveis dúvidas com relação a minha identidade, que poderia correr o risco de ser confundida com um perfil falso.

Todas essas publicações serviram para me tornar uma participante mais atenta à dinâmica do *Orkut*, podendo captar suas funções e usos mais corriqueiros. Quando passei a publicar fotografias, notei que várias pessoas, das que estavam relacionadas à minha rede de amigos no *site*, passavam a visitar meu perfil a fim de conferir as fotos postadas. Isto porque o *Orkut* avisa quando alguém que faz parte de sua rede de contatos publica algo novo. Percebi que essa simples ação trazia pelo menos um grande impacto: o aumento dos visitantes ao meu perfil. Um outro impacto que pode ser apontado é o número de comentários que a fotografia postada recebe, pois é possível realizar comentários nas fotos publicadas no portal.

Foram situações como estas que me tornaram uma participante mais efetiva do *site*, assim como me habilitaram a analisar melhor as situações de interação e publicização que a todo momento impulsionam as relações por ele mediadas. Além das observações realizadas no ambiente virtual, através da participação no *site*, não fugiram à minha percepção situações ocorridas em meu cotidiano, provenientes dos círculos sociais que frequento. É comum notar comentários que surgem sobre o *Orkut* na conversa dos amigos, como: “você já

colocou aquelas fotos no *Orkut?*"; "me procura no *Orkut* e me adiciona"; "me manda um recado, que a gente combina".

Publicar informações ou registros fotográficos dos detalhes e acontecimentos de minha vida pessoal era uma atividade que não me interessava, até a realização da pesquisa. Apesar de estar inserida numa cultura gestada sob o fascínio das novas tecnologias, minha conduta pessoal oferecia certa resistência a esse tipo de expressão. Entretanto, é válido observar que o pesquisador, essencialmente aquele que faz uso da etnografia, "deve ser capaz de viver no seu íntimo a tendência principal da cultura que está estudando"; assim como "impregnar-se dos temas obsessivos de uma sociedade, dos seus ideais, de suas angústias". (LAPLANTINE, 2004, p. 22).

A experiência de Evans-Pritchard evidencia bem essa atitude dos antropólogos face sua leitura e vivência em campo:

[...] Quando estive com os Nuer, não me interessava de forma particular pelo gado, mas eles sim, de tal forma que, de bom ou mal grado, tive que me interessar pelo gado também. Precisaria eventualmente adquirir uma manada pessoal para que me aceitassem ou, pelo menos, que me tolerassem. (EVANS-PRITCHARD *apud* LAPLANTINE, 2004, p. 23).

Desta forma, fazer parte do contexto que observava era necessário à pesquisa e ao entendimento dos valores, motivações e interesses daqueles que ora participam de recursos de interatividade e expressão, como os portais de relacionamento social.

A forma de interação proporcionada pelo *site* dá às pessoas, muitas vezes distantes em tempo e espaço, uma forma de relacionamento até então não vista em termos de rapidez e acesso às informações. Mesmo que esse modelo não se perpetue e seja suplantado por outra tecnologia, ele redimensionou sobremaneira o modo como as pessoas se relacionam. Tendo como suporte essa vivência, pude descrever e compreender de maneira mais aprofundada as principais funções do portal, assim como sua estrutura visual. Com base nessa experiência, o próximo item traz a descrição das principais funcionalidades do *site*.

3.1.3 Principais funcionalidades e estrutura visual

Como foi dito, no *blog* oficial do portal, assim como no próprio portal é possível ter acesso aos dados demográficos²⁰ dos membros do *Orkut* no mundo todo, conforme a figura 1.



Figura 1: Dados demográficos

De imediato, podemos observar que os jovens com idade entre 18 e 25 anos são maioria dentre os membros do *Orkut*. Os interessados em amigos também estão em maior número (64,17%). 36,98% se declaram solteiros, e 40,98% optaram por não declarar sua situação conjugal.

É válido observar que estas quantificações são baseadas nas respostas que os usuários colocam ao se cadastrarem no portal de relacionamentos. Aqui, não há como saber se tais respostas correspondem à verdade, dada a possibilidade do usuário omitir e fantasiar algumas de suas informações, ou mesmo mentir sobre elas, no ato do preenchimento do formulário de cadastro no *site*. Todavia, levaremos

²⁰ Disponível em <http://www.Orkut.com/MembersAll.aspx>. Acesso em: 03 Abr. 2008.

em consideração as respostas declaradas, principalmente porque estas não estão distantes das pesquisas realizadas sobre o uso do portal no Brasil e em outros países.

Para se ter acesso ao *Orkut*, primeiro é necessário realizar um cadastro e criar uma conta para gerenciar o perfil a ser gerado. Na época de seu lançamento, o portal exigia que seus participantes enviassem convites para seus amigos e conhecidos, a fim de que estes pudessem adentrar em sua rede de contatos. Esta era a única maneira de participar do portal. Assim, só quem fosse convidado poderia criar seu perfil e fazer parte do portal de relacionamentos. Desde 2006, o envio dos convites passou a não ser mais necessário; e desde então, qualquer pessoa que acessar o portal pode cadastrar-se e criar seu perfil.

Na figura 2, tem-se a primeira visão *site*.

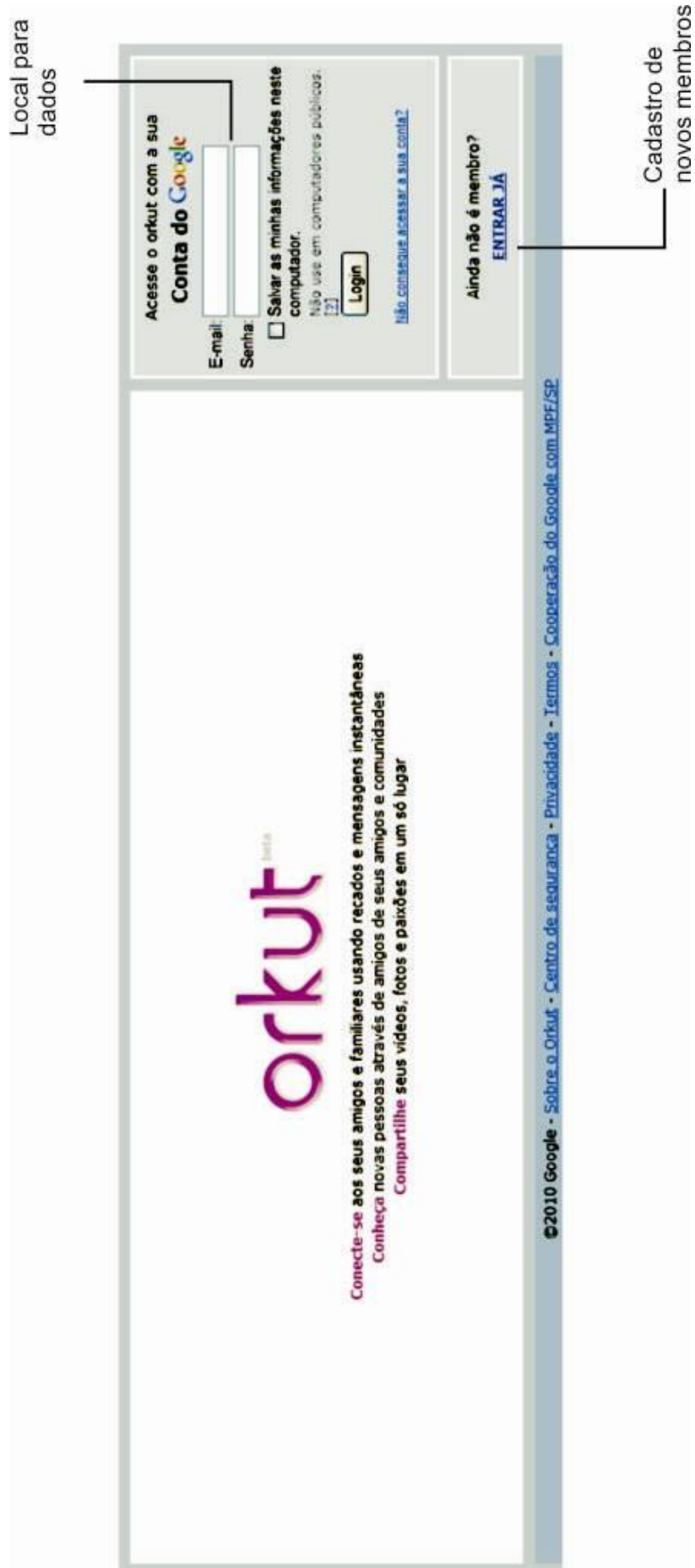


Figura 2: Página inicial

Quem já possui cadastro, basta inserir seus dados no canto superior direito da tela e clicar no botão *login*. Logo mais abaixo, existe um *link* com a inscrição “entrar já”, para que aqueles que ainda não são membros do portal possam realizar seu cadastro e participar da rede.

Ao inserir os dados necessários para entrar no *site*, nos é apresentada a seguinte tela:

Figura 3a: Página do usuário

Opções para troca de cores e tema do perfil

Frase para definição pessoal

Imagem do perfil

Visitantes recentes

Perfil / recados / fotos / vídeos

Amigos sugeridos pelo Orkut

Aniversariantes

Depoimentos recebidos

Atualizações

Anúncios e eventos promovidos por amigos

Lista de amigos

Bem-vinda, Aline
 Como digo para seus amigos!
 mais recente: Nada parecido com a nossa história tem sido escrito e nem será. Pois jamais nos sentiríamos dispostos a fazer do público o nosso confidente.
 Visitantes recentes:

Amigos sugeridos pelo orkut
 SORANA NASCIMENTO adicionar
 Jhôn-John New Life with adicionar
 Vinícius Limaede adicionar
 Teresa Maia adicionar

Novidades
 Aniversários 1 hoje
 solicitação de amigos de The Jones (The Cranberries cover) | apertar? sim não visualizar 3 mar 29/10/2009
 depoimento de b5 HP b5 | visualizar 29/10/2009
 depoimento de Marara Magalhães | visualizar 05/08/2009

Atualizações todas minhas atualizações grupos | editar grupos 23:57
 Fabio Parente adicionou 2 novos vídeos 0:37 0:35

Edson Dantas diz "FOSSEMIOS ETERNOS QUANDO ERA PRIMEIRO, PRIMEIRO E CERTEIRO AMOR ERA

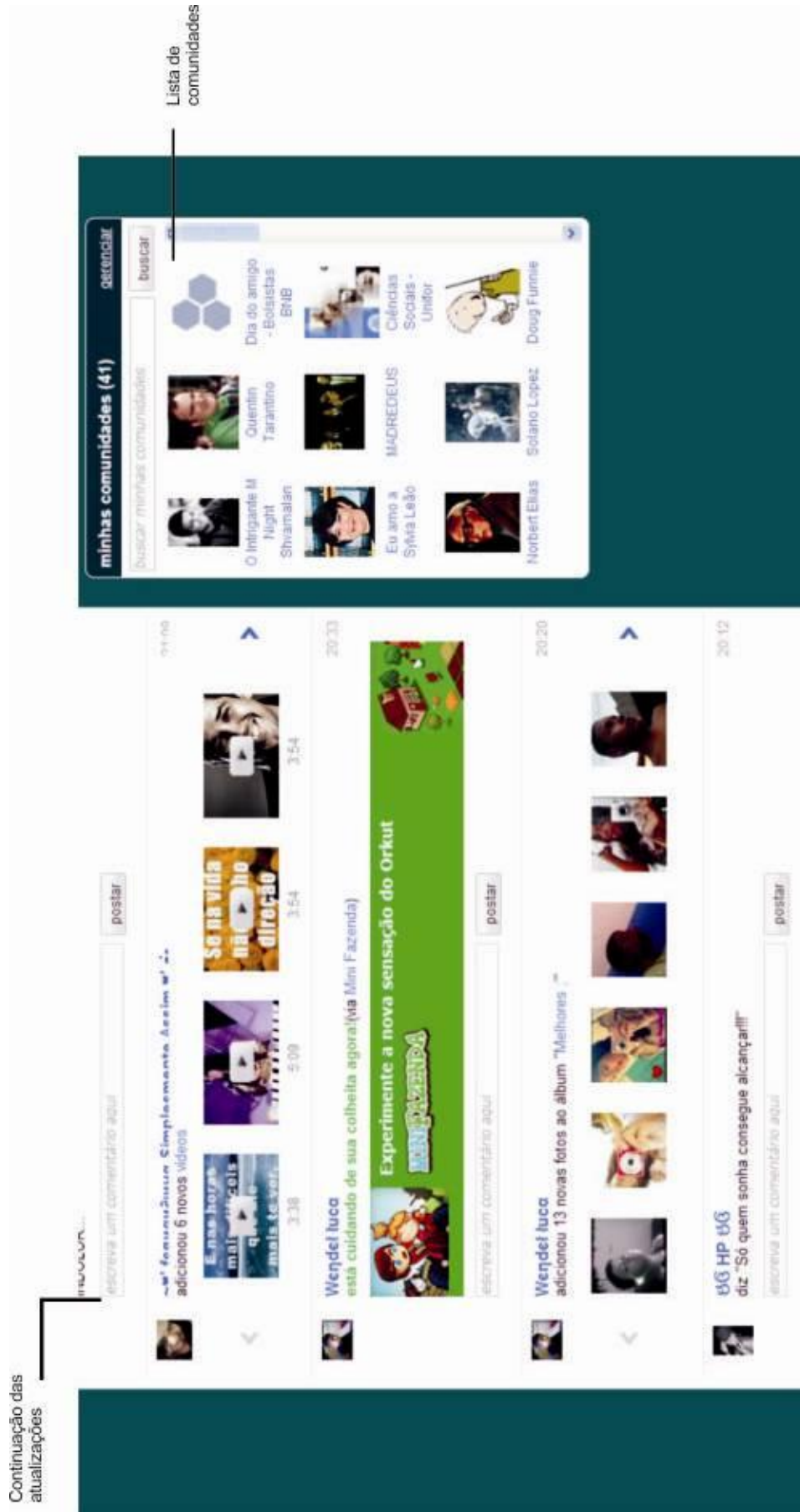
blusas pintadas e bonés pintados. Baus, relógios e caixas personalizadas. LINDÍSSIMAS CONFIRA

1 amigo promoveu isso: Claudio legal, promovia isso!

meus amigos (152) buscar

Ah, Terf
 Jefferson Veras
 Cynara
 Franciane
 MARILO LÓBO
 LIMA
 MARILO LÓBO
 MARILO LÓBO

Figura 3b: Página do usuário



Logo ao entrar, é possível que o usuário tenha acesso a informações de quem visitou o *site* recentemente, os próximos aniversariantes, as atualizações que seus amigos fizeram nas últimas horas, os amigos aos quais está conectado, e suas comunidades. Também é possível contar com a sugestão de novos amigos, pois o portal faz um cruzamento de contatos em comum com os participantes de sua rede e que ainda não fazem parte da sua, dando-lhe a oportunidade de ampliar sua rede de amizades. Já no canto superior direito da tela, constam informações, campanhas, eventos ou produtos que os amigos estão promovendo.

O *Orkut* remodela-se a todo o momento, visando manter seus membros satisfeitos com seus serviços e novidades. O portal é de fácil navegação e as informações logo são encontradas, até mesmo por aqueles que não têm tanta familiaridade com o uso desse tipo de *site*. Recentemente, no final do ano de 2009, todo o *layout* do portal foi transformado e uma nova versão foi disponibilizada aos participantes, que agora podem personalizar ainda mais sua página, sendo permitido trocar as cores e temas que ilustrarão o perfil de cada membro.

Ao acessar o perfil de um usuário, quer seja ou não participante de sua rede de amigos, tem-se a tela apresentada na figura 4.

Disponibilidade para bate-papo on line

Quantidade de fãs

Dados do perfil

Aline Matos
Início > Meu perfil

Nada parecido com a nossa história tem sido escrito e nem será. Pois jamais nos sentiríamos dispostos a fazer do público o nosso confidente. [editar](#)

Quem vê meu perfil assim?

recados 484 fotos 57 vídeos 0 fãs 4 confidável 28 legal sexy

social profissional pessoal [editar](#)

relacionamento: **casado(a)**
aniversário: **1 janeiro**
idade: **30**
idiomas que falo: **Português (Brasil), Francês, Inglês (EUA), Latim**
interesses no orkut: **amigos, companheiros para atividades, contatos profissionais** [editar](#)

quem sou eu: **"Há duas espécies de chatos: os chatos propriamente ditos, e os amigos, que são os nossos chatos prediletos". Mário Quintana**

filhos: **não**
etnia:
religião: **Cristão/católico**
visão política:
humor:
orientação sexual: **heterossexual**
estilo:
fumo:
bebô:
animais de estimação:
moro:
cidade natal: **Fortaleza**
página web: [editar](#)

paixões: **Filosofia, Sociologia, História, Literatura.**
esportes:
atividades: **Mestranda em Sociologia (UFC).**
livros: **Fragmentos de um discurso amoroso (Roland Barthes); Werther (Goethe); Florbela Espanca; Zigmunt Bauman.**
música: **Madredeus; Clássica; The Cranberries; Fado.**
programas de tv:
filmes: **Le Fabuleux Destin D'Amelie Poulain; os de Arte, sempre.**
cozinhas: [editar](#)

e-mail: **alinemmatos@gmail.com**
telefone residencial:
telefone celular:
linha de endereço 1:
linha de endereço 2:
cidade: **Fortaleza**
estado: **Ceará**
código postal/CEP:
país: **Brasil**

meus amigos (152)
procurar amigos

Ah, Teri Carlos G. Nicole
MÁRIO LÔBO Linhares Mayara
Edson Elano Gina
[ver todos >](#) [gerenciar](#) [encontrar mais amigos >](#)

minhas comunidades (41)

Zygmunt Bauman (4.489) Boisistas Capes (1.761) BIRÔ DE SERVIÇOS - MOACIR MELO (15)
O Intragante M Night Shyamaian (93) Teresa Salgueiro (1.684) Herbert Marcuse (Brasil) (1.885)
[ver todas >](#) [gerenciar](#)

Figura 4: Perfil social

A imagem que fica visível no perfil de cada usuário pode ser alterada a qualquer momento, e outras fotografias que não necessariamente sejam a do dono do perfil poderão ser utilizadas. Alguns preferem associar sua imagem a desenhos, paisagens, ídolos etc. Também se pode alterar a qualquer tempo a frase de auto-

definição que aparecerá visível logo abaixo do nome do usuário, assim como as definições de “quem sou eu”.

O perfil no *Orkut* divide-se em três sessões: social, pessoal e profissional. No caso exemplificado na figura 4, temos o perfil social, onde descrevo algumas de minhas características, como estado civil, religião, orientação sexual, idade, dentre outras. No meu caso, decidi não publicar características nos perfis pessoal e profissional, e abaixo exibo ilustrações de uma participante que publica informações nestas sessões²¹.

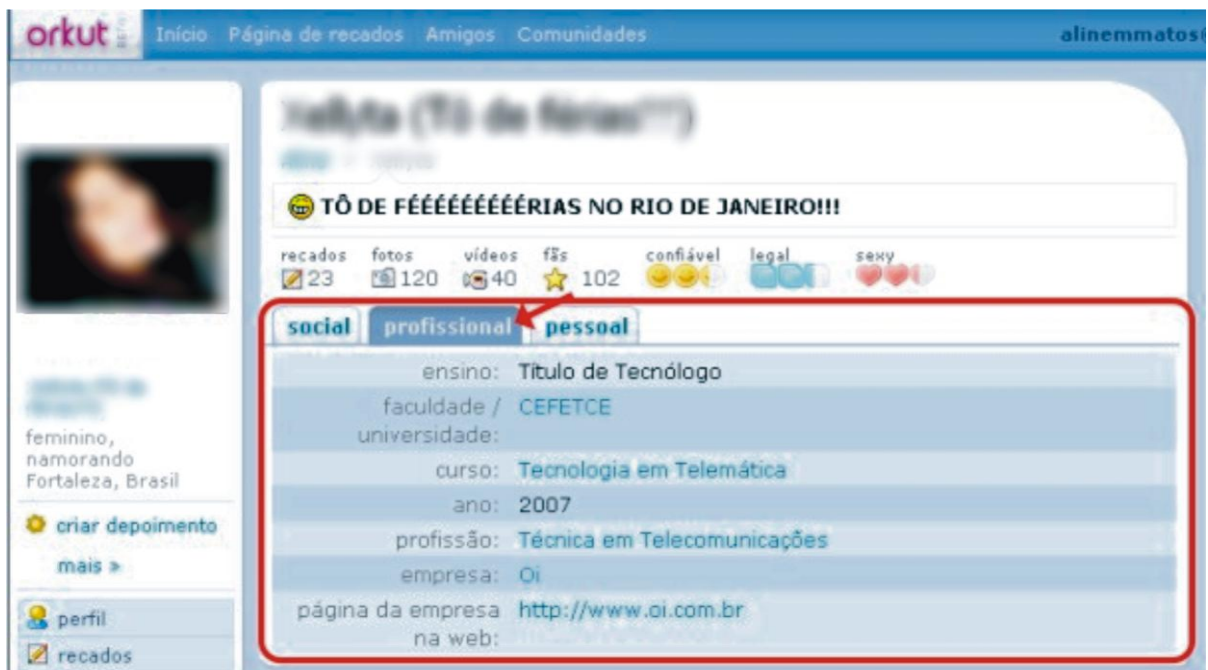


Figura 5: Perfil profissional

²¹ O nome e a imagem da participante foram omitidos, a fim de preservar sua privacidade.



Figura 6: Perfil pessoal

Quando acesso o perfil de uma das pessoas que fazem parte de minha rede de amigos, tenho acesso a todas as informações que estão disponíveis no perfil acessado. Porém, no *Orkut*, é possível que o usuário administre sua privacidade, delegando permissões exclusivas à sua rede de amigos. Dentro dessa gestão de privacidade, pode-se determinar quem pode ou não ver um álbum de fotos, por exemplo. Ou ainda quem poderá ter acesso aos recados, vídeos, depoimentos etc.

Minhas configurações
Início > Minhas configurações

geral **privacidade** notificações bate-papo celular

ativar a marcação de fotos: sim
- As pessoas podem marcar seus amigos em minhas fotos
— Meus amigos podem me marcar em fotos
— As pessoas podem ver uma lista das fotos em que estou marcado

minhas atualizações: mostrar atualizações ocultar atualizações
mostrar atualizações de fotos, vídeos, depoimentos, novas amizades, novos membros de comunidade e alterações de perfil aos meus amigos. Os recados não vão ser exibidos. ?

visitantes do perfil: mostrar visitas do perfil ocultar visitas do perfil
mostrar quem visita meu perfil (e deixar que os outros vejam quando eu visito o deles)

orkut nos resultados da pesquisa do Google: mostrar informações ocultar informações
mostrar minhas informações do orkut, inclusive minhas fotos, como parte dos resultados de pesquisa dos meus amigos no google.com.br

permitir que as pessoas me encontrem pelo meu endereço de e-mail: Permitir que me encontrem Não permitir que as pessoas me encontrem
deixar que pessoas que sabem o meu endereço de e-mail encontrem o meu perfil no orkut

solicitações de amigo podem ser enviadas por: qualquer um no orkut.com alguém que se enquadra em uma das opções selecionadas a seguir
restringir as solicitações de amigos e permitir apenas que pessoas que atendam os seus critérios se tornem seus amigos ?

pessoas que sabem o meu endereço de e-mail (padrão obrigatório)
 amigos dos meus amigos
 pessoas dos seguintes países e regiões

permitir que o conteúdo seja acessado por: restringir as pessoas que podem acessar meu conteúdo

ver página de recados ▼
escrever na página de recados ▼
vídeos ▼
depoimentos ▼
eventos ▼
fotos [Gerenciar suas configurações de privacidade de fotos por álbum](#)

Permissão para que os amigos me marquem em suas fotos

Opção para mostrar atualizações pessoais na página dos amigos

Opção para mostrar visitantes do perfil / perfis visitados

Divulgar e-mail para sugerir perfil aos amigos

Pessoas que podem enviar solicitações de amigos

Opções para restrição do conteúdo do perfil

Figura 7: Configurações de privacidade

Logo que acesso a página de algum de meus amigos, tenho acesso às informações disponíveis a mim, como seus recados, álbuns de fotografias, últimas atualizações, informações do perfil, e se temos algum amigo em comum em nossas redes de contato.

Definição do perfil

Perfil detalhado

Atualizações

Espaço para mandar recado

Fotos que receberam comentários

Depoimentos recebidos

Deixar um depoimento

Amigos dela

Amigos em comum

Comunidades dela

Figura 8: Perfil de amigos

Na sessão “Amigos em comum”, caso exista algum usuário que é amigo da pessoa que acessa o perfil de qualquer participante, automaticamente são exibidos os amigos que eles possuem em comum. Caso não existam amigos em comum, a sessão simplesmente não aparece. Neste caso em particular, escolhi uma usuária que possui alguns amigos em comum comigo.



Figura 9: Amigos em comum

A sessão “Depoimentos” abriga os relatos que alguns usuários podem destinar aos seus amigos. No caso deste perfil, a usuária recebeu o depoimento de quatro de seus amigos, conforme exibe a figura 8. Geralmente, nesta sessão, os usuários escrevem algo mais elaborado, visando homenagear e ressaltar as qualidades do destinatário de seu depoimento.

Já a sessão “Comunidades” é destinada a aglutinar todas as comunidades da qual o usuário participa. Igualmente à sessão “Amigos”, o número que aparece entre parênteses e em negrito revela a quantidade de comunidades que a usuária participa. Neste espaço, também não surge todas as comunidades que a usuária participa. Porém, basta deslizar a barra de rolagem que o restante das comunidades das quais o usuário é participante surgirá.

Recados, fotos, vídeos: nestes espaços, temos pequenos ícones ilustrando sessões específicas para termos acesso aos recados que os amigos da usuária destinaram a ela, suas fotos, vídeos, assim como é possível ver, ao clicar no sinal de mais, quem são os amigos que se dizem seus fãs. Também é possível visualizarmos um número logo ao lado, o qual se destina a indicar a quantidade de recados, fotos ou vídeos que ele possui. Neste caso, é possível saber de imediato

que a usuária tem 0 recados, 153 fotos e 7 vídeos. Quando clicados, cada ícone nos leva a visualizar os recados, fotografias e vídeos do usuário.

Minha página de recados

postar

Selecionar: [todas](#), [nenhuma](#) excluir denunciar spam atualizar

HP:

Ateeeeeeeende!

[Responder](#)

24 fev | [spam](#)

HP:

Mulher, eu n sei mandar depoimento por esse novo orkut

[Responder](#)

24 fev | [spam](#)

HP:

Oieeeee!!!

Mulher, o display do meu cel tá quebrado. E diz ai...Um presidiário passou o dia ligando pra mim, por isso n atendia, pois pensava q era ele 😞 Ei, por mim tá combinado, viu?! Abração!!!

[Responder](#) | [Visualizar conversa](#)

22 fev | [spam](#)

karen,agradeço a:

Parabens pra vc nessa data querida muita felicidade muitos anos de vida . Que Deus te abençõe e te ilumine sempre que ele te de forças pra encarar as dificuldades que te faça superior a elas e que ele ponha em suas mão o trofeu da vitoria de todas as batalhas que a vida apresentar. bjs te adoro muito e FELIZ ANIVERSARIO .

[Responder](#)

21 fev | [spam](#)

♥Regiane♥:

Amiga, feliz niver, que você continue sendo essa pessoa maravilhosa e linda que és. Que Deus possa continuar te abençoando com muita saúde, paz e sonhos realizados. Muitas saudades de vc e quero te ver breve, breve. Um beijo grande da sua amiga que não te esquece.

[Responder](#) | [Visualizar conversa](#)

21 fev | [spam](#)

♥Simone:

Feliz 2010!

Espero que você esteja aproveitando as férias. Escreva, estude, mas passeie também. É bom demais! Beijós.

8 jan | [spam](#)

Figura 10: Mural de recados

No *Orkut*, é muito movimentada a seção destinada aos recados que os participantes recebem. Neste espaço, ficam visíveis as mensagens que lhe são destinadas, e o usuário pode respondê-las, ou simplesmente apagá-las, de acordo

com seu interesse. Como falamos anteriormente, fica a critério do usuário restringir o acesso ao seu mural de recados apenas aos amigos de sua rede. Já as mensagens não são públicas e apenas o usuário pode visualizá-las, como numa conta de *e-mail*.

A seção que se refere às fotografias também é bastante acessada. E logo que algum usuário insere ou modifica seus álbuns de foto, assim como qualquer nova alteração que fizer em seu perfil, a atualização surge na página de seus amigos. Também é importante destacar que os usuários podem fazer comentários acerca das fotos de seus amigos, travando a partir daí um diálogo com o protagonista da fotografia. Basta acessar o álbum desejado para se ter acesso às fotografias.

Fotos de Aline meus álbuns (3) fotos comigo

[Criar um álbum](#)



SBS - RIO (2009) (24)

28/10/2009

quem pode ver:  todos do orkut

[editar](#) [adicionar fotos](#) [excluir](#)



Nós (16)

10/07/2009

quem pode ver:  todos do orkut

[editar](#) [adicionar fotos](#) [excluir](#)



Álbum de Aline (17)

07/07/2009


quem pode ver:  todos do orkut



[editar](#) [adicionar fotos](#) [excluir](#)



Figura 11: Álbuns de fotografia



A seção “Vídeos” também possui sua atratividade, podendo o usuário inserir qualquer vídeo pessoal, clipes de artistas favoritos, assim como vídeos postados no portal *youtube*, que também pertence ao grupo Google, bastando para isso indicar o *link* em que se encontra o vídeo a ser postado, conforme indica a figura 11.

meus videos

 Insira o URL do seu vídeo **YouTube** favorito:
 exemplo:

 **MADREDEUS - Haja o Que Houver (video oficial)** | [editar](#) 25/04/2009 
 Music Video Directed by José F. Pinheiro 1998 Portugal ... madredeus
 paraíso teresa salgueiro zé pinheiro pedro ayres magalhães come what
 way novela negócio da china
 4:32

 **Amelie Poulain** | [editar](#) 25/04/2009 
 music La Valse D'Amélie [Piano Version] La Valse D'Amélie [Orchestre
 Version] -Yann Tiersen ... fabuleux destin amelie poulain amelie audrey
 4:41

 **Damien Rice - The Blower's Daughter - Official Video** | [editar](#) 24/04/2009 
 Official video for Damien Rice's song "The Blower's Daughter," from his
 album O. The song was featured in the film "Closer." The video
 4:55



 **Capitu - Elephant gun** | [editar](#) 24/04/2009 
 * Elephant gun: é uma arma de calibre largo. Ela tem esse nome
 porque originalmente eram feitas para uso de caçadores de elefantes
 ou outras caças perigosas.
 5:06

Figura 12: Vídeos

Um outro detalhe acerca do perfil do usuário é a possibilidade de “Qualificar os amigos”. Nesta sessão, o participante poderá atribuir qualificações aos seus amigos através de três índices: confiável, legal e sexy; de modo que cada um

tenha o percentual destes índices em seu perfil. Na página do usuário, onde ele tem a listagem de seus amigos, ele poderá gerenciar seus contatos e atribuir a cada um estes três indicativos. Ele verá ao lado do nome do seu amigo três *smiles* para a qualidade de confiável; três cubos de gelo para legal; e três corações para sexy, não sendo possível seus amigos tomarem conhecimento de quem receberam as qualificações. Há ainda a possibilidade de marcar seus amigos prediletos com uma estrela, indicando que ele é um de seus “ídolos”. Abaixo, segue imagem com detalhes dessa funcionalidade.

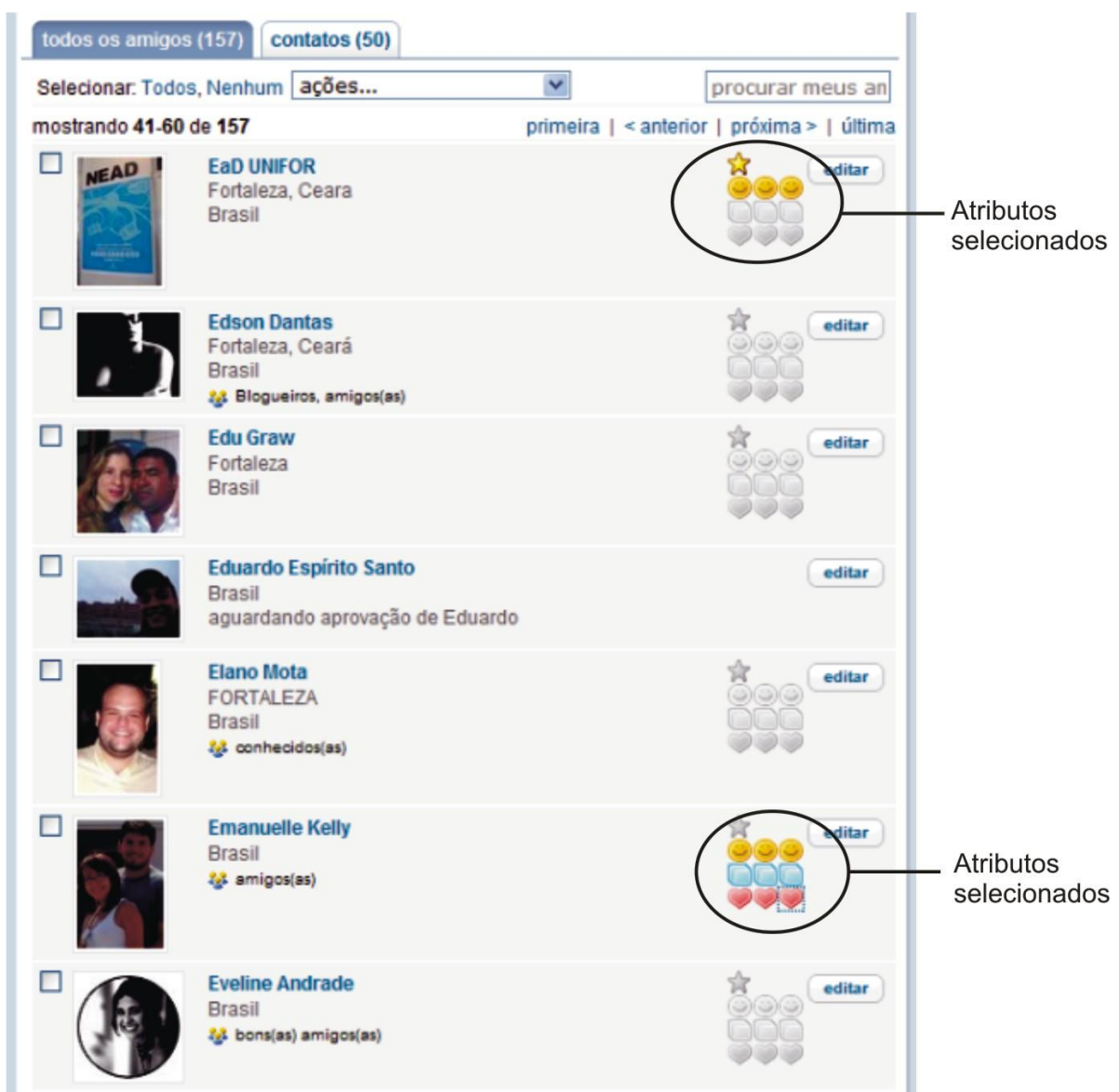


Figura 13: Qualificação de amigos

Ao entrar em seu perfil, o participante poderá verificar qual é o seu percentual acerca de cada categoria, não sendo possível ver quem ou quantos lhe atribuíram tal qualificação. No entanto, é possível conhecer quem e quantos se consideram seus fãs e poder até mesmo retribuir o gesto.

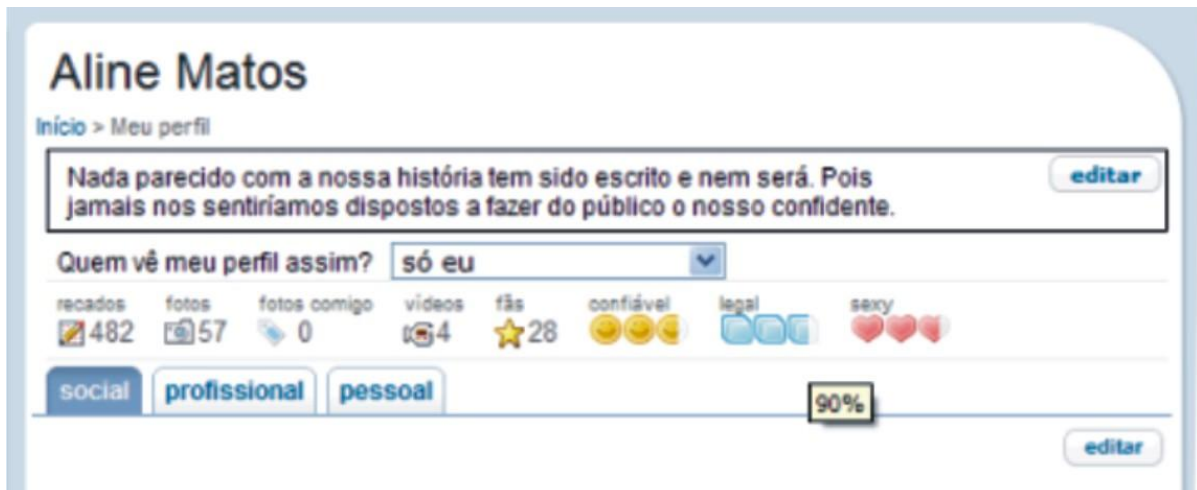


Figura 14: Percentual de qualidades

Quando posicionei o cursor do meu *mouse* sobre o índice “legal”, pude verificar que 90% das pessoas que me qualificaram me consideraram uma pessoa “legal”. Assim como também é possível constatar que 28 dos meus amigos se consideram meus fãs.

As Comunidades merecem destaque no *Orkut* por serem canais importantes de comunicação entre os membros que possuem interesses em comum. Ao entrar em uma delas, que podem ser encontradas tanto no perfil dos amigos como através da ferramenta de busca do próprio *site*. Abaixo, inseri a imagem de uma das comunidades que participo. Na imagem, é possível identificar, além da descrição da comunidade, a listagem dos membros que fazem parte dela, a lista de tópicos para discussão, assim como uma série de comunidades relacionadas ao mesmo assunto ou categoria.

Descrição da Comunidade

The image shows a Facebook community page for 'Norbert Elias'. The page layout includes a header with the community name and a breadcrumb trail. Below the header is a description of the community, its language (Portuguese), category (Culturas e Comunidade), creator (Eduardo Horacio), type (public), and privacy settings (open to non-members). A forum section lists several discussion topics with their respective post counts and last update dates. On the right, there is a grid of member profiles and a section for related communities. Annotations on the left side point to specific features: 'Quantidade de membros' points to the member count; 'Opção para denunciar conteúdo da comunidade' points to the 'denunciar abuso' button; 'Tópicos para discussão' points to the forum topics; and 'Criar novo tópico' points to the 'novo tópico' button.

Norbert Elias
 Início > Comunidades > Culturas e Comunidade > Norbert Elias

descrição: A idéia é discutir as idéias e o mundo de hoje a partir do pensamento do sociólogo alemão Norbert Elias (1897-1997), que imaginou uma ciência dos homens que incorporasse Psicologia, Psicanálise, Economia, Filosofia, Linguística, História e Teoria Literária.

idioma: **Português (Brasil)**
 categoria: **Culturas e Comunidade**
 dono: **Eduardo Horacio**
 tipo: **pública**
 privacidade do conteúdo: **aberta para não-membros**
 local: **Brasil**
 criado em: **10 de junho de 2004**
 membros: **1.987**

fórum

tópico	postagens	última postagem
<input type="checkbox"/> Historiador: Profissão é regulamentada pelo Senado	1	15/03/10
<input type="checkbox"/> Melhor livro do Elias?	30	10/03/10
<input type="checkbox"/> Por onde começar?	14	28/02/10
<input type="checkbox"/> Inovador ou plagiador?	5	28/02/10
<input type="checkbox"/> evolucionismo?	17	27/02/10

[novo tópico](#) [denunciar spam](#) [ver todos os tópicos >](#)

membros (1987)

Fabiane Bruno Ariadne
 Agnaldo Igor Adriana
 Marcelo Gleyton Fábio

[ver membros >](#)

comunidades relacionadas

Walter Benjamin (Brasil) (3.730) Max Weber - Brasil (9.208) Pierre Bourdieu Brasil (3.172)
 Jean-Luc Godard - Brasil (3.190) Cornelius Castoriadis (531) Duchamp (2.335)

Quantidade de membros (1.987 membros)

Opção para denunciar conteúdo da comunidade

Tópicos para discussão

Criar novo tópico

Membros

Dono da comunidade

Comunidades relacionadas

Figura 15: Comunidade

Clicando em um dos tópicos propostos, tem-se acesso aos comentários de quem participou, sendo possível incluir um novo comentário. Algumas comunidades são restritas, ou seja, quem a criou pode optar por moderar quem pode participar, e inclusive pode restringir o conteúdo apenas para os membros. Neste caso, a comunidade é aberta para quem não é membro. Abaixo, é exibida a imagem de um dos tópicos para discussão da comunidade. São os fóruns em que os usuários podem participar respondendo ao assunto sugerido.

The screenshot shows a forum thread on the topic "Melhor livro do Elias?". The thread is located in the "Comunidades > Culturais e Comunidade > Norbert Elias > Fórum > Mensagens" section. It displays a list of 11-20 of 30 posts. The first post is by Ricardo, dated 20/02/07, discussing the book "Os alemães". Subsequent posts by Eugênio, Bruno, and Carlos discuss various works by Elias, including "Os Estabelecidos e os Outsiders", "O Processo Civilizador", and "Sobre o tempo". The forum interface includes navigation links for "primeira", "< anterior", "próxima >", and "última". At the bottom, there are buttons for "responder" and "denunciar spam", and a link to "voltar aos tópicos".

Annotations on the image:

- "Tópico" points to the title "Melhor livro do Elias?".
- "Fórum com os comentários dos participantes" points to the list of posts.
- "Inserir comentário no fórum" points to the "responder" button.

Figura 16: Fórum das comunidades

Também é possível que o participante crie um novo tópico para discussão na comunidade, sugerindo um novo assunto para ser debatido em um novo fórum.

3.2 O sucesso no Brasil

No Brasil, a rede social mais frequentada é o *Orkut* – apesar da existência de outras redes sociais de sucesso mundial, como foi visto no item 3.1.3. Apontar o motivo exato da preferência dos brasileiros pelo *Orkut* não é tarefa fácil. Muitos fatores podem estar relacionados a esse sucesso, dentre eles, o fato do portal ter

sido o primeiro a ser difundido no país. É importante frisar que apenas seis meses depois de seu lançamento, o número de usuários brasileiros da rede social ultrapassou o de norte-americanos, acontecimento que foi comemorado com uma grande festa na cidade de São Paulo. (FELITTI, 2009).

Muitos têm interesse em descobrir os motivos desse sucesso, e o grupo Google é um dos maiores interessados em desvendar o porquê de sua ferramenta de interação social ter sido tão aceita num país marcado por desigualdades sociais, e conseqüentemente baixo índice de acesso à Internet. Porém, essa característica não reproduz um baixo nível de conectividade, pois o brasileiro procura diversas estratégias de conexão com a rede mundial, e os centros públicos de acesso pago são uma grande alternativa para mantê-lo conectado – conforme demonstram as pesquisas.

Para se ter uma ilustração do fenômeno *Orkut* no Brasil, é pertinente destacar o mapa de redes sociais publicado pelo *Le Monde*, onde é possível verificar o índice de adesão aos diversos portais de relacionamento nos diferentes continentes.

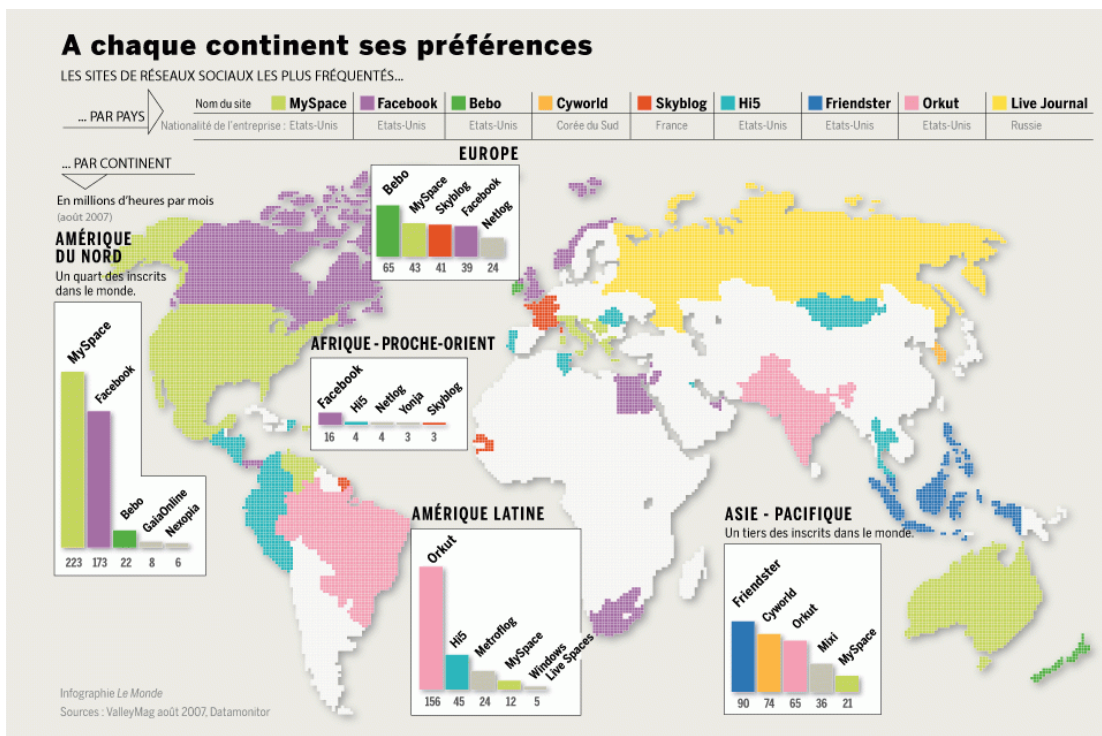


Figura 17: Mapa de redes sociais
Fonte: www.lemonde.fr

Como se pode notar é no Brasil e na Índia que o *Orkut* é mais utilizado. Movido pelo desejo de conhecer as razões de seu sucesso, a Google do Brasil encomenda relatórios a pesquisadores, com o objetivo de identificar algumas das causas de sua penetrabilidade na sociedade brasileira. Um desses relatórios foi comandado pela pesquisadora Raquel Recuero, da Universidade de Pelotas. Como apontado no estudo, não há como precisar onde foram criadas as primeiras contas do *Orkut* no Brasil, mas acredita-se que alguns dos primeiros convites estavam com engenheiros e entusiastas da tecnologia nas cidades de São Paulo, Porto Alegre e Rio de Janeiro. (FELITTI, 2009).

Nesse mesmo relatório, o sucesso do *Orkut* também está relacionado ao fato da rede pertencer ao grupo Google, o qual é visto como confiável pelos brasileiros. Outro fato é que não havia um concorrente direto ao *Orkut* no país. E a isso também alia-se o fato do portal possuir uma interface simples e de fácil uso. Apesar de ser fácil de usar até mesmo para quem não conhece inglês, pouco mais de um ano após ser lançado, e devido a adesão de grande número de brasileiros, o *Orkut* passou a contar com uma versão em português – fato que lhe trouxe ainda mais usuários no Brasil. (FELITTI, 2009).

Apesar da reunião de todas essas facilidades e situações que alavancaram seu crescimento no Brasil, o publicitário Abel Reis, em entrevista concedida ao portal IDG *Now*, especialista em tecnologia, é enfático ao acreditar que

[...] por mais que carregasse características que facilitassem sua adoção, o Orkut é apenas o veículo que, até o momento, melhor comporta a expressão online do brasileiro médio, entidade vista por pesquisadores e analistas de mercado como amplamente sociável e fortemente atraída por serviços gratuitos de interação que dêem vazão ao seu espírito gregário de trocar experiência, informações e memória. (FELITTI, 2009).

Com base nesta afirmativa é que se pode partir para um aprofundamento dessa questão quando se trata de interpretar o comportamento social frente às novas tecnologias. Não se pode negar que a comunicação mediada por computador é uma tendência incorporada nas relações sociais ao redor do mundo, e o Brasil não foge a esta realidade. O fenômeno de adesão às redes sociais, ora analisado, é um grande revelador dessa tendência, cuja potencialidade deve ser explorada e melhor

interpretada por parte dos pesquisadores que se dedicam ao assunto. Entender o comportamento social, ainda que de maneira parcial, frente às tecnologias de interatividade que se efetivam tendo a Internet como suporte é um dos objetivos deste estudo.

O próximo capítulo apresenta os pressupostos metodológicos que orientaram a realização desta pesquisa, assim como a análise dos resultados alcançados através da relação com os informantes e com o contexto investigado.

4 A PESQUISA NA INTERNET: DESAFIO E CRIATIVIDADE

“Nós nunca somos testemunhas objetivos, observando objetos, mas sujeitos observantes de outros sujeitos no seio de uma experiência na qual o observador é ele mesmo observado”. (LAPLANTINE, 2004, p. 24).

4.1 Pressupostos metodológicos e epistemológicos

O presente trabalho é baseado em uma pesquisa qualitativa, de natureza exploratória. Dadas as características do campo investigado – um produto cultural disponível na Internet – antes do início do estudo, percebi que outras pesquisas, que tratavam de objetos similares, utilizavam um método de investigação há muito conhecido e utilizado pelas ciências sociais: a etnografia. Contudo, não se tratava do método etnográfico tal como conhecemos, e sim de uma adequação da etnografia aos novos objetos de estudo e de sua pertinência para a análise dos espaços de socialização mediados por computador, tendo em mente que a Internet é, ao mesmo tempo, artefato e contexto cultural. (MONTARDO; PASSERINO, 2006).

No entanto, o uso da etnografia como método de pesquisa sobre objetos de estudo relacionados à Internet merece maiores considerações quanto aos seus pressupostos metodológicos. Entendo que uma pesquisa que tem como objeto de investigação as formas de comunicação e manifestações culturais que se realizam através da Internet, necessita de um método adequado ao estudo do fenômeno que propõe investigar.

É inegável a existência de um movimento crescente de apropriação social dos dispositivos de interação à disposição na Internet. Essas transformações, que proporcionaram uma nova forma de contato social, estruturam um fenômeno cujo estudo requer atenção a suas especificidades e leve em consideração o meio através do qual ele se propaga.

Diante do contexto e da natureza do fenômeno investigado, destaco a sociologia compreensiva como uma importante base epistemológica para o desenvolvimento da pesquisa, tendo em vista que aquela concebe a realidade como

desordenada e caótica, não sendo possível atribuir-lhe leis ou apreendê-la em sua totalidade. (WEBER, 1974).

Tal pressuposto confere à postura do pesquisador o reconhecimento de sua limitação no que se refere à apreensão da realidade em sua totalidade e exatidão. A chamada objetividade do conhecimento, conclamada por Weber em seu método de apreensão e compreensão dos fenômenos sociais, mostra-se relativa e de certa forma consciente da postura vulnerável do pesquisador perante seus valores. Ele reconhece que as escolhas do cientista são escolhas valorativas, as quais não têm critério científico. Mas ao mesmo tempo, afirma que o pesquisador deve agir eticamente, tomar a ética como um imperativo e não meramente “obedecer” a uma observância metodológica. Ele deve tomar a ciência como vocação e estar comprometido, antes de tudo, com a realidade empírica que observou. (WEBER, 1974).

Ao cientista social cabe compreender aspectos particulares da individualidade histórico-cultural que irá observar. A ciência proposta por Weber deve mostrar-se comprometida com a empiria. Contudo, não é o anunciado rigor e a observância ao método científico o que impede Weber de reconhecer a objetividade do conhecimento como um exercício sempre tensional. De acordo com ele, a subjetividade do pesquisador deve estar presente conscientemente na pesquisa, sendo uma constante em todo o processo de investigação do objeto de conhecimento. (WEBER, 1993).

Sua ciência não se destina à satisfação pragmática ou à necessidade de dar respostas aos problemas concretos encontrados na realidade social. Para ele, não é dever da ciência empírica “determinar um denominador comum prático para os nossos problemas na forma de idéias últimas e universalmente válidas; [...] é impossível deduzir, de maneira unívoca, conteúdos culturais que sejam obrigatórios [...]” (WEBER, 1993, p. 112).

No próximo item, proponho uma discussão sobre uma metodologia de pesquisa que oferece perspectivas e abordagens capazes de dar conta da observação, investigação e possível interpretação das práticas culturais que encontram na Internet seu meio de difusão. Trata-se do método etnográfico, do qual

apresento uma sucinta definição, considerando seus aspectos essenciais. Em seguida, procuro destacar as possibilidades e limitações de seu uso em pesquisas realizadas tendo a Internet como, simultaneamente, meio de difusão do objeto de estudo e instrumento de captação de dados.

4.2 Sobre a Etnografia

A etnografia é um método de investigação característico da Antropologia. Trata-se de uma metodologia qualitativa, que preconiza a proximidade do pesquisador com o contexto a ser investigado. Essa proximidade está marcada pela necessidade de uma *imersão profunda* no universo cultural que o pesquisador almeja interpretar. Através do método etnográfico é possível reconstruir práticas, ambientes e ritos dos grupos pesquisados.

Por se tratar de uma metodologia que busca interpretar a cultura, é fundamental entender que esta

[...] não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; *ela é um contexto*, algo dentro do qual eles *podem ser descritos* de forma inteligível – isto é, descritos com densidade. (GEERTZ, 1989, p. 10 – grifos meus).

A partir do entendimento da cultura como um contexto e, principalmente, como “sistemas entrelaçados de signos interpretáveis” é que se pode tentar compreender seus significados. (GEERTZ, 1989, p. 10).

Segundo Laplantine, em fins do século XIX existiam excelentes estudos antropológicos que possuíam ricas descrições de contextos culturais – como Codrington, que publica uma obra sobre os melanésios, ou Spencer e Gillen que relataram suas observações sobre os aborígenes australianos. Entretanto,

[...] a etnografia propriamente dita só começa a existir a partir do momento no qual se percebe que *o pesquisador deve ele mesmo efetuar no campo sua própria pesquisa*, e que esse trabalho de observação direta é parte integrante da pesquisa. (LAPLANTINE, 1988, p. 75 – grifo do autor).

Nesse sentido a etnografia é um trabalho de campo, o qual deve ser considerado como a própria fonte da pesquisa. O tradicional método etnográfico caracteriza-se, essencialmente, por estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas, o que definirá a prática da etnografia é o tipo de esforço intelectual que ela representa, ou seja, um risco elaborado para uma descrição densa. (GEERTZ, 1989).

Foi esse o sentido que Roberto DaMatta (1987), em seu texto “*Relativizando*”, procurou enfatizar. Ou seja, o método etnográfico, amplamente utilizado por antropólogos sociais para o estudo de culturas e análises de caráter microssociológico, envolve uma abordagem em que a interpretação do pesquisador está em constante atividade, onde o contato com o campo promove uma simultaneidade entre o processo de coleta e a análise dos dados. Desta forma, o pesquisador localiza as estruturas e categorias formantes da cultura em questão numa perspectiva holística, em que o caráter das análises não se dá apenas para produzir relatórios curtos sobre a situação vivida por determinada cultura. As múltiplas dimensões do ser humano são abordadas a partir da observação da vida do grupo em sua plena realização, o que acaba por fortalecer a relação entre pesquisador e sujeito, valorizando-a a partir da inserção daquele no contexto concreto a ser pesquisado.

4.2.1 A etnografia como metodologia para análise da cibercultura

É necessário entender que a Internet, atualmente, materializa-se como um espaço de “convívio” social, em que os usuários que dela participam trocam

informações e histórias pessoais entre si. É nesse sentido que esse espaço torna-se passível de investigações, análises e interpretações que envolvam suas especificidades. De acordo com Flick, “[...] considerando o uso e o acesso amplamente difundidos deste meio [a Internet], não é nenhuma surpresa que a internet tenha sido descoberta como objeto de pesquisa, mas também como uma ferramenta a ser usada para a pesquisa. (2009, p. 293).

A escolha do método etnográfico como percurso metodológico a ser seguido não se deu por acaso. Pesquisadores que se debruçam sobre a temática da cibercultura se utilizam do método a partir de uma readequação das técnicas tradicionais da etnografia à abordagem do campo virtual. Combinando técnicas ou readequando-as ao “novo” campo de investigação é possível dar conta do meio heterogêneo e prolixo do ciberespaço.

Ao buscar contato com pesquisadores que desenvolveram estudos sobre o assunto, deparei-me com experiências bem sucedidas com relação à investigação e interpretação de objetos que têm a Internet como meio de propagação e desenvolvimento. É pertinente o relato de um antropólogo que recentemente defendeu tese de doutorado sobre o assunto:

[...] Na pesquisa no ciberespaço apliquei um conjunto de técnicas de coleta de dados. Elas tiveram de ser adaptadas até certo ponto, em vista das características próprias do meio investigado. Porém, por falta de uma terminologia ideal para essas técnicas, as tratei como análogas às tradicionais. A observação participante, muito utilizada na antropologia e inaugurada por Bronislaw Malinowski (1984), foi o início e a tônica de minha coleta de dados quando investiguei as redes sociais virtuais em ambientes de *chat*. Minha incursão em campo consistia em acessar o *chat* escolhido em determinado horário e participar das dinâmicas discursivas e dos diálogos da rede naquele momento. [...] Para mim, esse tipo de comportamento me possibilitou entrar na rede como observador e manter uma comunicação constante com alguns informantes, mesmo que ela se desse em mais de um dia de contato com eles. (DORNELLES, 2008, p. 48).

O método etnográfico desenvolvido no presente estudo leva em conta as especificidades do objeto de pesquisa e a essência da observação e descrição da etnografia. É necessário desenvolver um olhar sensível às práticas culturais na sociedade contemporânea. Para tanto, pode-se utilizar os métodos clássicos da antropologia e da sociologia:

[...] não há necessidade de muitos malabarismos pós-modernos para aplicar com proveito a etnografia a questões próprias do mundo contemporâneo e da cidade, em particular: desde as primeiras incursões a campo, a antropologia vem desenvolvendo e colocando em prática uma série de estratégias, conceitos e modelos que, não obstante as inúmeras revisões, críticas e releituras (quem sabe até mesmo graças a esse continuado acompanhamento exigido pela especificidade de cada pesquisa) constituem um repertório capaz de inspirar e fundamentar abordagens sobre novos objetos e questões atuais. (MAGNANI, 2002, p. 11).

A adequação da etnografia a objetos de estudo provenientes das práticas culturais disseminadas na Internet recebeu a denominação, por alguns pesquisadores, de netnografia²². O método “netnográfico” consiste em obter dados e contatos com os informantes da pesquisa sob a perspectiva *on-line* (em que o pesquisador os recolhe somente quando conectado à Internet). Sem negar a validade de tal alternativa, considero que o contato pessoal com os informantes é necessário e deve ser realizado em algum momento da pesquisa, como forma de ampliar os meios de obter informações e dados a respeito do objeto de estudo.

Flick (2009), ao comentar sobre as condições prévias que o pesquisador deve preencher a fim de realizar uma pesquisa qualitativa *on-line*, diz o seguinte:

[...] Primeiro, ele [o pesquisador] deve ser capaz de usar um computador não apenas como uma máquina de escrever de luxo, mas de um modo mais abrangente. Deve, também, ter um pouco de experiência com o uso de computadores e de *softwares*. Além disso, deve ter acesso à internet e gostar de estar e de trabalhar *online*, além de precisar estar (ou tornar-se) familiarizado com as diversas formas de comunicação *online* como *e-mail*, salas de bate-papo (*chats*), listas de *e-mail* e blogs. [...] Se essas condições forem preenchidas, o pesquisador *deve considerar se sua pesquisa é um tema que ele só poderá estudar com o uso da pesquisa qualitativa online*. (FLICK, 2009, p. 239 – grifos meus).

Neste último aspecto, Flick frisa que a pesquisa com objetos da Internet deve ser planejada pelo pesquisador para que este antevêja as condições de sua realização. Além disso, deve verificar se seu objeto somente pode ser investigado

²² O termo netnografia foi cunhado por Kozinets, um pesquisador de marketing canadense, que estuda o comportamento de consumidores no ambiente da Internet. (VERGARA, 2005).

pela Internet e se os potenciais informantes de sua pesquisa só serão encontrados²³ através da Internet. Em casos onde o critério de seleção de informantes está condicionado a uma região em que o pesquisador tem acesso facilitado, é amplamente recomendada uma triangulação com outros métodos de obtenção de dados, em que pesquisador e informante possam estar em contato face a face.

Deste modo, as características que envolvem meu objeto de pesquisa confluem com a metodologia difundida pela etnografia virtual. Contudo, como estabeleci como critério de seleção dos informantes a condição de residentes na cidade de Fortaleza, considereei necessário mesclar formas de captação e contato, tanto pelo meio virtual (*on-line*) como face a face (*off-line*), visando ampliar ainda mais as formas de relação que tive com os participantes e as técnicas de coleta de dados.

Em qualquer estudo etnográfico, é imprescindível o ingresso do pesquisador no contexto cultural a ser investigado. Daí minha participação na comunidade virtual que elegi como recorte empírico da pesquisa – o sítio de relacionamentos *Orkut*. Só assim pude observar, descrever e apreender com maior profundidade a dinâmica de interações e publicações dos membros da comunidade. Isso se justifica pela necessidade de uma “convivência”, ainda que de forma virtual, tendo-se como pressuposto a inserção do pesquisador no ambiente que almeja “decifrar”. Sobre esse aspecto, Flick ressalta que:

Alcançar as compreensões da percepção dos participantes sobre si mesmos e das significações que eles atribuem a sua participação *online* requer que se passe algum tempo com os participantes para observar o que eles fazem *online*, assim como o que eles dizem que fazem. [...] A diferença é que a etnografia virtual é situada em um ambiente técnico em vez de um ambiente natural. (FLICK, 2009, p. 246).

A Internet também pode ser vista como um “lugar” ou como um “modo de ser” (MARKHAM, 2004, *apud* FLICK, 2009, p. 246):

²³ Se os informantes residem em outras cidades, estados ou países diferentes dos do pesquisador a forma de abordá-los estará restrita aos meios de comunicação mediados por computador.

[...] pode-se estudar a internet como um tipo de ambiente social ou cultura na qual as pessoas desenvolvem formas específicas de comunicação ou, às vezes, identidades específicas. Estas duas noções sugerem uma transferência de métodos etnográficos para a pesquisa na internet e para o estudo das formas de comunicação e de autoapresentação na internet. (MARKHAM, 2004, *apud* FLICK, 2009, p. 246).

Ainda sobre o uso da etnografia como metodologia apropriada ao estudo *sobre e nos* ambientes de interação *on line*, Braga (2006) afirma que

[...] da mesma forma que esse novo ambiente social exige dos/as participantes das trocas ali ocorrentes adequações e improvisações para lidar com situações ainda não vividas, é demandado também do/a analista combinações e adequações de métodos elaborados para outros contextos no tratamento desses materiais específicos". (BRAGA, 2006, p. 2).

No que diz respeito à interpretação dos dados do campo, é importante que se atente ao fato de que a etnografia, realizada em meio virtual, se baseia, principalmente, na análise de discursos textuais. Ou seja, os registros, descrições e postagens feitas pelos usuários foram, em boa medida, os dados com os quais trabalhei e observei em campo, assim como os dados coletados através da realização das entrevistas. Atualmente, dentre os recursos de que dispõe um usuário do *Orkut*, estão as publicações feitas através de fotografias e vídeos pessoais, sendo estes mais uma forma de obtenção de informações e registros para a pesquisa acerca das práticas culturais dos usuários na Internet.

Uma das limitações que se pode apontar a respeito da etnografia em meios virtuais seria justamente a restrição do pesquisador a informações meramente textuais. Mas, devido aos constantes avanços que ocorrem no âmbito da Internet, como a utilização de *webcams*²⁴, e a inserção de vídeos facilmente captados por câmeras digitais portáteis ou acopladas aos aparelhos de celular, essas limitações parecem ser minimizadas, dando ao pesquisador formas mais amplas para a coleta de informações.

Uma das vantagens que posso apontar em realizar uma pesquisa com objetos da cibercultura está na facilidade em se registrar as informações publicadas

²⁴ *Webcams* são câmeras utilizadas no computador, que permitem ao usuário a exibição de sua imagem em tempo real àqueles com quem ele se comunica através da Internet.

na Internet, em que é possível “salvá-las”, sem a necessidade de transcrevê-las. As entrevistas realizadas através do MSN também possuem a mesma característica, pois ficarão “salvas” no computador. O cuidado maior diz respeito a fazer cópias de segurança dos dados coletados durante a pesquisa, para não se correr o risco que algum problema técnico no computador possa danificar ou mesmo excluir os arquivos da pesquisa virtual.

A pesquisa social é uma atividade que está em constante transformação, no sentido de que suas abordagens não devem ser o reflexo da adoção de modelos de análise e metodologias estanques, sem sintonia com o objeto de seu estudo: os fenômenos sociais. Desta forma, os procedimentos que norteiam o fazer científico devem vir acompanhados de uma postura crítica por parte do pesquisador, mediante as promessas das “novas” metodologias. A readequação de técnicas e métodos tradicionais de interpelação do social não significa a transposição automática e antiética de seus procedimentos – carente da necessidade de uma atenção aos contornos e especificidades constituintes dos objetos de estudo das sociedades contemporâneas. Como diz Flick (2009, p. 252), “[...] o interesse acadêmico pela internet enquanto cultura e produto cultural levará a um maior desenvolvimento no nível metodológico. O desenvolvimento da pesquisa qualitativa na internet apenas começou, e continuará no futuro”.

A adoção da etnografia virtual como meio de obtenção de dados, registros, observação, e sobretudo participação nos espaços de interação social mediados por computador é uma postura que exige do pesquisador redobrada atenção, a fim de se evitar futuras fragilidades em sua análise.

A pesquisa qualitativa realizada em ambiente virtual ainda é uma prática recente entre pesquisadores que se debruçam sobre os objetos de estudo provenientes do contexto cultural difundido pela Internet. Daí a necessidade de ampliar um debate entre os interessados em aprofundar a temática, a fim de que possamos desenvolver formas de abordagem pertinentes aos fenômenos que suscitam nosso olhar.

Nos próximos itens, há uma descrição detalhada dos procedimentos metodológicos adotados na pesquisa, como o recurso escolhido para a captação

dos dados, a seleção dos informantes, bem como a definição das categorias de análise que nortearam a realização desse estudo.

4.3 A leitura do campo e o contato com os informantes da pesquisa

Esta pesquisa teve dois momentos, no que se refere à obtenção de dados sobre o campo e depoimentos dos informantes. Após a pré-definição dos eixos teóricos que seriam primordiais ao desenvolvimento da investigação, como os conceitos de sociabilidade e privacidade, dei início à observação do portal de relacionamentos, a partir de novembro de 2008.

Desta forma, exponho a seguir os detalhes da postura adotada em ambos os momentos da investigação.

4.3.1 Procedimentos metodológicos

a) Primeiro momento da pesquisa

As primeiras observações realizadas no portal de relacionamentos selecionado ainda não possuíam um caráter sistemático. No entanto, a partir da adoção de um diário de campo e de uma participação mais ativa no portal, percebi a necessidade de ouvir o que os usuários tinham a dizer sobre o *Orkut*. Foi então que decidi, entre o final do mês de dezembro de 2008 e início do mês de janeiro de 2009, realizar algumas entrevistas com o objetivo de colher informações e impressões preliminares sobre o campo, baseadas na experiência de possíveis sujeitos da pesquisa.

Nesse primeiro momento, visando uma coleta segura de informações pertinentes acerca do universo investigado, e condizentes com os objetivos da

pesquisa, dei início às abordagens aos informantes, tendo como base um roteiro de entrevista semi-estruturado, ainda preliminar²⁵.

Esses depoimentos iniciais e a coleta de opiniões a respeito do *site* foram bastante proveitosos para que pudesse preencher lacunas em minha observação, e poder elaborar o roteiro definitivo para as próximas entrevistas. Essa “escuta” do campo permitiu tornar mais clara a leitura inicial que estava fazendo, abrindo caminhos e possibilidades de uso do portal que me eram desconhecidas.

A opção por realizar entrevistas em profundidade se deu por entender que este recurso seria o mais adequado à captação dos depoimentos dos informantes, tendo em vista que estes seriam indagados sobre suas práticas, atitudes e opiniões acerca do uso que fazem do portal de relacionamentos alvo do recorte empírico da pesquisa.

Duarte (2004) entende que as

Entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados. Nesse caso, se forem bem realizadas, elas permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo [...]. (DUARTE, 2004, p. 215).

A seleção dos primeiros informantes foi realizada a partir da indicação, por pessoas que eu já conhecia, de participantes que utilizavam o portal de relacionamentos *Orkut*. A primeira entrevista que realizei foi com uma jovem de 27 anos, amiga de minha irmã, que utiliza bastante o portal. Sei de seu frequente uso devido a sua convivência com meus parentes, e também por escutar de minha irmã que sua amiga está sempre na expectativa de receber algum recado novo ou verificar as visitas que foram feitas ao seu perfil.

Através desse primeiro contato, visando ouvir dos sujeitos as opiniões que tinham sobre o portal, pude dirigir melhor meu olhar ao *site* de relacionamentos.

²⁵ O roteiro definitivo de entrevista preliminar consta no Apêndice 3 deste trabalho.

A partir de então, agendei outra conversa com uma pessoa de meu círculo de amizades, escolhida devido ao meu conhecimento de sua utilização frequente do *site*.

Depois disso, pedi que uma outra colega me indicasse dois de seus amigos para que pudessem me conceder uma entrevista. Pedi a indicação de dois homens pelo fato de já ter conversado com duas mulheres. Ela me passou os *e-mails* deles e entrei em contato para agendar uma conversa sobre o *Orkut* através do aplicativo de conversas instantâneas *MSN Messenger*.

As duas primeiras entrevistas, realizadas no local de trabalho das informantes, não foram gravadas, pois elas não concordaram com a gravação. Deste modo, à medida que iam falando eu anotava. Já as duas últimas, realizadas pelo *MSN*, possuem a vantagem de poder ser salvas no computador, preservando as falas integrais dos informantes, e sem a necessidade de posterior transcrição. Para a realização das entrevistas não presenciais, tive o cuidado de agendar com os informantes um horário para sua realização, explicando-lhes que se tratava de uma entrevista e que a conversa necessitaria de uma atenção bem direcionada ao assunto tratado.

O *Orkut* foi reconhecido pelos primeiros quatro informantes como sendo uma ferramenta para reencontrar amigos e reaproximar amizades já existentes, definições estas que não se distanciaram das que foram obtidas nas entrevistas posteriores. Também afirmaram ser possível conhecer melhor uma pessoa através do perfil publicado no *site*. Selecionei a fala abaixo como exemplo dessa afirmação:

Esses sites de relacionamento proporcionam que seja mantido contato a qualquer hora do dia e da noite com o amigo ou a pessoa procurada..., permite ainda que se conheça melhor o outro, seus interesses etc. [...] Depois observando os interesses e características que a pessoa declara em seu perfil. A partir das informações declaradas e comunidades participantes é possível de uma certa forma presumir algo quanto à personalidade da pessoa e o estilo de vida que ela leva. (Daniel²⁶, 31 a 35 anos).

²⁶ Os nomes dos informantes citados neste trabalho são fictícios, visando preservar suas identidades.

A falta de privacidade e exposição excessiva da vida pessoal é a maior desvantagem em ter um perfil publicado no *Orkut*, segundo os entrevistados. Um dos informantes, Mateus, considera mesmo que haveria “invasão de privacidade”. Por mais contraditória que pareça, essa opinião é recorrente entre os entrevistados. Houve apenas uma exceção: Carolina, cuja opinião foi bastante enfática: “quer privacidade, saia do *Orkut!*”

Uma informação que obtive de dois dos informantes foi o uso do portal de relacionamentos para fins comerciais. Por exemplo, Carolina contou-me que possuía um “Perfil Brechó” que compartilhava com duas outras amigas. Conforme sua experiência no assunto, perfis desse tipo são comuns no portal, e ela afirmou que possuía uma clientela razoável na rede. Um outro caso foi o de Mateus: iniciante no negócio de *Lan houses*, criou uma comunidade voltada para donos desses estabelecimentos a fim de trocar experiências sobre o ramo. Segundo ele, rapidamente a comunidade cresceu e despertou o interesse de uma loja de produtos de informática. Mediante esse interesse, a loja lhe fez uma proposta de compra dos direitos de moderação da comunidade²⁷, visando ter um acesso a potenciais clientes. Apesar do portal proibir a realização de atividades comerciais em sua rede, é fácil constatar que essa prática é comum entre seus usuários.

Como já foi mencionado, no *Orkut* também existem recursos que permitem aos seus usuários controlar o acesso aos seus perfis, evitando que pessoas alheias aos seus círculos de amizade tenham acesso a fotografias, recados, vídeos etc. Uma das perguntas que fiz aos informantes se referia à utilização desses recursos. Todos disseram não utilizá-los, mas a maioria disse considerar útil essa tecnologia oferecida pelo portal. Também perguntei-lhes sobre suas opiniões ao se depararem com perfis restritos; não foi surpresa a revelação do sentimento de frustração que eles disseram ter quando encontravam restrição ao acesso de maiores detalhes sobre o perfil da pessoa que estavam procurando.

A possibilidade de realizar esses contatos prévios foi essencial para que eu pudesse, a partir de então, traçar estratégias de abordagem junto aos futuros

²⁷ Segundo Mateus, a compra se dá pela oferta de uma quantia, pelo interessado. Havendo concordância no valor, a senha de acesso à comunidade é fornecida, para que o comprador possa, a partir de então, moderá-la.

informantes da pesquisa, bem como aprofundar pontos e questões carentes de respostas mais nítidas. Essa primeira abordagem também possibilitou a elaboração do roteiro de entrevista definitivo, o qual contemplou, de forma mais específica, os objetivos da pesquisa.

b) Segundo momento da pesquisa

Após a obtenção dos primeiros depoimentos para a pesquisa, parti para a identificação de novos informantes, os quais seriam submetidos a entrevistas com base no roteiro definitivo. Como critério para seleção desses informantes, utilizei a técnica da “bola de neve”: a partir da seleção de “pessoas-chave”²⁸ para o fornecimento de primeiros contatos, selecionei os participantes da pesquisa, os quais indicaram novos participantes. Neste segundo momento, foram abordadas seis pessoas: três homens e três mulheres. E todas as entrevistas foram realizadas presencialmente, mediante autorização da gravação da conversa pelos informantes.

A quantidade de participantes da pesquisa, por se tratar de uma abordagem qualitativa, foi definida com base no critério de saturação dos dados, obtidos através dos depoimentos e falas dos sujeitos investigados; tendo em vista que “a finalidade real da pesquisa qualitativa não é contar opiniões ou pessoas, mas ao contrário, explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão”. (GASKELL, 2003, p. 68).

Para a análise do material empírico obtido através do depoimento dos informantes há que se atentar para o cuidado com o tratamento dado às falas, bem como com a interpretação que o pesquisador dará a esses discursos. Sendo assim, é necessário deixar claro que há o reconhecimento da interferência da subjetividade do pesquisador nesse processo, o que, entretanto, não inviabiliza a confiabilidade dos dados obtidos, nem prejudica o conteúdo de sua análise. De acordo com Duarte (2004, p. 216), “precisamos estar muito atentos à interferência de nossa

²⁸ Denominei “pessoas-chave”, aqueles com quem mantenho contato e que utilizam o *Orkut* com frequência.

subjetividade, ter consciência dela e assumi-la como parte do processo de investigação”. Faz-se pertinente ressaltar que

A subjetividade, elemento constitutivo da alteridade presente na relação entre sujeitos, não pode ser expulsa, nem evitada, mas deve ser admitida e explicitada e, assim, controlada pelos recursos teóricos e metodológicos do pesquisador, vale dizer, da experiência que ele, lentamente, vai adquirindo no trabalho de campo. (ROMANELLI, 1998, p. 128 *apud* DUARTE, 2004 p. 216).

Na realização de uma pesquisa estão envolvidos diversos pressupostos, tanto teóricos como metodológicos, que orientam a postura do pesquisador diante do contexto que analisa. No que se refere à pesquisa qualitativa, a noção de que sujeito e objeto fazem parte de uma relação tensional e compartilham experiências mútuas acerca do campo é uma premissa para a qual o pesquisador deve estar atento. Deste modo, é imprescindível assumir a autoria de seu trabalho, uma vez que é ele o responsável pelo tratamento analítico do material obtido; isso não significa, porém, minimizar a importância do olhar dos informantes em relação ao contexto observado. Duarte (2004) ressaltava que o ponto de partida do pesquisador

[...] será sempre aquilo que o informante lhe diz, pois isso é sua matéria-prima. Porém, produtos da cultura, sejam industriais, acadêmicos ou artísticos, não são apresentados enquanto matérias-primas – para que sejam produto, tem que haver trabalho, investimento, modificações, supressões, manufatura. Portanto, não cabe supor que relatórios de pesquisa ou teses de doutorado devam funcionar tão somente como 'caixas de ressonância' de falas alheias, cadeias de transmissão de idéias e reivindicações de grupos 'sem voz' no meio acadêmico. (DUARTE, 2004, p. 218).

É necessário, portanto, deixar claro os procedimentos e pressupostos que me guiaram na condução deste estudo, objetivando explicitar os caminhos percorridos na árdua, porém prazerosa, estrada da pesquisa.

4.3.2 A utilização dos questionários

Como instrumento para captação dos dados objetivos acerca dos participantes, como faixa etária, escolaridade e forma de conexão com a Internet, foi utilizado um questionário²⁹. Uma vez obtida a confirmação da participação do informante, o questionário era repassado através de *e-mail*, onde eram explicados do que se tratava a pesquisa, a que ela se destinava e quais os objetivos do estudo. Em seguida, o questionário já preenchido me era retornado também através de *e-mail*, o passo seguinte era o agendamento da entrevista.

Todos os participantes responderam ao questionário, tanto no primeiro momento quanto no segundo momento da pesquisa. O quadro 1 apresenta os dados obtidos por meio desse instrumento.

²⁹ O questionário consta no Anexo 2 deste trabalho.

Quadro 1 – Características dos informantes

Sexo	Homens: 5 Mulheres: 5
Faixa etária	18 a 25 anos: 2 26 a 30 anos: 5 31 a 35 anos: 3
Grau de instrução	Ensino médio completo: 1 Ensino superior incompleto (cursando): 3 Ensino superior completo: 6
Profissão	Estudante: 2 Auxiliar de escritório: 1 Jornalista: 1 Publicitário: 1 Advogado: 1 Pedagogo: 1 Analista de sistemas: 3
Local mais frequente de acesso à Internet *	De casa: 8 Do trabalho: 5
Conexão domiciliar	Discada: 1 Banda larga: 9

Fortaleza-CE

Fonte: Pesquisa direta

* Três participantes marcaram os dois locais como mais frequentes.

O questionário repassado continha perguntas fechadas e abertas. Os que foram encaminhados aos primeiros quatro participantes da pesquisa variaram somente quanto à pergunta aberta, a qual solicitava a indicação de cinco palavras que definiriam o site de relacionamentos *Orkut*, na opinião dos entrevistados.

No quadro 2, seguem as palavras utilizadas pelos informantes:

Quadro 2 – Palavras associadas à definição do *Orkut*

Informante 1	Conciliação; fofoca; consumismo; <i>interatividade</i> e <i>conhecimento</i> .
Informante 2	<i>Interação</i> ; amizade; dinamismo; comunicação e relacionamento.
Informante 3	<i>Interação</i> ; aproximação; reaproximação; <i>conhecimento</i> e <i>informação</i> .
Informante 4	Paquera; comércio; <i>interação</i> ; <i>informação</i> e status.

A partir dessa coleta, pode-se observar a frequência das palavras citadas na fala dos informantes. O termo “interação” foi citado pelos quatro informantes. Pode-se ainda relacionar à questão da interatividade, as palavras amizade, aproximação, reaproximação, comunicação, relacionamento e conciliação. Merecem destaque os termos “comércio” e “consumismo”, numa evidência de que o portal de relacionamentos é reconhecido como ferramenta para realização de atividades mercantis, como destacado anteriormente.

Os outros seis informantes responderam a duas questões abertas:

- O que você acha de *sites* como o *Orkut*? e
- Por que você utiliza o *Orkut*?

As respostas obtidas a estas questões apontam o portal de relacionamentos como uma ferramenta para manter contato com amigos e familiares que moram em cidades distantes.

Um dos informantes ressaltou a importância do portal como recurso:

– Para não perder o contato com os amigos e bisbilhotar a vida do povo, principalmente do ‘carinha’ que estou interessada”. (Cláudia, 31 a 35 anos).

Os outros não se distanciaram da questão do contato e apontaram o fato do *site* permitir uma reaproximação de pessoas distantes:

– Acredito ser um site de entretenimento e reencontro de pessoas que se conhecem e devido a distância física, “perderam” o contato ou estão afastadas. (Clara, 18 a 25 anos).

– Interessantes porque servem como ligações de amigos distantes e próximos. (André, 31 a 35 anos).

4.3.3 Análise das entrevistas

A leitura dos depoimentos dos informantes permitiu a obtenção de interpretações que estes atribuem à sua experiência com o portal de relacionamentos, assim como a identificação dos motivos que os levaram a participar desse recurso de comunicação, e o uso que fazem deste.

O tratamento dado às entrevistas, baseou-se em um esforço de escuta e apreensão do conteúdo dos depoimentos, visando relacioná-los em unidades de significação em torno dos objetivos do estudo. Tal esforço está ancorado na perspectiva analítica, por considerar que esta coloca-se como instrumental adequado e legítimo para assegurar o contexto das falas e sua relação com o sentido que lhes são atribuídas.

De acordo com Queiroz (1991), por análise compreende-se

[...] o recorte de uma totalidade nas partes que a formam, que são então apreendidas na seqüência apresentada em sua naturalidade para, num segundo momento, serem restabelecidas numa nova coordenação. [...] Admite-se que este desfazer de um objeto segundo uma marcha específica, seguido de um refazer em ordem diferente, [...] permite chegar a uma compreensão mais profunda de seu sentido, a uma avaliação mais clara de suas qualidades. (QUEIROZ, 1991, p. 92).

Procurei contemplar no roteiro definitivo da entrevista questões em sintonia com os objetivos da pesquisa. Nesse sentido, pode-se afirmar que as

categorias de análise já se encontravam previamente destacadas e poderiam ser agrupadas, com certa facilidade, após a obtenção dos registros das entrevistas. Conforme esclarece Queiroz (1991), o pesquisador que se utiliza de questionários ou roteiro de entrevista já realiza, ao elaborá-los:

[...] o primeiro corte da realidade, a primeira análise, assim como delimita, de maneira mais ou menos restrita, o âmbito das respostas; já está, pois, definindo as seqüências em que devem ser oferecidos os dados pelos informantes, e, em seguida, basta-lhe reunir as respostas em itens ou capítulos segundo as questões, para alcançar a síntese que se propôs realizar. (QUEIROZ, 1991, p. 95-96).

Tendo como referencial essa postura, conclui-se que o roteiro elaborado para o estudo estruturou-se em torno de três grandes eixos temáticos, norteados através das seguintes categorias:

- a) **Motivações, interesses e significados**, explorados a partir da abordagem dos motivos que os levaram a participar do portal de relacionamentos virtual; da narrativa acerca da experiência que mantinham através dessa participação, bem como dos significados que atribuíam a esta;
- b) **Privacidade**, mediante a exploração de tópicos acerca das características consideradas mais importantes em seus perfis públicos; e que conteúdos seriam costumeiros tornar públicos mediante o uso do portal;
- c) **Sociabilidade**, através do questionamento acerca de como se dava a relação com a rede de amigos do portal; das opiniões sobre os perfis falsos; e a indagação em torno da participação nas comunidades às quais se vinculavam.

Procurei, com essa delimitação, tornar as categorias de análise as mais aproximadas possíveis dos objetivos da pesquisa, de modo a deixar fluido e coerente o processo de análise final dos dados. Na leitura de Duarte, as análises temáticas de entrevistas abertas ou semi-estruturadas

[...] podem ser um recurso que ‘encurta o caminho’ do pesquisador [...]. Nesse caso, pode-se tomar o conjunto de informações recolhidas junto aos entrevistados e organizá-las, primeiramente, em três ou quatro grandes eixos temáticos, articulados aos objetivos centrais da pesquisa. (DUARTE, 2004, p. 222).

Um aspecto importante a considerar na narrativa dos informantes é o fato de que estes podem ter, durante a realização das entrevistas, condutas que visem projetar no pesquisador expectativas “falseadas”, procurando causar nele “boa impressão” quanto ao assunto abordado. No caso da presente pesquisa, por exemplo, a participação em *sites* de relacionamento pode ser vista como atividade “menos nobre”, indigna de uma dedicação cotidiana significativa.

Respaldando essa possibilidade, Duarte (2004) pontua que

Muitas vezes o entrevistado ‘encena um personagem’ que, intuitivamente, percebe que o pesquisador deseja que ele seja ou diz o que acredita que o pesquisador gostaria de ouvir. Assim, nem tudo que o informante diz deve ser tomado como ‘verdade’; trata-se da verdade dele, do ponto de vista dele, que precisa ser confrontado com outros olhares e com a prática observada no campo pelo pesquisador (DUARTE, 2004, p. 223).

Emerge daí a importância do cruzamento dos depoimentos com a observação e inserção no campo, numa relação que permite o confronto dessas duas realidades, o que possibilita uma leitura adequada e em sintonia com os aspectos que merecem destaque na análise.

Em geral, os entrevistados já tiveram alguma experiência com o *site*, em tempos em que ele era ainda uma “novidade” na Internet, dentre os anos de 2004 e 2005. Depois dessas primeiras experiências, alguns chegaram a extinguir o perfil que mantinham, por terem sofrido dissabores, ocasionados pelo uso “desregrado” e ainda “inexperiente” do *site*. Expressões como: “naquela época”, “naquele tempo”, ou “hoje é diferente”, em alusão às primeiras experiências com o *site*, foram ouvidas em diversos momentos das entrevistas. Como demonstraram os relatos, após a exclusão do perfil, eles acabavam retornando ao *site*, por insistência dos amigos. E esse retorno, segundo relataram, foi acompanhado de uma atitude mais comedida em relação aos conteúdos expostos no portal. As falas também apontam para o fato de que essa exposição, ainda que voluntária, lhes trazem consequências

desagradáveis, uma vez que os fatos e eventos de sua vida cotidiana ganham notória evidência e chegam ao conhecimento de um número considerável de pessoas.

– Já saí duas vezes do Orkut, e a pedidos retornei.[você saiu?] Eu tava assim me sentindo muito invadida. Tudo que eu fazia, toda foto que eu tirava, tinha que colocar no Orkut. Se eu viajasse pra folia, pro Fortal... tinha que colocar no Orkut. Ou seja, a minha vida tava ficando aberta, todo mundo ia saber o que eu tava fazendo, com quem eu ficava, com quem eu namorava, com quem eu não namorava. (Ivete, 26 a 30 anos)³⁰.

– Antigamente eu fazia muita questão de publicar minhas fotos. Final de semana, casa de praia, “pá”, tava as fotos lá, entendeu. Só que aí começou a gerar um problema com meus amigos... Menino, eu tô dando satisfação da minha vida pra todo mundo! Porque onde eu tô e tem foto eu boto lá. Hoje já nem tanto. Tem foto, mas são fotos até antigas. (André, 31 a 35 anos).

Como uma principal motivação para participar do *site*, os entrevistados apontam a possibilidade que o *Orkut* lhes fornece para a manutenção de contatos com pessoas da família que moram em outras cidades, assim como amigos que também mudaram pra longe, ou com os quais conviveram na infância e na adolescência na mesma escola.

A manutenção dos contatos foi citada mais de uma vez, e não somente o contato com pessoas que moram longe, mas o contato com aqueles amigos com quem não se tem uma relação diária e também como forma de ampliar contatos com amigos que fazem parte do cotidiano de cada um.

– É... ter contato com pessoas da família que moram fora... e amigos também que moram fora... Mas claro que eu tenho amigos daqui de Fortaleza que estão no Orkut, mas o contato maior que eu quero ter no Orkut é esse: ter meus primos, meus amigos que moram fora e tá falando sempre com eles porque por telefone é complicado. (Ivete, 26 a 30 anos).

³⁰ Os nomes dos informantes são fictícios, e as transcrições obedecem suas falas integrais.

Do mesmo modo, foi citada a questão da “curiosidade” sobre o que acontece na vida das pessoas, oportunidade que o portal oferece aos usuários, que podem visualizar fotos de eventos, além de características que compõem a personalidade e comportamento daqueles a quem considerem relevante conhecer.

– Assim, pra quem não gosta de invadir a privacidade, não faça. Não faça. Porque vai, vai indo até surgir uma conversa, e eu sei que quando uma conversa surge O Orkut também ensinou a pessoa ser curioso. Quem não era curioso aprendeu a ser. Como o celular ensinou a pessoa a ser mentiroso. Pois é, e o Orkut ensinou a ser curioso, quem já era ficou pior. Pra mim é isso. (Ivete, 26 a 30 anos).

– Ai quer dizer que dá pra ver isso e isso de alguém?! Então, um pouquinho não por invadir a privacidade, mas só por curiosidade, não só os amigos, mas aquela questão de quem é fulano, aí querer conhecer aquela pessoa, tá entendendo? (Cláudia, 31 a 35 anos).

– A ligação com os amigos, né. Eu já tive problemas com o Orkut que pensei em deletar. Mas por que deletar? Eu tenho amigos meus no Orkut de 1990, que é uma ligação que eu tenho com eles só pelo Orkut, entendeu? Não tenho contato por telefone, de saber onde mora, tudo isso, mas no Orkut eu tenho ali como enviar um recadinho, de receber. E é uma ligação que eu quero ter pra sempre. (André, 31 a 35 anos).

A partir dessa leitura pode-se perceber o fato de que o *Orkut*, assim como os demais portais de relacionamento hoje existentes, são ferramentas que realçam formas de sociabilidade tradicionais, aliando recursos tecnológicos à ampliação dos padrões de sociabilidade até então limitados a situações de co-presença. Por mais que muitas dessas formas de relação careçam de profundidade e vínculos mais sólidos, elas se tornam alternativas viáveis de contato com as pessoas que vivem em sociedades cada vez mais complexas e constantemente se veem arrancadas de situações conviviais mais próximas e ligadas à partilha de um lugar e experiência comuns. Nesse sentido, o portal também é reconhecido como ferramenta que confere aos participantes uma percepção diferenciada acerca de sua experiência com o tempo, na medida em que ele favorece a união de momentos e pessoas que lhes foram (são) relevantes em determinado contexto e época.

– Pra mim o Orkut é poder unir passado, presente e futuro. Isso porque o passado para reencontrar os amigos, o presente pra poder se comunicar ainda mais com as pessoas, e o futuro porque eu acredito que a informática ajudará ainda mais a unir as pessoas. (Ivan, 31 a 35 anos).

Nas questões abordadas no roteiro, os informantes foram incitados a falar sobre a experiência que tinham com o portal do *Orkut*. Além das respostas voltadas para o restabelecimento de contatos com amigos e familiares, também foi ressaltada a exposição que o portal permite, o que pode trazer consequências não desejáveis aos participantes. Os informantes demonstraram estar conscientes disso, fato que os garante buscar um maior “controle” sobre as informações que publicam.

– Eu tenho uma relação de amor e ódio com o Orkut. [risos]. O Orkut já me deu amor e já me deu ódio. Porque é tipo assim, o Orkut é uma exposição de vida. Se você não quer expor sua vida não faça Orkut. É aquela coisa, se você não quer que as pessoas vejam suas fotos, que as pessoas falem de você, não faça Orkut. O objetivo do Orkut é pra ‘futricar’. O objetivo de quem criou o Orkut é esse aí. Pois é, então assim, eu já tive todo tipo de relação com ele. Eu já tive relação do tipo uma pessoa me adicionava porque me via num canto, e eu achava aquilo o máximo quando era mais nova... Namorar eu não consegui porque eu não sei até que ponto isso é verdadeiro, teve gente que consegui e eu acho legal. Tem ciúme de namorado, de ex-marido, tem depoimento de um amigo, tem frase de alguém fofocando, tem esses lados negativos, porque hoje em dia eu tô tão tranquila, eu mudei muito e eu tô muito tranquila, e o objetivo meu no meu Orkut é mesmo ver quem eu não vejo há muito tempo. (Clara, 18 a 25 anos).

Um dos entrevistados mencionou a utilização do *Orkut* para participar de um jogo chamado Colheita Feliz:

– [...] eu tô usando o Orkut mesmo pra “Colheita feliz” já ouviu falar? [já, tentei entrar inclusive, mas minhas plantinhas todas morreram...] é porque você tem que regar, tem que plantar, tudo isso. É porque as pessoas roubam. Pois é e eu já tô querendo me desligar da internet porque eu tô muito viciado nesse jogo. Comprei moeda verde, tô gastando dinheiro. Comprei um cachorro, porque se você for me roubar, o cachorro lhe morde e seus pontos vão pra mim, por isso

que é bom ter o cachorro. Aí tô usando muito pra isso. (André, 31 a 35 anos).

A “Colheita Feliz” trata-se de um jogo virtual no qual os usuários do *Orkut* podem cultivar plantas, criar animais etc, como se fossem donos de uma pequena fazenda. O objetivo do jogo é ter uma fazenda bem cultivada, com uma diversidade de animais, sementes, frutas e legumes. Logo no início, o participante ganha um pequeno número de créditos para poder “comprar” algumas sementes e iniciar seu plantio. O jogo permite uma interatividade, na medida em que os amigos que também participam podem entrar nas fazendas uns dos outros e “roubar” a produção alheia. A fazenda se amplia a partir desses “roubos” recíprocos, e também através da compra de créditos para a aquisição de novas sementes, animais e acessórios para incrementar a fazenda pessoal. O uso desse tipo de aplicativo no *Orkut* possui natureza lúdica, assim como também representa ganhos monetários ao portal, tendo em vista que sua participação de forma efetiva movimentava um mercado virtual através da venda de recursos que serão utilizados na manutenção da fazenda dos participantes.

Ao serem indagados a falar sobre o que costumavam publicar no portal, e o que consideravam mais importante em seus perfis, as respostas confluíram em torno do mesmo assunto: as fotografias. Os informantes demonstram o cuidado em afirmar que, hoje, utilizam o portal para manter contato com amigos e familiares, procurando expor o mínimo de informações possíveis a respeito de suas características. Eles parecem considerar, através dos depoimentos, que as fotos não revelariam (ou revelariam menos) seus aspectos pessoais de forma direta. No entanto, é necessário considerar que as situações exibidas através das fotografias publicadas no portal tornam públicos aspectos particulares e situações que revelam a intimidade vivenciada por quem as publica. Era comum encontrar nos álbuns de fotografias de alguns dos informantes uma profusão de imagens que retratavam eventos, como festas, viagens e encontro com amigos, assim como o interior de suas casas. Dentre os informantes, havia aqueles que chegavam a ter mais de 300 fotos publicadas.

– A minha foto. [só a foto?] Só a foto. Pra definir quem sou eu, eu nunca defini, até porque no meu Orkut só tem quem eu conheço. [E você utiliza realmente a sua foto, não coloca uma outra imagem...] Eu gosto de dizer que são retratos... é porque são só o meu rosto. [...] No meu álbum... de fotografias só tem pessoas e momentos especiais. Pessoas da família, e amigos especiais quando eu vou com eles pra algum canto especial. (Ivete, 26 a 30 anos).

– Só as fotos mesmo porque... as fotos na verdade eu só botei porque todo mundo fica pedindo pra ver as fotos, e a minha máquina eu não consegui ainda baixar a qualidade dela, e então eu não consigo mandar por email as fotos pras pessoas verem por que os arquivos são pesados. Lá não diz nada meu. Não diz que eu sou solteira, sou casada, sou divorciada, sou separada... não tem idade, não tem nada. Só tem a data do meu aniversário, e a cidade que eu moro, que nem a cidade não tinha eu coloquei há pouco tempo. (Clara, 18 a 25 anos).

– Só as fotos... e hoje com há possibilidade de você escolher quem tem acesso, selecionar só as pessoas que você quer que tenham acesso eu não coloco pra todos os amigos, depende. Tipo, carnaval eu coloquei pra todos os amigos, mas na festa da empresa, coloco só o pessoal da empresa... (Cláudia, 31 a 35 anos).

Um outro ponto importante a respeito da pesquisa seria captar depoimentos dos informantes acerca da relação que eles mantêm com o grupo de amigos de sua rede social no *site*. As respostas sobre esse assunto também tiveram certa similaridade, tendo os informantes indicado em suas falas que não costumavam relacionarem-se, ou adicionar – na linguagem corriqueira dos participantes do portal – pessoas que não conheciam previamente. Por esse motivo, não se pode falar numa substituição da convivência física pela virtual. O que as pessoas demonstram, quando são inquiridas sobre esse aspecto, é que as relações que mantêm em suas redes sociais são, em sua maioria, com pessoas que já fazem parte de seu círculo de amizades. Nenhum estudo aponta para uma virtualização radical dessas relações. O que há é um incremento destas mediante o potencial das novas tecnologias em “aproximar” e realçar o contato entre as pessoas, inseridas num contexto urbano complexo e cosmopolita. Quando ocorre um exagero nessa relação do indivíduo com o meio digital, isso deve ser visto como uma patologia, oriunda de uma conduta emocional incomum.

– [...] Todos que estão lá eu conheço. Ou porque conheci há muito tempo, tem primos, tem pessoas da família, que eu não falo pelo Orkut, falo só em datas comemorativas, e amigos assim que falam por recados. E agora com esse negócio de comentar a foto alheia, ultimamente andam comentando muito minhas fotos pra ‘fazer hora com a minha cara’, mas aí só por brincadeira mesmo [...]. [você também comenta nas fotos dos outros?] Só quando tem alguma coisa que... porque tem que ficar olhando... e eu não olho foto de ninguém a não ser que seja por exemplo um passeio que alguém foi fazer em algum lugar que eu acho interessante, aí aparece nas atualizações e eu vou lá, mas eu particularmente eu não saio futricando o Orkut de ninguém. (Clara, 18 a 25 anos).

– Bem, eu só adiciono pessoas que eu conheço, e assim aquela história de recado tá acabando, né, porque agora dá pra ver que a pessoa tá on line, então você busca mais conversar com a pessoa, tipo ontem que eu te vi e falei contigo. Na verdade, eu entro no Orkut eu vejo as atualizações, o que é que tem de novidade, o que que o pessoal postou, depois que eu olhar as atualizações, eu olho o pessoal que tá aniversariando, deixo os parabéns, e é muito pouco porque hoje eu não tenho tanto tempo como eu tinha antes. Então eu só faço isso, e vou bisbilhotar também. [e acessa todo dia?] sempre quando eu posso, né, porque as vezes eu chego tarde em casa, mas quase todo dia eu acesso. Só deixei de acessar quando a CPU quebrou. [risos]. (Cláudia, 31 a 35 anos).

– [...] Só tem conhecidos no meu Orkut. Agora eu tenho vários tipos de amigos no Orkut, eu tenho amigos desde o tempo da adolescência lá do pecém, de quando eu viajava com a minha mãe pra lá e até hoje eu tenho contato com eles através do Orkut. Tem amigos meus ex-colegas de trabalho, amigos meus de infância, parentes, amigos próximos, vizinhos, vários tipos de amizade. (André, 31 a 35 anos).

No roteiro de entrevista, foi contemplada a relação dos informantes com as comunidades da qual fazem parte no portal de relacionamentos. Estas comunidades, como explicado no capítulo 3 deste trabalho, são criadas pelos usuários do portal e trazem temas de caráter bastante variado. Elas possuem como objetivo reunir usuários que se interessam pela temática abordada na comunidade, a fim de que estes possam compartilhar informações, opiniões e experiências sobre determinado assunto em discussão nos fóruns criados para debate.

O que é facilmente observado no *Orkut* é que, muitas vezes, os participantes do portal filiam-se a uma determinada comunidade com o objetivo de demarcarem certas características de sua personalidade, sem que esta filiação os obriguem a contribuir com as discussões tratadas na comunidade. Chama atenção a existência de comunidades intituladas: “Eu tocava campainha e corria”, “Gosto de dormir de conchinha”, ou “Eu sou pra casar”. Esse tipo de denominação associa ações e características sobre os participantes que se filiam à comunidade, fazendo com que aqueles que visualizam o perfil de determinada pessoa formulem um conceito sobre a personalidade de quem estão observando no *Orkut*. Por esse motivo, alguns informantes afirmaram que fizeram certa “limpeza” em seus perfis ao apagar, ou se desfiliaram, de algumas comunidades que, para eles, deixaram de fazer sentido nas suas vidas particulares.

– Hoje em dia eu percebo que as comunidades... são muitas comunidades interessantes, que dá pra ter um diálogo, um fórum bacana. E... ultimamente eu tava com 137 comunidades e algumas não faziam sentido pra mim, que apenas diziam assim: ah, eu sou isso, eu sou aquilo... e nenhuma delas eu ia atrás de saber, de participar, mas tentei trazer umas pra mim, como o Fórum de Educação a distância, que é o meio que eu trabalho, que eu gosto, aí eu tô participando pra saber de pós-graduação, essas coisas... e algumas comunidades eu tirei, e fiquei só com as comunidades que eu tinha um interesse atualmente. E hoje eu faço parte de 6 comunidades. Caí de 137, e hoje no Orkut só tenho 6 comunidades [Dessas 6 você participa ativamente?] Dessas 6, uma eu participo, as outras é só mesmo pra marcar alguma coisa. [Marcar o quê, encontros...?] Uma é pra lembrar, definir, ou então caracterizar uma pessoa que eu gosto. Outra fala que eu amo minha família. Outra... deixa eu lembrar aqui... é... “Namorar, noivar e casar”, sobre relacionamentos. (Ivete, 26 a 30 anos).

– É engraçado porque teve uma época que eu passei uma situação, foi em 2006, eu fiquei muito mal nessa época em virtude de um relacionamento. Aí, com o passar dos anos, eu pensei assim: vou fazer uma reforma, né, uma reforma íntima, tem até no meu twitter “processo de reforma íntima”, alguma coisa assim. Aí a gente vai limpando os arquivos de computador, deixando só as coisas que interessam, e eu fiz isso nas comunidades, aí eu fiquei: nossa eu tava depressiva nessa época, como é que pode eu colocar comunidades assim?! Era como se eu não me aplicasse mais a certas coisas, aí eu tirei o que não interessava e hoje eu sou outra pessoa no Orkut. É tipo se você for olhar minhas comunidades é uma pessoa mais confiante, dá pra perceber que eu gosto de brincar, gosto de me divertir, gosto de sair, gosto de viajar, dizer que eu acredito em Deus. (Cláudia, 31 a 35 anos).

Uma questão que chama atenção sobre a participação nos portais de relacionamento, é a possibilidade do usuário elaborar perfis falsos. Os objetivos variam quando da elaboração de um perfil desse tipo, como exemplifica o seguinte depoimento:

– Eu já tive tudo do Orkut. Eu acho assim: eu não julgo as pessoas que têm Orkut falso. Ela pode ter por vários motivos. Ela pode fazer um falso só pra ver quem entra no seu. Tem aquela menina que não quer fazer [Orkut] porque o namorado não quer, mas ela faz pra ver o dele. Tem aquela que tem namorado, tem Orkut com o namorado, mas tem um falso pra ver os outros. Tem aquela que vê as pessoas que entram no seu Orkut, mas ela não sabe desativar a ferramenta e aí faz um falso pra ver o dos outros. Por tudo isso, entra pra ver se seu namorado faz isso ou aquilo. Pois é, tem vários motivos pra pessoa fazer um Orkut falso. Eu fiz já. Eu fiz e nunca mais mexi e perdi até a senha. (Clara, 18 a 25 anos).

Alguns informantes admitiram já ter possuído ou ainda possuir perfis desta natureza, enquanto outros reprovam essa prática:

– Eu tenho fake. [tu tem quantos fakes?] Só um. Eu uso o fake porque eu gosto de saber quem entrou no meu Orkut. Então eu tenho um fake, que nesse fake eu tô utilizando essa ferramenta que não dá pra ver que eu visitei o Orkut da pessoa, então o que ela deixa pra eu ter acesso eu vou olhar. Assim, se eu tô interessada num cara, aí eu não quero que ele saiba que eu entrei no Orkut dele aí eu uso o fake. (Cláudia, 31 a 35 anos).

– Eu não gosto. Eu não gosto de perfis falsos. Não gosto. Eu não gosto de inventar coisas e... e ir atrás de saber, eu não gosto. Acho que por eu não gostar disso, é uma coisa que eu não faria. Fake, né que chama? Eu não gosto de fake. Nem fake de Orkut nem fake de MSN. (Ivete, 26 a 30 anos).

– Acho isso a mais perfeita sacanagem... Algo que acaba com o real intuito do Orkut. Conheço uma pessoa que tem e não concordo com a atitude dela. E usa apenas pra ficar vendo o perfil dos outros sem ser identificada. (Ivan, 31 a 35 anos).

A ferramenta à qual um dos informantes se referiu diz respeito à possibilidade do usuário do portal desmarcar a opção que ele tem de ser identificado quando visita o perfil de outra pessoa. Quando desmarca essa opção, ele não aparecerá na lista de visitantes recentes, porém, uma vez que faz essa opção, também não poderá saber quem acessou seu perfil. Este fato, muitas vezes, faz com que os usuários habilitem essa opção de ser visto no perfil dos outros só para ter acesso a quem os visitou recentemente. Desta forma, acabam por elaborar um ou mais perfis falsos, a fim de visitarem a página de outros usuários do portal de relacionamentos sem serem identificados.

As redes sociais estão cada vez mais preocupadas em oferecer ao usuário mecanismos que o possibilite administrar os níveis de exposição que deseja para seu perfil público. Nesse sentido, o cuidado do usuário em preservar conteúdos que considera restritos está em sua gestão dos acessos ao seu perfil, ao direcionar determinados conteúdos a pessoas cujo acesso seria permitido. Hoje, os usuários desses serviços demonstram mais segurança com a possibilidade de monitorar sua exposição através desses recursos. O alcance de uma maior experiência no uso desse tipo de serviço faz com que o indivíduo delinear sua privacidade de acordo com seus interesses e com o que considera relevante tornar evidente.

Ainda quanto ao uso de perfis falsos, essa prática também pode estar relacionada a outros fatores como, por exemplo, à adesão do usuário a comunidades que tratam de assuntos que ele prefira não declarar publicamente ou relacioná-los diretamente à sua pessoa. É o caso, por exemplo, de temas ligados à sexualidade, onde poderá obter informações sobre sexo, prostituição e até mesmo pedofilia. O portal *Orkut* proíbe comunidades sobre pedofilia, porém não pode coibir a criação de algumas delas. Uma vez descoberta ou denunciada por usuários do portal, esse tipo de comunidade sai do ar. Além disso, serviços de inteligência brasileiros – para ficarmos restritos ao caso nacional – são informados sobre o crime e poderão iniciar um rastreamento, a fim de identificar autores do conteúdo e possíveis redes nacionais e internacionais ligadas à prática da pedofilia.

A fim de contemplar todos os objetivos da pesquisa e buscar, nas falas dos informantes, o significado que atribuem à sua participação no portal de relacionamentos, o roteiro de entrevista incluiu um questionamento a esse respeito.

As variáveis contato e vínculo, assim como a nomeação dos portais de relacionamento como mais um meio para se manter comunicação e reforçar formas de interação foram apontadas pelos informantes, numa expressão característica da natureza prosaica, lúdica e flexível dessas formas de agregação social.

– Hoje, hoje é... lembrar de alguém, ir atrás desse alguém, e uma forma de manter contato, né. Eu tenho seiscentos e poucos amigos, então eu sempre vou lembrar de alguém porque mantenho contato [todos você conhece?] Todos, todos, todos, todos. Eu só adiciono conhecido, todos, todos. E isso porque tem pessoas que saíram do Orkut, e as pessoas que eu conheço que saíram do Orkut foi por causa de relacionamento, pra não ter confusão, briga, porque o Orkut hoje, e o msn também, é que tá sendo vilão... (Cláudia, 31 a 35 anos).

– [O Orkut é] mais uma ferramenta de interação com as pessoas, que eu conheço. Acho que não é nada mais do que isso. É como o msn, é como, deixa eu ver..., tantos outros que tem aí que eu nunca nem mexi, twitter, facebook, blog... Eu acho que é mais uma ferramenta de comunicação com as pessoas, a diferença que tem do msn é que, vamos supor, você quer falar com uma pessoa, a pessoa não tá on line no msn, e você sabe que ela tem Orkut então vai lá e deixa um recado que ela vai olhar. Então, é uma forma de comunicação. (Clara, 18 a 25 anos).

Os interesses revelados pelos participantes da pesquisa foram o de preservar o contato com pessoas da família e amigos que moram longe; assim como “resgatar” amigos de infância, da adolescência etc. Para eles, as redes sociais, em especial o *Orkut*, favorecem esse “encontro” e os possibilita reativar/realçar esses contatos, a partir do compartilhamento de fotografias e interesses em comum. Não se trata exatamente de uma perda da noção de público e de privado, mas sim de um redimensionamento dessas dimensões. O que se vê através dessas narrativas individuais é um ganho de expressividade em escala nunca antes vista. O indivíduo encontra uma oferta grande de mecanismos que alimentam seu desejo de revelar-se, com o diferencial de ter ao seu dispor um número considerável de “espectadores”, ao mesmo tempo que também são, eles mesmos, “espectadores”.

Todo esse anseio satisfaz a busca por uma protagonização das histórias e concepções de vida do sujeito contemporâneo.

– O Orkut é pra manter contato, e pra saber um pouquinho né... bisbilhotar. Porque assim: eu pesquiso tanto no Google como no Orkut, mas o Orkut é uma forma de não perder a forma de bisbilhotar um pouquinho, saber o que tá acontecendo... (Cláudia, 31 a 35 anos).

– O Orkut pra mim é algo pra atçar a vida dos outros... Tipo, uma ferramenta que pode unir e desunir, pois às vezes pode trazer confusão em algum relacionamento por causa de um recado estranho... Mas também é uma coisa positiva pra gente poder se comunicar com os amigos que a gente não vê faz tempo. (Roberto, 26 a 30 anos).

A interatividade desses mecanismos advém do intercâmbio desses portfólios pessoais, os quais são construídos visando satisfazer uma demanda de exposição/expressão. O que se chama de privacidade, nesse contexto, é um apanhado de características, narrativas, fotografias etc, que delineiam a *persona* do indivíduo e o põem em contato com aqueles que fazem parte de suas redes individuais de interatividade. Trata-se de uma reconstrução de si mesmo. O privado, nessa esfera, ganha uma dimensão espetacular e o caráter resguardado que outrora lhe era peculiar passa a ser questionado no contexto das novas tecnologias de interação. Os limites do dizível e do “mostrável” parecem alargar-se cada vez mais em benefício do ganho de expressividade que os recursos de comunicação permitem.

Existe hoje um apelo muito forte à comunicação. E a tecnologia incorporada pelas redes sociais traduz o desejo do homem contemporâneo em tornar-se evidente. Subjacente a isso, está o uso potencial das informações postadas pelos usuários dessas redes sociais pelas grandes corporações. Tal possibilidade é uma contrapartida que o usuário oferece no momento de sua adesão a esse tipo de serviço, tão comum nos dias de hoje. O desejo de expressão e comunicação do indivíduo retro-alimenta bancos de dados cada vez mais sofisticados, os quais buscam ofertar bens e serviços segmentados, que visem alcançar nichos de um mercado bastante heterogêneo. Por sua vez, não se pode

ceder ao vício de “etiquetar” os usuários dessas redes de “ingênuos”, os quais caem nas densas armadilhas e conspirações do mercado. Deve-se olhar para esse fenômeno considerando sua dimensão e também atentar para o fato de que o sujeito não está passivo diante disso tudo. Ao contrário, ele se apropria dessas redes de forma bastante peculiar, expondo seus interesses e revelando parte daquilo que considera relevante mostrar, sabendo que isso lhe trará perdas e ganhos.

As falas dos informantes da pesquisa e a inserção no campo, visando apreender a dinâmica dos portais de relacionamento, permitiram uma interpretação capaz de atribuir sentido ao uso dos canais de comunicação e expressão, que encontram no suporte tecnológico sua difusão e apropriação maciça. Tal quadro revela um contexto em que a sociabilidade e a noção de público e privado precisam ser revistos, a fim de adequá-los ao cenário que desponta a partir dessas “novas” relações sociais e vivências comunitárias.

Nos próximos capítulos serão contempladas boa parte da discussão e referencial teóricos que ampararam a realização desta pesquisa, a fim de que se possa propiciar um debate profícuo em torno das questões que permeiam a compreensão dos valores que configuram as sociedades contemporâneas.

Mediante um cotejo de diversas tradições teóricas é possível oferecer um debate acerca dos pressupostos que dão sustentação a essas novas formas de sociabilidade, como elas se estruturam e sua atual importância no desenvolvimento das relações sociais contemporâneas. Além disso, a análise teórica também considera uma revisão acerca do redimensionamento das noções de público e privado e como a conduta do sujeito se orienta, atualmente, no interior dessas esferas.

5 PÚBLICO E PRIVADO: PARÂMETROS PARA UMA INTERPRETAÇÃO

Nos portais de relacionamento social as pessoas encontram uma forma de apresentar aos outros suas características, elementos de sua vida pessoal, encontrar amigos, realizar discussões sobre assuntos do seu interesse e manter contato com pessoas que já fazem parte de seu círculo pessoal de amizades. Além disso, há possibilidade de conquistar novos amigos, efetivar contatos profissionais, ou até mesmo encontrar um par romântico.

A tecnologia disponível hoje torna possível realizar essa aproximação. E independente do espaço geográfico que ocupamos, a Internet nos faz presentes, ainda que virtualmente, dentro desses novos dispositivos de relação social.

Todo esse cenário mobiliza uma série de discussões e remete a questões que não podem passar despercebidas para quem se dedica a desvendar ou perceber com maior atenção esse fenômeno. As teorias contemporâneas apontam um horizonte novo, com perspectivas diversas, engajadas ou não, ao cenário que toma corpo: existem abordagens que conclamam o potencial inovador e o poder gregário das novas mídias; assim como existem aqueles que enfatizam o caráter atomista e individual da sociabilidade no contexto virtual.

Durante a pesquisa, procurei não perder de vista as determinações históricas que fizeram com que o fenômeno da exposição de intimidades viesse à tona. Por isso, foram analisadas as implicações que vieram a transformar, no decorrer do tempo, o significado da vida privada dos sujeitos, bem como seus modos de percepção e valorização da vida íntima. Esses aspectos são ressaltados com o objetivo de contextualizar o objeto, já que os parâmetros e códigos de conduta individuais, evidentemente, variam ao longo da história.

Neste capítulo, serão discutidos aspectos relacionados às esferas pública e privada, as quais não poderiam passar despercebidas na análise sobre as relações e expressões que predominam no contexto das novas tecnologias, em especial no uso da Internet.

Sobre a importância desta análise, Thompson (2005, p. 72) afirma que “o desenvolvimento dos meios de comunicação criou novas formas de interação, *novos*

tipos de visibilidade e novas redes de difusão de informação no mundo moderno [...] que alteraram o caráter simbólico da vida social [...]” – grifos meus. É desta forma que, segundo ele,

Precisamos repensar o significado do ‘caráter público’ hoje, num mundo permeado por novas formas de comunicação e de difusão de informações, onde os indivíduos são capazes de interagir com outros e observar pessoas e eventos sem sequer os encontrar no mesmo ambiente espaço-temporal. (THOMPSON, 2005, p. 72).

Nessa perspectiva, realizei um cotejo sobre o significado das noções de público e privado, as quais foram se redimensionando ao longo do tempo, procurando evidenciar como essas transformações são importantes para a compreensão do fenômeno investigado.

5.1 As noções clássicas de público e privado

Os termos público e privado, na língua portuguesa, têm vários significados. Ao público pode-se atribuir o sentido de algo que pertence ao governo, ao estado, a uma coletividade, assim como denomina um conjunto de pessoas com características e interesses comuns. O privado configura-se como algo a que pertence a um indivíduo particular, de caráter restrito e confidencial. Aquilo que deve ser afastado do conhecimento público, de ordem pessoal, íntima e pertencente a um domínio não governamental.

Estas definições dos termos público e privado servem como ponto de partida da discussão a ser tratada neste item. Tendo como referência a teoria de Hannah Arendt, procurarei evidenciar como a mudança na noção dos termos público e privado reflete uma profunda transformação das relações a serem efetivadas nestas esferas a partir da modernidade, mais especificamente, com o advento da sociedade burguesa.

Indo buscar as bases de sua reflexão no pensamento grego, Arendt (2005) descreve como a diferenciação entre público e privado era condição necessária para que o cidadão exercesse suas atividades na polis e fruisse de sua condição verdadeiramente humana. Conforme a autora, a máxima do pensamento grego, verificada na expressão que classifica o homem como sendo, por natureza, um animal político (*zoon politikon*) fora interpretada de maneira equivocada por alguns dos grandes nomes do pensamento antigo, como S. Tomás de Aquino e Sêneca. Segundo termos presentes em suas obras, a tradução da expressão aristotélica *zoon politikon* é interpretada como sendo o homem um animal social. (ARENDR, 2005).

Entretanto, de acordo com o pensamento grego, a condição social do homem lhe era inerente e não se diferenciava das formas gregárias de vida dos outros animais. A associação com outros de sua espécie era para o homem um imperativo biológico e não condição essencial de sua vida humana. Já a condição de “animal político”, ou seja, “a capacidade humana de organização política não apenas difere mas é diretamente oposta a essa associação natural cujo centro é constituído pela casa (*oikia*) e pela família”. (ARENDR, 2005, p. 33). É nesse centro que se encontra o reino das necessidades, as quais são atendidas através do trabalho. Já o público seria o reino da liberdade da expressão da individualidade humana, onde, mediante a ação (*práxis*) e o discurso (*lexis*) o homem encontraria as bases para o desenvolvimento de sua condição essencialmente humana. É somente através da conquista da satisfação das necessidades biológicas e referentes à manutenção da vida (esfera privada) que o indivíduo ascenderia à esfera pública para exercer as atividades que o diferenciam dos outros animais. (ARENDR, 2005).

Contudo, ao longo da exposição de seu pensamento, Arendt nos mostra que, na modernidade, passamos a contar com uma outra esfera: o social. De acordo com a autora,

A distinção entre uma esfera de vida privada e uma esfera de vida pública corresponde à existência das esferas da família e da política como entidades diferentes e separadas, pelo menos desde o surgimento da antiga cidade-estado; mas a ascendência da esfera social, que não era nem privada nem pública no sentido restrito do termo, é um fenômeno relativamente novo, cuja origem coincidiu com o surgimento da era moderna e que encontrou sua forma política no estado nacional. (ARENDR, 2005, p. 37).

Conforme a teoria arendtiana, é importante ter em mente que as noções clássicas de público e privado, contidas no pensamento grego, e o abismo outrora existente entre essas esferas deixou de existir a partir da modernidade. A linha divisória que estabelecia a nitidez do público e do privado passou a ser menos perceptível nas sociedades modernas. É sobre este aspecto que a reflexão de Arendt se torna indispensável a este estudo. Segundo o pensamento desta autora, na esfera social, passaram a ser admitidos assuntos que, na sociedade antiga, eram restritos à esfera doméstica e privada. Deste modo, a natureza da esfera pública, na Modernidade, assume características distintas daquelas conhecidas e legitimadas pela esfera pública em seu sentido clássico. Arendt afirma que a

[...] linha divisória é inteiramente difusa porque vemos o corpo de povos e comunidades políticas como uma família cujos negócios diários devem ser atendidos por uma administração doméstica nacional e gigantesca [o Estado-Nação]. (ARENDR, 2005, p. 37).

A esfera pública moderna passa a comportar assuntos que não eram concebidos como sendo públicos e, principalmente, políticos. Por isso, diz-se que a esfera pública foi “engolida” pela esfera privada. Nas palavras de Arendt,

A passagem da sociedade [...] do sombrio interior do lar para a luz da esfera pública não apenas diluiu a antiga divisão entre o privado e o político, mas também alterou o significado dos dois termos e a sua importância para a vida do indivíduo e do cidadão, ao ponto de torná-los quase irreconhecíveis. (ARENDR, 2005, p. 47).

Essa alteração do significado dos termos público e privado tem importância fundamental para a análise das características do que hoje conhecemos como sendo o privado. É fundamental observar que o público fora absorvido pela esfera social, a qual trazia consigo aspectos que eram considerados restritos à vida privada. Deste modo, a privatividade passa a assumir um outro sentido, distinto do clássico, no qual era definida como sendo

[...] literalmente um estado no qual o indivíduo se privava de alguma coisa, até mesmo das mais altas e mais humanas capacidades do homem. [...] Hoje não nos ocorre, de pronto, esse aspecto de privação quando

empregamos a palavra “privatividade”; e isto, em parte, se deve ao enorme enriquecimento da esfera privada através do moderno individualismo. (ARENDT, 2005, p. 48).

Assim, tem-se que esse aspecto “privativo” da esfera privada passa a ser considerado oposto à esfera social, não à esfera pública em seu sentido clássico. Para Arendt (2005, p. 48), “o que hoje chamamos de privado é um círculo de intimidade cujos primórdios podemos encontrar nos últimos períodos da civilização romana [...]”. A privacidade moderna tem como função proteger aquilo que é íntimo. Ou seja, como o público fora esvaziado de seu sentido original, e a denominada esfera social passou a assumir o que antes era considerado como assunto privado, a esfera privada passa a se caracterizar, essencialmente, por conteúdos da subjetividade humana, os quais encontraram expressão significativa na arte, na poesia e na música modernas.

Diante dessa concepção, é possível perceber como se deu parte do processo de transformação dos sentidos das esferas pública e privada, e como essa leitura é importante para o melhor entendimento do que hoje é considerado como privacidade e publicidade, ou seja, os assuntos que são admitidos numa ou noutra esfera.

Conforme Arendt, a esfera privada fora enriquecida pelo individualismo moderno, onde o sujeito passa a investir nos aspectos privados de sua existência. Atualmente, o que se vê na Internet é um reflexo desse investimento. Entender o processo de valorização dessa visibilidade é, também, verificar as transformações trazidas pelo desenvolvimento das instituições modernas.

5.2 Da invisibilidade à visibilidade: o redimensionamento do sentido de privacidade

5.2.1 A esfera pública burguesa

Habermas também se dedica à análise da transformação do sentido clássico de público e privado. Em sua obra *Mudança estrutural da esfera pública* (1984), ele fornece a análise de um contexto mais específico, já que apresenta um estudo centrado na reestruturação da esfera pública, reconhecendo-a como uma categoria da sociedade burguesa. Ele verifica as transformações que foram, com a passagem ao modo de produção capitalista, reconfigurando a esfera pública e, por consequência, a esfera privada.

Sua interpretação sobre a admissão na esfera pública dos assuntos que outrora estavam restritos à privada (*oikia*) – o que viria a constituir a esfera social – converge com o pensamento de Arendt. Contudo, ele acrescenta que

A atividade econômica privatizada precisa orientar-se por um intercâmbio mercantil mais amplo, induzido e controlado publicamente; as condições econômicas, sob as quais elas ocorrem agora, estão fora dos limites da própria casa; são, pela primeira vez, de interesse geral. É nessa esfera privada da sociedade que se tornou publicamente relevante que Hannah Arendt pensa quando ela caracteriza, em contraposição à sociedade antiga, a relação moderna entre esfera pública e esfera privada mediante a formação do 'social'. (HABERMAS, 1984, p. 33).

Ainda conforme Habermas,

Na passagem da Economia transmitida pela Antiguidade para a Economia Política espelham-se as mudanças nas relações sociais. Sim, o próprio conceito do econômico, que, até o século XVIII estava ligado ao círculo das tarefas do *oiko-déspota*, do *pater familias*, do senhor da casa, agora só adquire seu significado moderno na práxis da empresa, que calcula conforme os ditames básicos da rentabilidade: as tarefas dos senhores da casa se estreitam e acentuam a poupança na economia doméstica. A economia moderna não se orienta mais pelo *oikos*, pois *no lugar da casa colocou-se o mercado* [...]. (HABERMAS, 1984, p. 34, grifo meu).

A esfera pública burguesa, segundo o autor, passou a ser formada a partir do seu interesse em se contrapor ao Estado – que outrora não partilhava de todos os interesses burgueses – a fim de que fosse criado um estado de direito que regulamentasse as relações de troca, as quais passaram a ter predomínio e relevância social:

A esfera pública burguesa pode ser entendida inicialmente como a esfera das pessoas privadas reunidas em um público; elas reivindicam esta esfera pública regulamentada pela autoridade, mas diretamente contra a própria autoridade, a fim de discutir com ela as leis gerais da troca na esfera fundamentalmente privada, mas publicamente relevante, as leis do intercâmbio de mercadorias e do trabalho social. (HABERMAS, 1984, p. 42).

Na leitura de Habermas (1984), reivindicações desta natureza não tiveram antecedentes históricos. Os conflitos de poder entre os estamentos eram negociados e equilibrados através da autoridade do soberano ou dos senhores feudais. A partir do séc. XIII, para o autor, essa prática leva a uma dicotomia entre os estamentos dominantes e o poder do soberano. Na Inglaterra, com o estabelecimento do parlamento, houve uma relativização da mediação dos estamentos pelo monarca. Contudo, mesmo diante desse equilíbrio de forças, esse modelo não poderia mais afirmar-se como estado dominante numa economia que passava a ser baseada nas relações de troca. É então que

Uma partilha do poder mediante a limitação dos direitos feudais (direitos feudais eram também as "liberdades" corporativas) não é mais possível à base da economia de troca – pois, oriundo do Direito Privado, não é político o poder de dispor sobre a propriedade que funcione capitalisticamente. Os burgueses são pessoas privadas; como tais, não 'governam'. Por isso, as suas reivindicações de poderio contra o poder público não se dirigem contra a concentração do poder que deveria 'compartilhado'; muito mais eles atacam o próprio princípio de dominação vigente. (HABERMAS, 1984, p. 43).

O público burguês contestava, assim, algo mais que uma simples transformação no poder então dominante. Era preciso uma mudança substancial em sua estrutura, a fim de que esta pudesse comportar e reger a sociedade com base nas relações da troca mercantil.

Na descrição habermasiana, essas mudanças por que passava a esfera pública também trouxeram consigo uma maior autonomia do aparelho do Estado perante à esfera pessoal do monarca. Este já não incorporava o poder de forma tão plena, e a sociedade de corte passava, paulatinamente, a dividir seu cenário com a cidade. De acordo com Habermas, "à medida que 'a cidade' assume suas funções culturais, modifica-se não só o sustentáculo da esfera pública, mas ela mesma se modifica". (HABERMAS, 1984, p. 47).

Com relação à especificidade desta discussão, é importante frisar que Habermas (1984) revela – para além dessas mudanças de ordem econômica e macrossocial – que a esfera íntima da pequena família é o local em que se originou historicamente a privacidade. No entanto, em seu sentido antigo, a privacidade (o privado) era o domínio destinado ao reino das necessidades e da sobrevivência. Já o sentido moderno de privado evoca “uma interioridade livre e satisfeita”, como significado mesmo de um gozo particular de experiências provenientes da subjetividade. E aquele sentido antigo de atendimento às necessidades materiais de sobrevivência estaria praticamente excluído desse domínio familiar e íntimo da privacidade. “À medida que a troca de mercadorias rebenta com os limites da economia doméstica, a esfera restrita da família se delimita perante a esfera da reprodução social [...]”. (HABERMAS, 1984, p. 43).

Nesse sentido, tem-se que a esfera privada passa a ser duplamente classificada, onde em suas instâncias “o *status* de homem privado combina o papel de dono de mercadorias com o de pai de família, o de proprietário com o de 'homem' simplesmente”. (HABERMAS, 1984, p. 44). Desta forma, o privado passa a nomear esses dois papéis, de maneira simultânea.

Thompson (2005), em sua avaliação da teoria da esfera pública, resume o pensamento de Habermas (1984) sobre a reestruturação desta esfera durante o desenvolvimento do capitalismo:

Ao mesmo tempo [com o desenvolvimento do capitalismo], uma ‘sociedade civil’ emergiu como o domínio das relações de uma economia privatizada que eram estabelecidas sob a égide da autoridade pública. O domínio ‘privado’ assim compreendia também o domínio em expansão das relações econômicas quanto a esfera íntima de relações pessoais que se tornavam cada vez mais livres da atividade econômica e ancoradas na instituição da família conjugal. Entre o domínio da autoridade pública ou o estado, de um lado, e o domínio privado da sociedade civil e das relações pessoais, de outro, surgiu uma nova esfera de ‘público’: a esfera pública burguesa que consistia de indivíduos que se reuniam privadamente para debater entre si as normas da sociedade civil e da condução do Estado. (THOMPSON, 2005, p. 68).

5.2.2 O processo de privatização e individualização

Diante desse contexto de mudança na estrutura da esfera pública, Habermas (1984) passa a definir o processo de institucionalização de uma privacidade ligada ao público, na família burguesa. E sobre esse aspecto ele fala da existência das necessidades de um público-leitor burguês, que se satisfazia na leitura de dramas burgueses e romances de natureza psicológica. Segundo o autor,

[...] As experiências, sobre as quais um público, que apaixonadamente tematiza a si mesmo, *busca no raciocínio público das pessoas privadas entendimento mútuo e esclarecimento*, essas experiências fluem de fontes de uma subjetividade específica: o seu lar é, em sentido literal, a esfera da pequena-família patriarcal. (HABERMAS, 1984, p. 60, grifo meu).

Habermas fala de uma “nova vida familiar”, proveniente da interioridade da família nuclear burguesa, que se distingue da vida relacional e comunitária das grandes famílias, estas mais restritas a costumes ligados ao ambiente rural e pré-burguês, distinto daqueles que se formavam no ambiente citadino. Para ilustrar seu raciocínio, ele registra a mudança no estilo arquitetônico das casas:

[...] A privatização da vida pode ser observada numa alteração do estilo arquitetônico: ‘nas casas recém-construídas foram feitas determinadas mudanças arquitetônicas. A galeria de teto mais alto, com barrotes em cima, [...] sai então de moda. A sala de jantar e os quartos de dormir passaram a ser feitos da altura de um andar, enquanto que as diferentes finalidades a que o antigo salão devia servir foram distribuídas por numerosos quartos de tamanho comum [...]’”. (TREVELYAN *apud* HABERMAS, 1984, p. 61).

O que se observa é que o espaço destinado à convivência em comum diminuiu, tornando-se cada vez menor. Ao contrário, “os quartos privados de cada um dos membros da família tornaram-se cada vez mais numerosos, sendo decorados de modo característico. O isolamento do membro da família [...] passa a ser considerado algo positivo”. (HABERMAS, 1984, p. 61).

Nesse processo, observa-se que o indivíduo passa a ganhar seu espaço próprio no interior das casas, o que é evidência de uma valorização e maior

delimitação do eu. No interior da família burguesa, a individualidade e a subjetividade das pessoas passa, então, a ser forjadas sob a institucionalização das relações privadas da vida familiar burguesa, esta sendo reconhecida como uma esfera que “elabora intimamente a humanidade”. (HABERMAS, 1984, p. 64). Habermas dirá que a forma literária que dá expressão a essas mudanças é a correspondência epistolar – e ainda, o diário íntimo pessoal. As cartas que eram trocadas entre amigos, enamorados, familiares, passam a retratar de maneira mais expressiva e demarcada a subjetividade e personalidade de seus remetentes.

A análise de Habermas define a concepção da esfera pública, e a consequente redefinição do privado, sob a perspectiva da emergente burguesia. O *modus vivendi* que é retratado em sua teoria demonstra como a burguesia precisou, conforme a natureza de suas relações materiais, de uma redefinição da esfera pública que se adequasse aos interesses de sua forma específica de relacionar-se nesta esfera, sob um modo de produção predominantemente capitalista.

Entretanto, é necessário abordar que o novo código de relações que passava a dominar o espaço público, em sua análise, estava restrito ao estamento burguês da sociedade, o qual deixava de lado as classes populares e menos abastadas, como a operária, por exemplo. Deste modo, investigando outras leituras – como as de Prost (2009) – que ilustram o histórico de transformações das esferas pública e privada é possível constatar que esse processo não se deu de forma homogênea e simultânea no corpo social. O conjunto dessas mudanças deu-se de maneira diferenciada entre as diversas camadas sociais que passaram a se constituir sob o signo das relações de troca de mercadorias.

Partindo do mesmo exemplo dado por Habermas (1984), o qual ilustrava a arquitetura dos imóveis burgueses, é importante ressaltar que, em contraposição a estes, até o final do séc. XIX e início do séc. XX, as moradias populares eram distintas do estilo burguês:

[...] A essas residências amplas, a essas casas 'burguesas', opunham-se as moradias populares. Operários e camponeses se aglomeravam em habitações de um ou dois cômodos. No campo, muitas casas tinham apenas um aposento, onde a família cozinhava e dormia. Os médicos que, por volta de 1900, estudaram as condições de higiene das casas rurais, [...]

nos descrevem esses aposentos coletivos, onde às vezes se amontoam quatro camas, cada qual para, no mínimo, duas pessoas. (PROST, 2009, p. 54).

Observe-se que o recorte temporal de Prost é mais recente do que o contexto apresentado por Habermas, situado entre os séc. XVII e XVIII, o que indica que o capitalismo não extinguiu a separação entre as classes sociais ao longo do tempo. Na análise de Prost, o séc. XX, mais precisamente em sua segunda metade, é tido como o século da conquista do espaço, advinda com o processo de democratização política e social.

Com a introdução de políticas públicas de incentivo à construção de imóveis populares, na segunda metade do século XX, a oferta de habitação ampliou-se de forma considerável³¹. E esse tipo de imóvel deveria atender a padrões mínimos de espaço e equipamentos, para que o poder público pudesse conceder seu apoio. De acordo com essas normas, "uma peça habitável não pode ter menos de nove metros quadrados. Uma casa possui, além da cozinha, uma sala em comum, um quarto para os pais e pelo menos um quarto para dois filhos, banheiros internos, um local para lavagem de roupas [...]". (PROST, 2009, p. 58).

Todo esse processo de transformação no interior das moradias deve-se, dentre outros fatores, a uma demanda do indivíduo, o qual passava a reivindicar seu próprio espaço. Para Prost,

[...] essas mudanças quantitativas acarretam mudanças qualitativas. Mais espaço em casa significa outro espaço e outra maneira de viver em casa. O aumento das moradias se deu pelo aumento do número de peças, e isso levou à especialização funcional dos aposentos. Cria-se uma nova configuração do espaço doméstico [...]. Assim, a vida privada se desdobra: dentro da vida privada familiar, aparece a individual. (PROST, 2009, p. 59).

Ressaltar as mudanças ocorridas no interior das moradias ilustra uma das importantes transformações na concepção das esferas pública e privada no decorrer do tempo. O processo de individualização por que passou o sujeito ao longo dessas

³¹ É pertinente acrescentar que o autor se refere ao contexto francês quando fala nas transformações ocorridas nas políticas de habitação. Considero válido apresentar sua análise, já que o teor dessas mudanças possui alcance indeterminado. Além disso, a importância dessa leitura deve-se ao destaque no processo de individualização, e o surgimento de uma demanda de espaço próprio ao indivíduo. Cabe destacar também que a análise deve ser relativizada face as precárias condições de moradia dos pobres no Brasil.

mudanças foi dependente dessa oferta de espaço próprio e, ao mesmo tempo, esteve ancorada na demanda do sujeito por uma delimitação daquilo que lhe era mais particular: o cultivo de si mesmo. Diante do que Prost assinala,

Antes dessa revolução habitacional, de fato, a vida privada individual era inevitavelmente partilhada com os que conviviam no mesmo espaço doméstico. Os muros da vida privada separavam o universo doméstico do espaço público, isto é, dos estranhos ao grupo familiar. Mas, por trás desses muros, exceto entre a burguesia, faltava espaço para a privacidade de cada membro da família: o espaço privado, portanto, era apenas o espaço público do grupo doméstico. (PROST, 2009, p. 59).

Apesar das limitações acarretadas pelas diferenças de classe, o capitalismo provocou uma revolução na maneira do sujeito perceber-se como dotado de algo que lhe era inerente e que deveria ser preservado. Prost (2009, p. 64) destaca que “se há uma nova ideia na França, [a partir da segunda metade do século XX] é a de que os indivíduos têm o direito de levar a vida privada como bem entenderem. Durante toda a primeira metade do século XX, a vida privada se viu praticamente presa ao controle da coletividade [...]”.

Entretanto, foi preciso um certo tempo para que o indivíduo – já tendo conquistado seu espaço – pudesse levantar-se contra o domínio da instituição familiar e determinar o que seria melhor para sua vida e seu futuro. Mesmo diante da conquista do espaço, não se pode negar que a família exerceu – e ainda exerce, até certo ponto – grande controle sobre o destino de seus membros, sendo necessária uma mudança ainda maior nos costumes e valores que davam sustentação ao código de conduta individual.

Como anuncia Prost (2009, p. 68), “[...] foi preciso também que a instituição familiar se abrandasse. A transformação do espaço teria sido impotente sem a evolução dos costumes”. De acordo com a análise do autor,

[...] a família perde gradualmente as funções que a caracterizavam como uma microssociedade. A socialização dos filhos abandonou em larga medida a esfera doméstica. A família, portanto, deixa de ser uma instituição para se tornar um simples ponto de encontro de vidas privadas. (PROST, 2009, p. 74).

Ainda de acordo com a análise de Prost, sobre a mudança do papel da família na formação dos indivíduos, tem-se que “[...] a vida privada se confundia com a vida familiar; agora é a família que é julgada em função da contribuição que oferece à realização das vidas privadas individuais”. (PROST, 2009, p. 81).

5.2.3 Público e Privado: espaços de transição

Ainda tendo como referencial as análises de Antoine Prost (2009) sobre as esferas pública e privada, merece destaque o fato de que a história da vida privada no século XX é demarcada por dois movimentos: a transferência do trabalho dos espaços domésticos para locais impessoais; e a conquista do espaço não somente físico, mas pessoal, do indivíduo dentro da família.

A diferenciação dos espaços público e privado no século XX foi realizada tendo como suporte uma ampla e complexa teia de articulação e convivência entre estas duas esferas, não tendo sido marcada por uma oposição radical entre elas. Parte desta articulação ganha contorno nos espaços de entrecruzamento da vida privada e pública, demonstrada pela necessidade de uma convivência diária do indivíduo numa e noutra esfera. Ele ilustra essa necessidade através da organização coletiva dos espaços para uso comum nas grandes cidades, como os transportes coletivos – utilizados no cotidiano de quem se desloca de casa para o trabalho diariamente.

No entanto, de acordo com o autor, o bairro, tomado como um contexto mais particular no seio das cidades, é tido como espaço de transição por natureza, e como lugar de conhecimento mútuo. “Sair pelo bairro é, pois, se expor”. Nas palavras do autor,

[...] Sair de casa é se expor a encontros, sem saber exatamente quem vai se encontrar. O encontro não é de ordem privada; não é escolhido, ocorre num local público e geralmente se limita a banalidades e ‘lugares-comuns’. Mas não se pode evitar um envolvimento pessoal nesses encontros: o outro

sabe quem é e onde mora a pessoa, conhece o cônjuge, os pais, os filhos. (PROST, 2009, p. 101).

Em contraposição a esse movimento de transição e convivência proporcionada pelo cotidiano nos bairros, Prost (2009) destaca que grande parte dessa sociabilidade e reconhecimento foi suprimida pelas características da urbanização contemporânea. Ou seja, com o aumento crescente da população das grandes cidades, essas relações ganharam um maior grau de complexidade e a vida nos conglomerados urbanos passou a exigir de seus cidadãos um retraimento, de certa forma involuntário, mais ocasionado pelo nível de ocupações diárias de seus habitantes, bem como numa mudança na arquitetura das novas moradias. Como demonstra Prost,

As formas arquitetônicas e urbanas da modernidade dificultam ainda mais a articulação entre o privado e o público no espaço do bairro, pois elas desestruturam esse espaço. É o fim das ruas, que canalizavam os itinerários, e o fim das lojinhas: as mercearias são substituídas pelos centros comerciais, aonde frequentemente se chega de carro. 'Sair para dar uma volta' já não tem muito sentido nesse espaço funcional. (PROST, 2009, p. 106).

Para Prost (2009), ainda que essa mudança seja acentuada, é inegável a existência de muitos espaços preservados no interior das cidades, principalmente nas áreas com características mais populares. Entretanto, ele afirma que

[...] a vida de bairro se empobreceu e o conhecimento mútuo se reduziu. Os modos de vida mudaram. Passa-se menos tempo no bairro, e a pressa é maior. O convívio não tem apenas aspectos positivos: é também vigilância de todos os instantes, censura, maledicência. O individualismo moderno não se dá bem com essas tutelas [...]. (PROST, 2009, p. 107).

É interessante mostrar como a transformação desses aspectos da vida cotidiana, aparentemente simples, proporciona um entendimento sobre a configuração das novas formas de sociabilidade que sobressaem desse contexto, como por exemplo, aquelas que se realizam tendo como suporte a tecnologia. Todo esse horizonte oferece uma explicação possível para o aumento gradativo que vemos nas relações sociais mediadas pela tecnologia de comunicação.

Em paralelo a isso, faz-se necessário apontar que Prost não considera válido concluir que o público foi englobado pelo privado. Em sua interpretação, as novas sociabilidades, apesar de serem pautadas, cada vez mais, pela introdução e troca de aspectos particulares sobre a personalidade dos indivíduos nela envolvidos, não significam o esvaziamento completo das normas e moral específicas da dimensão do público. Conforme o autor,

[...] é incontestável que há um esforço para reintroduzir as particularidades pessoais na vida social. Mais isso não transforma a vida pública em vida privada. À medida que nossa sociedade adotou formas reguladoras mais brandas para garantir sua coesão, os códigos sociais se tornaram mais sutis e mais discretos, mas sempre persistindo: não se pode dizer qualquer coisa a um superior ou a um colega, nem se vestir de qualquer jeito. Para se expressar na esfera do público, a pessoa deve [ainda] recorrer a esses códigos mais complexos, porém igualmente efetivos [...]. (PROST, 2009, p. 123).

A leitura de Prost oferece uma explicação coerente sobre as mudanças e introdução de outros referenciais à orientação dos sujeitos na formação e estabelecimento de suas relações sociais. Para o autor, ao mesmo tempo em que houve um enriquecimento na dedicação e certa prioridade que o sujeito moderno atribui ao privado, a vida pública também “penetra, infiltra e modela o recôndito mais secreto e mais íntimo da vida privada”. (PROST, 2009, p. 124). Por outro lado, não se pode deixar de lado as leituras que dão conta desse movimento de valorização e cultivo do privado como características de uma sociedade presa ao domínio de uma visão intimista.

No próximo capítulo, será abordado o processo de transformação sofrido na noção de intimidade e sua dependência da mudança ocorrida nas esferas pública e privada.

6 A TRANSFORMAÇÃO DA INTIMIDADE

“Acreditar que se esconde, no fundo de si mesmo, uma identidade pessoal, um 'verdadeiro eu' – esse mito da interioridade – se constituiu de forma lenta no Ocidente, até tornar-se uma evidência normativa para cada um de nós, à qual se juntou um outro imperativo, o de ser autônomo. Essa procura de si não se traduz, prioritariamente, em um narcisismo. Ela exige, ao contrário, uma atenção do olhar dos outros”. (François de Singly, in CICHELLI; PEIXOTO; SINGLY, 2000, p.14.)

Dando continuidade ao processo de redimensionamento das esferas pública e privada, é importante trazer para a análise em questão a abordagem que Sennett (1988) faz sobre esses domínios. De acordo com esse autor, na modernidade, os papéis sociais que o homem desempenhava, assim como sua vida pública, foram gradualmente diminuindo em favor de sua vida particular, estando o sujeito voltado para sua privacidade e intimidade.

Para ele, algumas transformações ocorridas desde o séc. XVIII trouxeram mudanças na visão que as pessoas tinham de privacidade. No Antigo Regime³², existia uma separação bem definida entre os espaços da vida pública e da vida privada. Ou seja, naquele período, essas instâncias se encontravam em certo equilíbrio, e aquilo que pertencia ao domínio íntimo não se emaranhava às questões da esfera pública. Assim, as pessoas se relacionavam em domínio público sem que seus códigos de significação pessoal interferissem no que dizia respeito ao trato de questões impessoais. Trazendo para sua análise a metáfora do *theatrum mundi*, ele destaca que, no Antigo Regime,

Assim como um ator tocava os sentimentos das pessoas sem lhes revelar a própria personalidade, fora do palco, os mesmos códigos de credibilidade serviam à sua platéia para uma finalidade semelhante: despertavam os sentimentos uns dos outros, sem terem de tentar se definir uns para os outros [...]. Essa ponte, por sua vez, deu aos homens os meios para serem sociáveis, em bases impessoais. (SENNETT, 1988, p. 88).

³² Sennett esclarece que seu uso da expressão Antigo Regime, assim como o fez Tocqueville, sinaliza o espaço de tempo compreendido pelo século XVIII, em especial ao período do estabelecimento da burocracia comercial e administrativa no desenvolvimento das nações. (SENNETT, 1988, p. 67).

É preciso deixar claro que Sennett não considera que a vida pública começou no século XVIII, mas que precisamente neste século a vida pública ganha uma nova versão, a qual, segundo ele, está “centralizada em torno de uma burguesia em ascensão e de uma aristocracia em declínio”. (SENNETT, 1988, p. 68).

As cidades passaram a se desenvolver como núcleos comerciais e suas populações aumentaram num nível jamais visto, obrigando seus habitantes a conviverem perante estranhos e forasteiros. No estudo de Sennett, as expressões “estranho” e “forasteiro” servem para indicar duas categorias de desconhecidos: a primeira indicava aqueles a quem não se conhecia as origens de imediato, como seus antepassados, familiares, classe social, etc; já a segunda caracteriza aqueles cuja razão do desconhecimento pode ser identificada de imediato, como os estrangeiros, que por razões de traços físicos, ou linguagem distinta, se pode identificar de pronto. Por esta razão, passou-se a estabelecer códigos de conduta que preservassem a dimensão particular e íntima do indivíduo, ao mesmo tempo em que este se relacionava em público. Nas palavras do autor,

[...] uma das soluções consiste em as pessoas criarem, tomarem emprestado ou imitarem comportamentos que todos concordem em tratar como ‘adequados’ e verossímeis’ em seus contatos. O comportamento está a uma certa distância das circunstâncias pessoais de todos e, portanto, não força as pessoas a tentarem definir umas para as outras quem são. (SENNETT, 1988, p. 70).

Conforme Sennett (1988), o desenvolvimento das cidades e do capitalismo industrial foram fatores importantes para as mudanças no paradigma das relações entre o público e o privado. Com o número de seus habitantes crescendo vertiginosamente, as cidades tornavam-se lugares de estranhos. O comércio, com o desenvolvimento da indústria e a difusão do consumo em massa, passa a transformar as relações de troca, tornando-as mais distanciadas. Os produtos passam a ser expostos em grandes magazines e os preços fixos tornam desnecessários o “ritual da pechincha”, e, conseqüentemente, a relação entre vendedor e comprador.

Com isso, as cidades cosmopolitas e o comércio de bens e serviços acabaram por contribuir para o distanciamento espacial e pessoal dos cidadãos. Estes fatores desencadearam transformações das esferas pública e privada, fazendo com que os indivíduos passassem a supervalorizar suas relações íntimas, em detrimento daquelas que manteriam com “estranhos”.

Tal atitude fez com que as pessoas das grandes cidades, inseridas num “mundo de desconhecidos”, se obrigassem a desvendar certos traços de sua personalidade e vida íntima para que pudessem desenvolver e estabelecer relações consideradas “confiáveis³³” entre si. De acordo com Sennett (1988, p. 14), “o sistema de expressão pública se tornou um sistema de representação pessoal; uma figura pública apresenta aos outros aquilo que sente, e é essa representação de seus sentimentos que suscita a crença”.

A visão de Sennett a respeito de algumas dessas transformações torna-se útil para a compreensão da divulgação de certos conteúdos íntimos por parte dos indivíduos que publicam na Internet. Através de diversos meios de interação, as pessoas publicam seus perfis como forma de conquistar novos amigos na rede. Expor características e gostos pessoais, bem como seus cotidianos e desabafos, é uma forma de “apresentar-se” ao conhecimento dos outros. Nas palavras de Sennett,

O desejo de revelar a própria personalidade no trato social e de avaliar a ação social em termos daquilo que esta mostra das personalidades das outras pessoas pode ser rotulado de diversas maneiras. *É, primeiramente, um desejo de se autenticar enquanto ator social por meio de suas qualidades pessoais.* O que torna uma ação boa (isto é, autêntica) é a personalidade daqueles que nela se engajam, e não a ação em si mesma. (SENNETT, 1988, p. 23 – grifo meu).

No ambiente da Internet, essa prática é trivial. Uma vez que as relações entre as pessoas são mediadas pelo computador, é possível constatar que a mostra de detalhes de suas vidas e personalidades é um meio válido para que se legitime uma relação virtual de amizade. Desprovidos, em geral, de convivência face-a-face,

³³ O sentido da confiança, como categoria essencial para o desenvolvimento das relações sociais nesse contexto, será abordado mais adiante.

os sujeitos expõem sua privacidade e lêem detalhes da intimidade alheia como forma de estabelecerem entre si relações de “confiança”, baseadas em afinidades. Em minha pesquisa sobre o diarismo virtual essa prática ficou bastante evidenciada, uma vez que os sujeitos revelaram que seus *blogs* eram portadores de sua personalidade e subjetividade, e ao identificarem outras personalidades cujos interesses convergiam com os seus, havia chances potenciais de se efetivar uma relação virtual de amizade.

O trato social, no ambiente da Internet, parece ser permeado por esse jogo de revelações mútuas, onde cada um mostra aquilo que deseja que o outro saiba a respeito de sua personalidade. É desta forma que as relações virtuais vão se efetivando, as redes de sociabilidade vão se formando, e determinados aspectos da personalidade e intimidade dos indivíduos tornam-se moeda corrente na construção de suas relações.

A proximidade, nesse ambiente, conta com a mediação da tecnologia para efetivar-se e caracteriza-se pela facilidade com que os sujeitos encontram dispostas as informações que julgam precisar para construir seus vínculos.

Dispositivos de publicação e interação – como os *blogs*, os *fatologs* e os sítios de relacionamento virtual – promovem tanto a intercomunicação como a exibição de imagens e conteúdos dos sujeitos a respeito de si mesmos. Tais práticas revelam a necessidade que determinados sujeitos sentem de expor aos outros as características que fazem parte daquilo que delinea suas atividades, pensamentos, gostos e atitudes, tornando suas qualidades – e até mesmo seus defeitos – verdadeiros atrativos para que os interessados em seus perfis se identifiquem e possam desenvolver uma possível relação de amizade e troca de intimidades.

O pensamento de Jovchelovitch (2000) possui certa convergência com o de Sennett (1988) na discussão da transformação do espaço público e privado, principalmente quando ela afirma que o surgimento do individualismo aparece como sendo consequência do deslocamento das formas tradicionais de considerar o sujeito e sua subjetividade.

A autora enfatiza que, na modernidade, a família burguesa trouxe consigo um novo domínio para o público, concebido como distinto e oposto; ao contrário de antes. A partir daí, cresce um forte sentimento dirigido à família, desconhecendo

todo tipo de sociabilidade externa. Sua análise se aproxima ainda mais da leitura de Sennett, quando ela enfatiza o crescimento de um espaço de intimidade com fronteiras institucionais bem definidas, o que limitaria o espaço público como “um espaço do outro”.

Porém, no que diz respeito ao contexto atual, principalmente no que se refere às novas formas de interatividade, o sujeito encontra diversas possibilidades de realizar seus contatos e relações sociais. No ambiente virtual, a sociabilidade é efetivada, e o sujeito encontra, na revelação de certos aspectos de sua personalidade, uma forma válida de apresentar-se ao universo potencial de pessoas que poderão interagir com ele e partilhar interesses em comum. Embora esse dito "espaço do outro" esteja de certa forma bem delimitado, ele torna-se evidente no contexto das interações virtuais e é uma instância pronta para estabelecer contatos e relações em torno de afinidades. É desta forma que o espaço público passa a ser compartilhado e redefinido como uma esfera de confronto de diversas opiniões, interesses e personalidades que interagem na rota de fluxos ininterruptos da Internet.

6.1 A contribuição de Norbert Elias à compreensão da relação indivíduo-sociedade

Visando realizar uma leitura mais aprofundada do contexto em que as relações interpessoais se efetivam na sociedade contemporânea, cabe realçar alguns pressupostos que norteiam a conduta do indivíduo, tendo como referência a abordagem de Norbert Elias. Diante de uma maior proximidade da sociologia eliasiana, observei que os parâmetros estabelecidos pelo autor, assim como alguns dos seus conceitos, também oferecem um referencial importante para o melhor discernimento das relações sociais que se efetivam no âmbito da Internet.

A sociologia de Elias propõe pensar a problemática que envolve a relação indivíduo-sociedade, com o objetivo de compreender o processo relacional em que se inscrevem estas duas entidades, as quais são, constantemente, entendidas como

instâncias separadas e passíveis de serem interpretadas em sua individualidade. Para Elias,

Deve-se começar pensando na estrutura do todo para se compreender a forma das partes individuais. Esses e muitos outros fenômenos têm uma coisa em comum, por mais diferentes que sejam em todos os outros aspectos: *para compreendê-los, é necessário desistir de pensar em termos de substâncias isoladas únicas e começar a pensar em termos de relações e funções*. E nosso pensamento só fica plenamente instrumentado para compreender nossa experiência social depois de fazermos essa troca. (ELIAS, 1994a, p. 25 - grifos do autor).

Ao trazer esse referencial à pesquisa que desenvolvo percebo que as atitudes dos sujeitos, na realidade social que observo, são posturas condizentes com aquelas que a sociedade em que estão inseridos lhes disponibiliza. Fazendo um contraponto ao que a teoria eliasiana fornece, tem-se que a estrutura da sociedade contemporânea favorece, ou potencializa, uma diversidade de modos de agir que se encontram materializados nas redes virtuais de relação interpessoal. E este processo deve ser entendido do ponto de vista relacional, no qual indivíduo e sociedade não podem ser compreendidos isoladamente. Para Elias, “o modo como uma pessoa decide e age desenvolve-se nas relações com outras pessoas, numa modificação de sua natureza pela sociedade.” (ELIAS, 1994a, p. 52).

No contexto das relações virtuais, trocar de identidade diante da tela do computador é uma atitude muitas vezes frequente, onde o sujeito tem a possibilidade, inclusive, de assumir um gênero sexual distinto do seu. A tecnologia que temos disponível hoje torna possível esse tipo de relação, cujo processo histórico de transformação não pode ser deixado de lado. E a atitude do sujeito, ao dispor das múltiplas possibilidades de interação na Internet, não pode ser interpretada como algo autônomo ou isolado, num sentido restrito, pois ela faz parte de um processo de desenvolvimento técnico e cultural que o possibilitou a “liberdade” de adotar certos comportamentos e posturas. Deixando que o autor se expresse, tem-se o seguinte:

A partir do estudo do processo civilizador, evidenciou-se com bastante clareza a que ponto a modelagem geral, e portanto a formação individual de cada pessoa, depende da evolução histórica do padrão social, da estrutura

de relações humanas. Os avanços da individualização, como na Renascença, por exemplo, não foram consequência de uma súbita mutação em pessoas isoladas, ou da concepção fortuita de um número especialmente elevado de pessoas talentosas; foram eventos sociais [...]. Em suma, foram consequência de uma reestruturação específica das relações humanas. (ELIAS, 1994a, p. 29).

Em seu estudo sobre o processo civilizador, Elias analisa como se deu o desenvolvimento das transformações sociais que ocorreram na Europa em momentos anteriores a sociedade do século XIX – sendo esta considerada como tendo alcançado um nível mais sofisticado de civilização em seu padrão de comportamento social. Este estudo proporcionou a Elias (1994b, p. 214) “[...] elaborar teorias sobre as estruturas emocionais do homem em geral, com base no estudo de pessoas em uma sociedade específica [...]”. A partir disso, Elias realizou uma importante análise das mudanças de costumes, de conduta e das regras de comportamento da sociedade europeia ocidental. Conforme expressa em sua indagação,

[...] como e por que, no curso de transformações gerais da sociedade, que ocorrem em longos períodos de tempo e em determinada direção – e para as quais foi adotado o termo “desenvolvimento” – a afetividade do comportamento e experiência humanos, o controle de emoções individuais por limitações externas e internas, e, neste sentido, a estrutura de todas as formas de expressão, são alterados em uma direção particular? (ELIAS, 1994b, p. 214).

Aqui, o motivo do destaque à obra de Elias diz respeito ao modo como foi realizado o estudo do processo civilizador vivido pela Europa, no qual ele considerou que a relação indivíduo e sociedade são funções inseparáveis dos seres humanos em convivência. O conceito de figuração surge como expressão do indivíduo no plural, onde estas figurações formadas pelas pessoas em sociedade (e em relação) são concebidas como em constante fluxo e desenvolvimento. Além disso, a noção do conceito de figuração é entendida pelo autor como a relação dos indivíduos numa rede de interdependência, a qual me possibilitou observar a afinidade dessa percepção quanto ao meu objeto de estudo.

Devido o alto grau de individualização que ocorre numa sociedade complexa como a nossa, onde, para falar nos termos da sociologia de Elias, a

identidade-eu é mais valorizada, não é de se estranhar que os canais que promovem um destaque para a exaltação dessa individualidade tenham uma adesão bem elevada. Através dos meios de interação disponíveis na Internet, o indivíduo procura ressaltar aquilo que tem de incomum e característico de sua personalidade e, ao mesmo tempo, chamar atenção para que possa interagir socialmente com os demais. Em passagem que expressa essa ideia, Elias considera ser “característico da estrutura das sociedades mais desenvolvidas de nossa época que as diferenças entre as pessoas, sua identidade-eu, sejam mais altamente valorizadas do que aquilo que elas têm em comum, sua identidade-nós”. (ELIAS, 1994a, p. 130).

Contudo, no interior desses dispositivos de interação social, também se observa canais em que a identidade-nós é expressa. Por meio da adesão a comunidades virtuais, o sujeito explicita sua simpatia e interesse comum à temática defendida pelo grupo, o que demonstra sua vinculação a opiniões, valores e atitudes coletivas. Essa forma de adesão às comunidades virtuais demonstra mais um meio de agregar valor à identidade-eu do sujeito participante. Por exemplo, participar da comunidade “Nós gostamos do Chico Buarque” demonstra que o sujeito, a despeito de sua identificação com a temática do grupo, estaria ligado a certo gosto musical e artístico que é reconhecido como característico de um meio mais intelectual.

Para uma interpretação adequada do fenômeno pesquisado é pertinente a abordagem processual que Elias fornece. Nas plataformas de relação social disponibilizadas pela Internet os sujeitos encontram uma forma de estabelecerem contatos e relações sociais entre si, sendo necessário que produzam uma auto-imagem que seja, de certa forma, “atraente” aos demais pelas especificidades que ela expressa. É desta forma que a noção de interdependência formada por essas redes de interação não pode ser desconsiderada, nem a concepção de que “o indivíduo é, ao mesmo tempo, moeda e matriz” (ELIAS, 1994a, p. 52). Ainda segundo Elias (1994a, p. 54), “o que chamamos ‘individualidade’ de uma pessoa é, antes de mais nada, uma peculiaridade de suas funções psíquicas, uma qualidade estrutural de sua auto-regulação em relação as outras pessoas e coisas”.

Além disso, o conceito de habitus, trabalhado por Elias, é outro mediador a lançar luz para a compreensão da relação indivíduo-sociedade. Segundo Elias, o habitus é a composição social do indivíduo, que muda e transforma-se com o passar

do tempo. Esse conceito é pertinente, tendo em vista que, nas palavras de Elias (1994a, p. 150), “constitui o solo de que brotam as características pessoais mediante as quais um indivíduo difere dos outros membros de sua sociedade”.

Nas relações virtuais no contexto da Internet essa relação é constante, e o tempo todo o indivíduo compartilha com os demais elementos de sua privacidade e individualidade, a qual é, permanentemente, construída e transformada na relação com os outros. Ou seja, trata-se da relação entre a dinâmica social e a estrutura da personalidade do indivíduo. Para Elias, “o conceito de habitus social permite-nos introduzir os fenômenos sociais no campo da investigação científica, que antes lhes era inacessível.” (ELIAS, 1994a, p. 150).

Na sociologia eliasiana, encontra-se referências conceituais importantes à leitura dessas relações, bem como do modo como os sujeitos atribuem importância a si mesmos e aos demais membros da rede de relações que constroem através da Internet.

Dentro do contexto atual, pode-se afirmar que o sujeito vivencia uma maior possibilidade de expressar suas decisões individuais. As adesões valorativas dos sujeitos encontram-se facilmente expostas em canais de expressão e relacionamento social como o *Orkut*. Esse recorte empírico fornece uma vitrine para a análise do comportamento social na sociedade contemporânea.

No entanto, essa maior noção de individualidade do sujeito não deve ser compreendida como independente de sua relação com os outros. Pelo contrário, essa noção existe em maior grau, atualmente, em virtude da relação estabelecida com os demais, a qual parece fornecer um raio de atuação individual maior do que a estabelecida em momentos históricos anteriores. Isso se dá mediante a configuração atual da sociedade em que vivemos, que possibilita uma rede de relação social em que a ação individual é exercida de maneira mais desprendida dos vínculos institucionais em que estava ligado anteriormente. De acordo com a teoria de Elias,

É a ordem desse entrelaçamento incessante e sem começo que determina a natureza e a forma do ser humano individual. Até mesmo a natureza e a forma de sua solidão, até o que ele sente como sua “vida íntima”, traz a marca da história de seus relacionamentos – da estrutura da rede humana

em que, como um de seus pontos nodais, ele se desenvolve e vive como indivíduo. (ELIAS, 1994a, p. 36).

Conforme o pensamento de Elias, “toda sociedade grande e complexa tem, na verdade, as duas qualidades: é muito firme e muito elástica. Em seu interior, constantemente se abre um espaço para as decisões individuais”. (ELIAS, 1994a, p. 48). É possível observar que a margem que se abre para as decisões individuais na sociedade contemporânea é mais elástica. Contudo, conforme se observa na teoria eliasiana, essa margem de decisão é, de certa forma, estabelecida e estruturada dentro da configuração social específica da sociedade em que o indivíduo se encontra. Em suas palavras, “[...] as oportunidades entre as quais a pessoa assim se vê forçada a optar não são, em si mesmas, são criadas por essa pessoa. São prescritas e limitadas pela estrutura específica de sua sociedade e pela natureza das funções que as pessoas exercem dentro dela”. (ELIAS, 1994a, p. 48).

De acordo com Elias,

[...] ainda que [...] a margem de decisão individual emergja dentro da rede social, não existe uma fórmula geral indicando a grandeza exata dessa margem individual em todas as fases da história e em todos os tipos de sociedade. Justamente o que caracteriza o lugar do indivíduo em sua sociedade é que a natureza e a extensão da margem de decisão que lhe é acessível dependem da estrutura e da constelação histórica da sociedade em que ele vive e age. (ELIAS, 1994a, p. 49).

Podemos refletir a respeito dessa margem de decisão quando relacionamos a sociedade contemporânea com a liberdade de consumo que se estabeleceu em seu interior. Pode-se afirmar que a difusão do consumo em massa no corpo social possibilitou ao indivíduo uma visão mais extensa de sua atuação individual. O sujeito contemporâneo, em boa medida, atribui sua liberdade de decisão ao seu poder de consumo. De acordo com Elias, “a margem individual de decisão é sempre limitada, mas é também muito variável em sua natureza e extensão, dependendo dos instrumentos de poder controlados por uma dada pessoa”. (ELIAS, 1994a, p. 51). Nesse sentido, pode-se tentar estabelecer uma série de relações no que diz respeito à extensão do consumo na sociedade de massa e a

ampliação das formas de atuação individual em seu interior, posteriormente essa discussão será abordada.

6.2 O privado e sua dimensão espetacular

Torna-se de grande valia apontar como o processo de individualização trouxe consigo as evidências do que é hoje o fenômeno de exposição da privacidade. É preciso apontar o quanto esse processo é importante à compreensão do que é conhecido atualmente como “desinstitucionalização”, tendo em vista que muitos sociólogos, como Bauman (2001), por exemplo, dão conta desse fenômeno como sendo, em parte, determinado pela ausência de parâmetros institucionais “claros” para que o indivíduo possa estabelecer-se e orientar sua conduta.

Nesse sentido, faz-se necessária a introdução de um outro referencial teórico de grande valia à tentativa de compreensão empreendida durante a presente pesquisa. Trata-se da contribuição do citado autor, cujo pensamento fornece parâmetros esclarecedores sobre o processo de desinstitucionalização das estruturas de sentido que faziam parte da formação do sujeito, assim como das transformações sofridas nas esferas pública e privada.

Segundo Bauman, no último estágio da modernidade³⁴, o domínio privado passou por uma reversão. Antes, a esfera privada era caracterizada pelo “direito ao segredo” – era legítimo o indivíduo resguardar-se e proteger sua intimidade da curiosidade alheia. O contrário ocorre atualmente, quando o privado passou a ser relacionado com o “direito à publicidade”. Sobre esse aspecto Bauman se refere ao surgimento de canais que facilitaram a abertura do sujeito ao mundo público, como os meios de comunicação de massa, cuja agenda cultural incluía programas em que o público era incitado a participar de canais em que sua opinião e acontecimentos de sua vida pessoal eram valorizados e discutidos publicamente. É nesse sentido que o indivíduo passa a dar um peso maior às suas experiências íntimas, dando-lhes publicidade. (BAUMAN, 2000, p. 70-71).

³⁴ Esse último estágio do período moderno pode ser compreendido como a segunda metade do século XIX, momento em que os ideais modernos passaram a ser questionados com maior vigor.

O sujeito, outrora amparado em seu mundo privado, sente-se motivado a expor aquilo que gostaria que os outros soubessem a seu respeito, como forma de por em discussão suas opiniões, seus questionamentos e conflitos pessoais. Para o autor, essa reversão do privado não se dá sem a redefinição do público, cujo sentido “foi transformado em território onde são exibidos os assuntos particulares e bens pessoais”. (BAUMAN, 2000, p. 71).

Tendo similaridade com o pensamento de Sennett, Bauman reforça a ideia de que anteriormente os eventos de natureza coletiva não podiam ser reivindicados como assunto privado. Para ele, o “‘público’ fora despojado de seus conteúdos diferenciais e ficou sem agenda própria – não passa agora de um aglomerado de problemas e preocupações privados”. (BAUMAN, 2000, p. 72).

É possível perceber características importantes sobre as transformações que ocorreram no corpo social nos últimos tempos, sobretudo no que diz respeito à reversão dos valores que instituíam a esfera privada como resguardada do olhar alheio. No entanto, é necessário ter em mente que o fenômeno analisado é processual, não sendo possível atribuir sua ocorrência a um fator determinante.

Estando diante de um *blog*, de um *fotolog* ou de qualquer outro meio em que se veiculem atributos e discursos pessoais na Internet, não é difícil encontrar pessoas que classificam os sujeitos que se utilizam desses meios virtuais de “narcisos”, ou de que eles estão apenas à procura de exibição e entretenimento gratuitos. Entretanto, para se chegar a uma constatação como essa, não se faz necessária uma reflexão mais apurada, pois a superfície dos fatos fornece um caminho de fácil acesso a essa interpretação.

A opinião do senso comum em relacionar as pessoas que participam de sítios de relacionamento virtual com o mito de Narciso é bastante sintomática e reproduz um estereótipo concebido por quem, de imediato, se defronta com a prática de publicação íntima na Internet. No entanto, os rumos da análise sociológica demandam um olhar mais criterioso, sendo imprescindível observar as características que estão permeadas nessa classificação.

Ao entrar em contato com os usos da tecnologia – cada vez mais estendida aos domínios do cotidiano – o sujeito contemporâneo dispõe de meios que dão suporte às suas práticas de investimento em interesses e fatos particulares. Celulares, câmeras de vídeo e fotografia digitais, *notebooks*, *laptops* e *palmtops*, são instrumentos que ampliaram seus usos ao usuário comum – ávido por registrar suas experiências e publicá-las nos portais de relacionamento dos quais participa.

O sujeito, mediante esses recursos, passa a apreender com mais facilidade e instantaneidade alguns fatos e ocorrências cotidianas que ele decidirá tornar públicas ou não. Coube, então, observar se essa prática, tão frequente na Internet, estaria associada a uma visão espetacular e/ou narcisista que os sujeitos atribuiriam às suas vidas privadas. Deste modo, serão abordados, no próximo item, os principais aspectos que se fazem presentes em estudos realizados sobre problemáticas que evidenciam a questão do narcisismo em diferentes contextos, e sobre os quais é possível observar pontos de convergência adequados à compreensão da prática dos sujeitos que decidem dar publicidade a subjetividades e fatos de suas vidas cotidianas na Internet.

6.2.1 A condição social e histórica do narcisismo

Narciso, como contado no mito grego, é um jovem que, ajoelhado diante de um lago, arrebatava-se diante de sua própria beleza, a qual vê refletida na água. Tudo com o que se importava era em contemplar-se, e quando curva-se para acariciar sua imagem na superfície do lago, cai e afoga-se. Mas, para Sennett (1988), o sentido do mito é algo além do auto-amor, e conforme seu pensamento ele

[...] tem um duplo sentido: a sua auto-absorção evita que tenha conhecimento a respeito daquilo que ele é e daquilo que ele não é; esta absorção também destrói a pessoa que está engajada nessa situação. Narciso, ao se ver espelhado na superfície da água, esquece que a água é uma outra coisa, que está fora dele próprio, e desse modo se torna cego a seus perigos. (SENNETT, 1988, p. 395).

Dispensando a acepção psicanalítica, o termo *narciso*, para Sennett (1988), está fortemente relacionado ao constante processo de investimento na vida privada e à psicologização do social a que o indivíduo cosmopolita se submeteu. Durante esse processo, o sujeito perderia a noção dos domínios do outro; e, já que intensamente voltado para questões de cunho particular, torna-se alheio a assuntos que fogem aos seus interesses pessoais.

O narcisismo, no sentido clínico, diverge da idéia popular do amor de alguém por sua própria beleza; num aspecto mais estrito e como um distúrbio de caráter, é a preocupação consigo mesmo que impede alguém de entender aquilo que é inerente ao domínio do eu e da autogratificação e aquilo que não lhe é inerente. Assim, o narcisismo é uma obsessão com “aquilo que esta pessoa, este acontecimento significam pra mim”. (SENNETT, 1988, p. 21).

Ainda de acordo com Sennett, essa preocupação em torno da significância pessoal que os acontecimentos e as pessoas podem oferecer ao sujeito é feita de forma obsessiva e obscurece uma percepção clara da relevância que esses acontecimentos e essas pessoas realmente significariam para o indivíduo.

Para Sennett, o narcisismo é o oposto do auto-amor, é antes um modo de ser, no qual são apagadas “a linha divisória entre o eu e o outro”. E através desse apagamento o sujeito não entroniza nada de novo, fazendo com que o outro passe a ser uma experiência negativa, a menos que este possa lhe refletir. Há sempre a busca por “uma expressão ou um reflexo de si mesmo na Experiência”. (SENNETT, 1988, p. 395).

É desta forma que, na análise de Sennett,

O eu formado nesses termos começa a ressoar com a história da personalidade e da cultura que tem nos ocupado; este é um eu para o qual os limites da significação se estendem somente até onde esse espelho puder refletir; à medida que o reflexo vacile e tenham início as relações impessoais, a significação deixa de existir. (SENNETT, 1988, p. 396).

A interpretação fornecida por Sennett torna-se importante na medida em que ele considera o fenômeno do narcisismo como sendo expressão de processos

sociais mais amplos, como por exemplo a crise na redefinição do público e do entendimento que se passa a ter desta esfera. Para o autor,

Assim como a histeria fora mobilizada nas relações sociais por uma cultura que no século passado [séc. XIX] fora tomada por uma crise da vida pública e da vida privada, agora o narcisismo é que é mobilizado nas relações sociais por uma cultura despojada da crença no público e governada pelo sentimento intimista como uma medida da significação da realidade. (SENNETT, 1988, p. 397).

Em leitura mais recente, Lipovetsky (2004) afirma que os sujeitos pós-modernos detêm o poder de adotar condutas condizentes com suas escolhas pessoais, pois se encontram descomprimidos dos modelos pré-estabelecidos pelas instituições. O narciso estaria, nesse contexto, situado numa fase considerada “jubilosa e liberadora do individualismo, que vivenciava mediante a desafeição pelas ideologias políticas, o definhamento das normas tradicionais, o culto ao presente e a promoção do hedonismo individual”. (LIPOVETSKY, 2004, p. 25).

Essa visão está relacionada ao narciso inserido no contexto da pós-modernidade, considerado pelo autor como um período de transição aos tempos que ele denomina de hipermodernos. Para ele, a hipermodernidade, vivida atualmente, é definida como sendo “uma sociedade liberal, caracterizada pelo movimento, pela fluidez, pela flexibilidade; indiferente como nunca antes se foi aos grandes princípios estruturantes da modernidade”. (LIPOVETSKY, 2004, p. 26).

O narciso pós-moderno, passando do período de vivência da liberação de seus sentimentos individualistas, adentra no fluido contexto da hipermodernidade. Somente a partir daí é que surge, na leitura de Lipovetsky, o conceito de hipernarcisismo, resultado da inserção do sujeito num contexto ambivalente; pois se encontra num meio dotado de flexibilidade, tendo à sua disposição tanto “liberdades”, como novas formas de dependência. São essas prerrogativas que acabam por transformar e redimensionar a atual concepção narcisista do indivíduo, o qual adentra em constantes paradoxos:

De um lado, os indivíduos, mais do que nunca, cuidam do corpo, são fanáticos por higiene e saúde, obedecem às determinações médicas e sanitárias. De outro lado, proliferam as patologias individuais, o consumo

anômico, a anarquia comportamental. O hipercapitalismo se faz acompanhar de um hiperindividualismo distanciado, regulador de si mesmo, mas ora prudente e calculista, ora desregrado, desequilibrado e caótico. (LIPOVETSKY, 2004, p. 55-56).

É daí que resultará um novo modelo de individualismo narcisista, repleto de nuances ambivalentes. O narcisismo que caracteriza o sujeito contemporâneo possui uma consciência de responsabilidade, flexibilidade e eficiência que, de certo modo, rompe com o narciso do período pós-moderno, extremamente hedonista e libertário. Os sujeitos hipernarcisistas estão inseridos numa lógica dual, onde são, simultaneamente, “mais adultos e mais instáveis, menos ideológicos e mais tributários das modas, mais abertos e mais influenciáveis, mais críticos e mais superficiais, mais céticos e menos profundos.” (LIPOVETSKY, 2004, p. 28).

A ambiência tecnológica, com toda sua instantaneidade e rapidez, remete a essa compreensão do sujeito contemporâneo. Diante dos modos de imersão e interação virtuais, os indivíduos se encontram num espaço prenhe de alternativas que lhes possibilitam o exercício de sua ampla autonomia e, ao mesmo tempo, instabilidade.

Na análise do fenômeno de publicação de si na Internet, não se pode perder de vista essas questões, que estão presentes na formação da subjetividade dos sujeitos na contemporaneidade, os quais têm diante de si, recursos que maximizam e transformam seus modos de expressão social.

Toda essa dinâmica de auto-publicação e expressão não é somente exacerbada nos *sites* de relacionamento social, isso também está presente quando se vê, com frequência, a disseminação do uso das câmeras e celulares aparelhados com fotografias digitais, que retratam, reproduzem e exibem espaços da vida cotidiana das pessoas, numa dimensão espetacular.

Na via de fluxos da Internet, o sujeito ganha espaços para exhibir esses reflexos de si, trazendo a público seus novos códigos de significação pessoal, ao mesmo tempo em que expressam os valores da lógica dual da pós-modernidade, essencialmente caracterizada por um misto de ansiedade e efervescência.

[...] a vontade de exprimir uma identidade única, a celebração cultural da identidade pessoal, longe de constituírem um epifenômeno, têm sido uma 'força produtiva' [...]. Para que surgisse o vôo de fantasia das frivolidades, foi necessário uma revolução na representação das pessoas e no sentimento de si [...]. (LIPOVETSKY, 2004, p. 18).

Desta forma, no decorrer do estudo, levou-se em consideração esse novo modo de significação pessoal, que, no ritmo da Internet, levam os sujeitos a exporem seus pensamentos e modos de vida, reproduzindo suas experiências num meio instantâneo de circulação de conteúdos, visando, através disso, elevarem-se à condição de protagonistas de suas histórias e autores de suas decisões, modos de pensar e agir.

Além disso, percebe-se que os sujeitos, ao elevarem-se a essa condição, também revelam a necessidade de interagir com os outros, a fim de compartilharem opiniões sobre os assuntos que publicam. Ou seja, no fluxo de interação na Internet, a comunicação, exercida através de dois pólos atuantes, se efetiva e se constitui como um elo entre os indivíduos.

Paralelo a isso, mediante o uso dos portais de relacionamento, o usuário comum da Internet tem à sua disposição uma mídia de fácil acesso e manutenção, na qual, além de expor seus interesses poderá atribuir à sua vida uma dimensão espetacularizada, já que está em exposição constante num meio de comunicação mundial. O sujeito apresenta uma vontade de expressar-se como único, através da celebração de sua identidade pessoal.

Contudo, apesar dos apelos para que se defina o fenômeno de expressão de si no ciberespaço como formas reluzentes do exibicionismo e do narcisismo contemporâneo, tem-se que as tentativas de explicação apontam para algo mais complexo, como o declínio da interioridade, por exemplo.

Sibilia (2003, p. 4), em recente estudo sobre a prática de publicação de si na Internet, adverte para a questão de que “estaríamos vivenciando um paulatino desbalanceamento na organização subjetiva, uma passagem do mundo abissal dos sentimentos [...] para uma preeminência da sensorialidade e da visibilidade instantânea”.

Trata-se, portanto, de uma cultura das sensações, que emana novos mecanismos de construção e reconstrução de si, onde a interioridade clássica desvanece em prol de tendências performáticas que almejam certa visibilidade.

Sabendo que o que constitui o novo sentido da prática de publicação de si mesmo apresenta questões de natureza ampla, e que envolvem discussões profundas, no próximo item, serão abordados alguns pontos considerados importantes à compreensão dos mecanismos subjacentes ao ato do sujeito contemporâneo dar visibilidade à sua privacidade.

6.2.2 O declínio do homem público

Tendo observado o ganho de publicidade que alguns aspectos da vida cotidiana e subjetiva dos sujeitos adquire na Internet, cabe perguntar se ainda restaria algo de privado aos domínios da vida íntima das pessoas que se publicizam na rede mundial de computadores.

A análise sociológica dessa prática fez ressaltar pontos pertinentes para o entendimento do fenômeno, o qual configura espaços para mútuas relações entre os indivíduos na grande rede.

Atualmente, pululam pelos meios de comunicação diversos formatos de “*reality shows*”, como o “*Big Brother Brasil*”, em sua versão nacional; “*Casa dos Artistas*”; “*O aprendiz*”; “*A Fazenda*”, dentre outros. Dimensões da vida privada de pessoas comuns, ou artistas, ganham notoriedade na mídia e passam a ser objetos de entretenimento e consumo dos telespectadores que apreciam o gênero.

Na Internet, conforme vem sendo abordado, esses modos de acompanhamento e exposição da vida privada são possíveis, e o fenômeno de publicização, embora com características específicas, também se faz presente.

Weblogs, *fotologs* e *webcams*³⁵ são evidências que comprovam a disseminação dessa prática.

Fatos como esses suscitam questões relevantes sobre os novos modos de expressão dos indivíduos, e estiveram presentes durante todo o estudo. O sentido e o significado foram buscados na pesquisa, embora ciente de que o esgotamento da temática está longe de ser alcançado, se é que será um dia.

Afirmar com clareza que a privacidade do sujeito que exhibe seus modos de vida e valores na Internet está em declínio, é algo que exige certo cuidado, tendo em vista que novas significações surgiram e surgem a todo instante, principalmente no instável contexto em que se vive. Desta forma, foi necessário observar no estudo as atribuições da intimidade, bem como da privacidade no decorrer do tempo. Esse sentido revelou certas especificidades que não devem ser deixadas de lado na compreensão do fenômeno em questão.

O sentimento de intimidade e de privacidade, como domínio resguardado da esfera pública, faz parte de uma convenção social recente. Como bem exposto no pensamento de Sennett (1988), a origem burguesa da intimidade remete à proteção do ambiente íntimo e familiar dos olhos alheios, tratando-se de uma esfera impenetrável, protegida pela moral do decoro.

No entanto, após a ascensão da sociedade de massa, percebe-se que parte dessa moralidade perde seu domínio e prevalência. Com o avanço das inovações tecnológicas e da economia global, convém observar a emergência de um novo sentido, dado ao sentimento de privacidade.

Dentro desse contexto, as instâncias do público e do privado ganham novas significações, tendo como uma de suas atribuições o grande investimento do sujeito para tornar-se visível. Segundo Costa (1994, p. 3), na sociedade globalizada, “o sentido da identidade privada foi devorado pela lógica da produção, circulação e consumo das mercadorias, cujo centro gravitacional é a publicidade”.

³⁵ As *webcams* são câmeras conectadas à Internet que focalizam cenas da vida íntima das pessoas, exibindo-as em tempo real.

Corroborando com o pensamento de Costa, parece pertinente afirmar que, no fenômeno de publicização de si, o sujeito apresenta-se aos outros como objeto, ao diluir determinados aspectos de sua intimidade na publicidade de imagens e narrativas que circulam na densidade imagética das redes digitais.

Contudo, a sentença que indica os sujeitos como objeto, vem no sentido de que a personalidade por eles exposta na Internet é revestida duma objetividade que visa arregimentar leitores e selar laços em torno de afinidades e interesses em comum. Trata-se de um consumo identitário, que faz com que os sujeitos delineiem traços de suas características e personalidades, buscando despertar nos olhos do outro, interesse e reconhecimento.

Costa (1994), numa revisão das teorias de Sennett (1988) e Habermas (1984), afirma com precisão que o declínio do homem público não possibilitou, necessariamente, a ascensão do homem privado, tendo em vista que este último submeteu-se às leis do mercado, fazendo com que ocorresse, em decorrência disso, uma desvalorização do sentimento de privacidade.

No entanto, a presente abordagem não pretende afirmar que o privado foi totalmente circunscrito pelo público. Trata-se apenas de ressaltar os modos que o sujeito apresenta-se aos outros dentro de uma esfera virtual que os fornece meios de inserção e interação social.

É precisamente nesse sentido que cumpre verificar como os indivíduos tornam visíveis certos aspectos de suas personalidades e intimidades, num jogo que os fazem delinear-se de acordo com seus interesses pessoais. Seus valores, imagens, experiências, performances etc, ganham acabamentos que parecem buscar seduzir os olhares dos outros para si, desvelando o comércio de intimidades em que estão inseridos.

De acordo com Sibilia (2003),

Todas essas tendências atuais de exposição da intimidade vão ao encontro e prometem uma vontade geral do público: a avidez de bisbilhotar e 'consumir' vidas alheias. Nesse contexto, os muros que costumavam proteger a privacidade individual sofrem sérios abalos; cada vez mais, essas paredes outrora sólidas são infiltradas por olhares tecnicamente

mediados que flexibilizam e alargam os limites do dizível e do mostrável. (SIBILIA, 2003, p. 4).

Existe uma evidência que aponta para o fato de que há uma reversão dos aspectos outrora considerados íntimos em objetos de consumo público. O pensamento de Rüdiger (2000, p. 2) insere-se nessa problemática quando ele afirma que “a tendência estimulada pelas novas tecnologias de comunicação é a exposição do eu como mercadoria”. Ao contextualizar o pensamento de Lasch (1983), Rüdiger (2000, p. 2) esclarece que na questão da sedução, embutida na prática de publicização, está o fato de que “na economia de mercado, as pessoas têm de projetar uma imagem atraente e tornar-se atores conscientizados de que vivem sob o constante escrutínio de seus amigos tanto quanto de estranhos, dos colegas tanto quanto de seus superiores”.

Na esfera das relações sociais travadas através da Internet os indivíduos têm à sua disposição mecanismos de expressão pessoal, mediante os quais ressaltam características que os façam conquistar certo número de “amigos” ou contatos que estejam em sintonia com seus interesses. A intimidade passa, então, a ser valor de troca quando inserida na dimensão das relações que se objetivam na grande rede.

O consumo da intimidade alheia ganha notoriedade no eixo das publicações da Internet. Porém, diante da visibilidade que é conferida nesse espaço, deve-se ter em mente o fato de que o sujeito se reconstrói quando decide expor suas narrativas em público. Por isso, molda-se e atribui a si características que acredita estar em confluência com as identidades que circulam na grande rede.

Outra questão recorrente, presente na abordagem de Rüdiger (2000, p. 3), sugere que, no contexto das novas tecnologias, “a esfera pública virtual liga sujeitos atomizados”, pois o homem foi forçado a dispersar-se e segmentar-se socialmente. É nesse sentido que a vida social dos sujeitos que interagem no ciberespaço ganha um novo significado, posto que o indivíduo, ao mesmo tempo em que se “afasta” de uma vida social ligada aos limites espaciais, tem a necessidade de se reintegrar nesta, ainda que virtualmente.

No entanto, apontar o afastamento da vida social não implica dizer que os sujeitos não mais possuem contatos afetivos e convívio relacional com as pessoas que os circundam, retirando-se estritamente à esfera virtual. Os indivíduos, embora muitas vezes estejam afastados de uma relação mais aproximada entre si, não perdem o contato relacional e o sentimento para com as pessoas que com eles convivem³⁶. O que interessa ressaltar é que, na esfera virtual, a sociabilidade é travada mediante a troca de intimidades, sendo nestas relações que os sujeitos buscam construir seus elos de convívio virtual.

Quanto à indiferença com que são tratadas as discussões de interesse político, a esfera pública, independente de visões ou acepções de cunho pessoal, parece estar esvaziada, estando o interesse coletivo, circundando em torno de questões e opiniões pessoais, fato este que torna o tecido social um somatório de subjetividades centradas em torno de si mesmas.

Sobre esta problemática, é conveniente esclarecer que a sociedade hipermoderna, de acordo do Lipovetsky,

[...] caracteriza-se pela indiferença para com o bem público; pela prioridade frequentemente conferida ao presente e não ao futuro; pela escalada dos particularismos e dos interesses corporativistas; pela desagregação do sentido de dever ou de dívida para com a coletividade. (LIPOVETSKY, 2004, p. 43).

É nesse aspecto que os laços de sociabilidade realizados no contexto virtual realiza-se aquém do debate ideológico-político que, quando inaugurado num meio flexível e instável como o ciberespaço, as discussões políticas parecem findar na ordem do discurso, e o sujeito, ao demonstrar interesse nessa questão, o faz, na maioria das vezes, para agregar valores à sua personalidade. Contudo, para se realizar afirmações mais acertadas sobre esse aspecto, é necessário um estudo que

³⁶ Dentro das teorias e análises estudadas não se chega a um consenso sobre o suposto afastamento social dos sujeitos que se inter-relacionam pela Internet. Mas, ao tratar desse aspecto, é conveniente levar em consideração o atual modo de vida urbano, onde as pessoas ficam resguardadas em casa e são, de certa forma, “impedidas” de exercerem sua sociabilidade, mediante a emergência da criminalidade e dos supostos perigos que assolam as grandes metrópoles. Esta seria uma das hipóteses dessa segregação social. As novas tecnologias entram nesse contexto por possibilitarem, por meio de seus inúmeros recursos de interação, o suprimento desse contato “perdido”.

leve em consideração a ordem das expressões e debates políticos que se realizam tendo como suporte as mídias virtuais.

Não obstante, as práticas de publicação virtual também envolvem expressões plurais, que vão na contramão do discurso propagado pela mídia, o que pode, inegavelmente, contribuir para um debate mais amplo e mobilizador para questões sociais e políticas.

Inúmeras questões perfazem a discussão em torno das novas formas de sociabilidade e das características que estão presentes nos fenômenos da cibercultura, tornando complexo e parcial o entendimento desse fenômeno. Por isso, as discussões aqui levantadas referem-se à compreensão de algumas características pertinentes à análise e visam apontar perspectivas para futuras abordagens.

Para além da problemática dos limites do público e do privado, também fazem parte dessa discussão a questão da sociabilidade que se efetiva no contexto das novas tecnologias. Para tanto, no próximo capítulo, serão analisadas de forma mais detida as questões que envolvem o conceito de sociabilidade e sua pertinência para a análise realizada nesta pesquisa.

7 SOCIABILIDADE: INTERAÇÃO E VIDA SOCIAL NA CIBERCULTURA

“A linha divisória que culmina no ‘indivíduo’ também é um corte totalmente arbitrário, uma vez que o ‘indivíduo’, para a análise ininterrupta, apresenta-se necessariamente como uma composição de qualidades, destinos, forças e desdobramentos históricos específicos que, em relação a ele, são realidades elementares tanto quanto os indivíduos são elementares em relação à ‘sociedade’”. (SIMMEL, 2006, p. 13).

7.1 O conceito de sociabilidade

A sociabilidade é definida como “termo que significa, ao mesmo tempo, a tendência para a vida em sociedade e a maneira de estar integrado numa sociedade”. (Dicionário de Sociologia, 1981, p. 311). Sendo um dos conceitos fundamentais para a teoria sociológica, o objetivo deste capítulo é o de evidenciar a importância de uma definição do termo, e os processos pelos quais ele se efetiva, tendo como base as teorias de Simmel, Weber, Goffman, dentre outros. A partir dessa definição, é que teremos uma visão mais nítida da natureza das relações sociais que encontram na tecnologia uma maneira de formação e difusão.

Tal exposição foi norteada a partir de um paralelo traçado entre os paradigmas da modernidade e da contemporaneidade, por acreditar que os referenciais impostos ao sujeito variam no decorrer do tempo, merecendo destaque as diferenças encontradas em contextos históricos distintos. É válido ter uma visão destas transformações para que se possa avaliar o nível de desinstitucionalização que é atribuído, hoje, às diferentes formas de interação e aos vínculos que são construídos no contexto das novas tecnologias, bem como avaliar como tem se dado as atuais formas de sociabilidade.

Trazendo pra essa reflexão a leitura de Simmel (2006, p. 59), tem-se que, para o autor, “a própria sociedade, em geral, significa a interação entre indivíduos”. É esclarecedora sua afirmação de que:

Essa interação surge sempre a partir de determinados impulsos ou da busca de certas finalidades. Instintos eróticos, interesses objetivos,

impulsos religiosos, objetivos de defesa, ataque, jogo, conquista, ajuda, doutrinação e inúmeros outros fazem com que o ser humano entre, com os outros, em uma relação de convívio, de atuação com referência ao outro, com o outro e contra o outro, em um estado de correlação com os outros. (SIMMEL, 2006, p. 60).

Nos portais de relacionamento, a interatividade é fórmula do sucesso, sendo possível perceber, também, a materialidade das relações sociais, influenciadas pelos inúmeros fatores e interesses que fundamentam a experiência humana. Contudo, na leitura simmeliana o fenômeno da sociabilidade realiza-se para além dos interesses individuais e dos impulsos de sociação, em suas palavras:

[...] para a sociabilidade se colocam de lado as motivações concretas ligadas à delimitação de finalidades da vida, a forma pura, a inter-relação interativa dos indivíduos, precisa ser acentuada com o máximo de força e eficácia. (SIMMEL, 2006, p. 64-65).

De acordo com Simmel, na sociabilidade, os méritos da personalidade individual não são determinantes. Para ele, “tudo o que representa de mais pessoal na vida, no caráter, no humor, no destino, não tem qualquer lugar nos limites da sociabilidade”. (SIMMEL, 2006, p. 67).

Tendo como referência os portais de relacionamento, é necessário verificar os limites da personalidade no exercício da sociabilidade na dimensão virtual, tendo em vista que a sociabilidade que se efetiva por meio desse ambiente ocorre porque seus partícipes fazem com que seus elementos pessoais apareçam na relação. Por isso, precisa-se observar em que medida essa sociabilidade se exerce em função da expressão da personalidade, e se esta característica é um fator determinante para sua realização.

De acordo com as observações realizadas, as características pessoais evidenciadas por meio do portal não se colocam como um imperativo para a celebração da interatividade permitida por esses canais de relacionamento. Apesar de reconhecerem traços de sua personalidade como um fator importante, essa característica não se coloca como um meio determinante para que as pessoas

envolvidas nesses novos recursos de sociabilidade realizem ou mantenham contatos com quem faz parte, ou não, de seus círculos de amizade.

Na teoria simmeliana, tem-se que:

Quando os homens se encontram em reuniões econômicas ou irmandades de sangue, em comunidades de culto ou bando de assaltantes, isso é sempre o resultado das necessidades e de interesses específicos. Só que, para além desses conteúdos específicos, todas essas formas de sociação são acompanhadas por um sentimento e por uma satisfação de estar justamente socializado, pelo valor da sociedade enquanto tal. (SIMMEL, 2006, p. 64).

Simmel entende que o fenômeno da sociabilidade, para efetivar-se plenamente, depende de certos mecanismos e impulsos de sociação que estão além do conteúdo que os formam. O autor define como conteúdo e matéria da sociação “[...] tudo o que existe nos indivíduos e nos lugares concretos de toda realidade histórica como impulso, interesse, finalidade, tendência, condicionamento psíquico e movimento nos indivíduos [...]”. (SIMMEL, 2006, p. 60). Ele considera que as matérias que preenchem a vida humana e as motivações que a impulsionam, como a fome, o trabalho, a religião, a técnica etc, não são, por si mesmas, sociais. Esses conteúdos e impulsos, de acordo com sua teoria,

[...] São fatores da sociação apenas quando transformam a mera agregação isolada dos indivíduos em determinadas formas de estar com o outro e de ser para o outro que pertencem ao conceito geral de interação. A sociação é, portanto, a forma (que se realiza de inúmeras maneiras distintas) na qual os indivíduos, em razão de seus interesses – sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, movidos pela causalidade ou teleologicamente determinados –, se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam. (SIMMEL, 2006, p. 60-61).

Deste modo, entende-se que, para Simmel, a existência social é separada em *conteúdo* e *forma*. Estas instâncias servem para delimitar o processo pelo qual se estabelece o fenômeno da sociabilidade, cuja *forma* – entendida como instância formadora do impulso sociativo – se sobressai perante o *conteúdo* material dos interesses humanos para, assim, conferir autenticidade “social” a este processo.

Deixando que o autor se expresse:

[...] O que é autenticamente 'social' nessa existência é aquele ser com, para e contra os quais os conteúdos ou interesses materiais experimentam uma forma ou um fomento por meio de impulsos ou finalidades. Essas formas adquirem então, puramente por si mesmas e por esse estímulo que delas irradia a partir dessa liberação, uma vida própria, um exercício livre de todos os conteúdos materiais; esse é justamente o fenômeno da sociabilidade. (SIMMEL, 2006, p. 63-64).

Trazendo esse entendimento à realidade observada através das novas tecnologias, as quais trazem amplos recursos de interatividade por meio da criação de redes de relacionamento social, é possível constatar que o impulso societário é celebrado continuamente. Tal impulso é alimentado pelos diversos interesses que perfazem as necessidades individuais, tais como: desejo de permanecer “ligado” a amigos de infância; de conhecer informações sobre assuntos de interesse pessoal; assim como manter-se a par do que acontece com pessoas conhecidas.

As causas ou as razões que movem esses interesses são elementos que se subordinam ao impulso de manter-se conectado; e pode-se compreender tal impulso como a substância formadora daquilo que sustenta a sociabilidade. Como o próprio Simmel (2006) nos afirma, e já se ressaltou anteriormente, esses interesses podem ser momentâneos ou não, conscientes ou inconscientes, porém são eles que formam o conteúdo em direção à realização do fenômeno que caracteriza a sociabilidade.

A noção que se tem dos fenômenos sociais que ocorrem na Internet é que estes seriam fugazes e despreziosos demais pra configurarem-se em relações significativas e duradouras. Entretanto, não se pode negar, ou simplesmente ficar indiferente a tal realidade, que tende a se tornar cada vez mais recorrente. Com maior ou menor intensidade, mais ou menos duráveis, estas relações acontecem; e pelo fato de encontrarem mecanismos de mediação eficazes, elas se multiplicam – seja para realçar formas de contato já existentes, seja para aproximar distâncias impostas.

O fato é que, em razão da instantaneidade e ocasional instabilidade dessas relações, não se pode destiná-las o rótulo de “não sociáveis” ou classificá-las sob a pecha do egoísmo e do individualismo. É necessário entender o contexto em que estas relações acontecem, e considerar que não é sua eventual superficialidade

que as determinarão um nível maior ou menor de sociabilidade. Na leitura de Simmel tem-se que:

Estariamos, porém, nos aprisionando ao emprego superficial do termo [...] se condicionássemos a denominação de 'social' somente às interações *duradouras*, àquelas que já tenham sido objetivadas em formas que se constituem em unidades perfeitamente caracterizadas como: Estado, família, corporações, igrejas, classes, associações etc. (SIMMEL, 2006, p. 16 – grifo do autor).

O fenômeno da sociabilidade não deixa de acontecer nas relações mediadas pela tecnologia, ainda que sua estrutura seja pautada por relações desinstitucionalizadas ou efêmeras. Estas interações sociais que ocorrem mediadas por aparatos técnicos e desterritorializadas, superficiais ou não, são expressões legítimas do impulso sociativo; tendo em vista que “[...] os laços de associação entre os homens são incessantemente feitos e desfeitos, para que então sejam refeitos, constituindo uma fluidez e uma pulsação que atam os indivíduos mesmo quando não atingem a forma de verdadeiras organizações”. (SIMMEL, 2006, p. 17).

Para Simmel, é na sociabilidade que o maior problema da sociedade – verificar em que medida o indivíduo aparece na e diante da circunstância social – alcança uma solução possível. De acordo com seu pensamento, esse conflito começaria a ser resolvido porque “[...] à medida que a sociabilidade, em suas configurações puras, não tem qualquer finalidade objetiva, qualquer conteúdo ou qualquer resultado que estivesse, por assim dizer, fora do instante sociável, se apoiaria totalmente nas personalidades”. (SIMMEL, 2006, p. 66).

É por esse motivo que Simmel introduz o termo “tato” para indicar a auto-regulação do indivíduo em sua relação com os demais. Para o autor, quando os interesses reais determinam a forma social, estes se equiparam em cooperação (ou conflito), conduzindo os indivíduos a um equilíbrio, a fim de que estes não apresentem sua singularidade de maneira ilimitada. “Talvez seja a ação específica do tato que marque os limites para os impulsos individuais, para a ênfase no eu e para as ambições espirituais e externas, sendo talvez a ação específica que sustente a legitimidade do outro”. (SIMMEL, 2006, p. 66).

Para Simmel, é falta de “tato” evidenciar nas relações de sociabilidade, situações, excitações e humores de caráter meramente pessoal. Isso não significa que o indivíduo não possa carregar para suas relações, qualidades como amabilidade, educação, carisma ou cordialidade. Mas no pensamento simmeliano, tais qualidades, no momento do instante sociável, não devem ser enfatizadas de maneira tão individual.

Contudo, isso não significa dizer que Simmel não reconhece que o homem carrega para a sociabilidade as paixões de suas experiências pessoais, excessos e carências que emanam da vida real. Isso porque, para o autor, a sociabilidade cria um mundo sociologicamente ideal, no qual a satisfação do indivíduo está apoiada na dos outros. Para ele, “seria um erro imaginar que entramos na sociabilidade puramente ‘como seres humanos’, como aquilo que realmente somos, deixando de lado todas as atribulações, as idas e vindas, os excessos e as carências com os quais a vida real deforma a pureza de nossa imagem”. (SIMMEL, 2006, p. 70).

Na teoria simmeliana, o reconhecimento da carga de características pessoais de que são dotadas as relações de sociabilidade se dá em decorrência da existência de uma saturação de conteúdos objetivos e exigências práticas da vida moderna. Para o autor, em tempos remotos, “o comportamento pessoal na sociabilidade era muito mais cerimonioso, acanhado e supra-individualmente regulamentado e rigoroso do que hoje”. Nesse contexto, a forma da sociabilidade emergia de uma maneira mais plena e distante dos conteúdos objetivos que permeiam a vida pessoal. (SIMMEL, 2006, p. 70).

É importante ressaltar que o pensamento simmeliano considera a interação promovida pela sociabilidade como um processo que se dá entre iguais e em equilíbrio. Para o autor, a natureza da sociabilidade exige que se crie seres humanos desapegados de suas demandas pessoais e objetivas para que se tornem sociavelmente iguais. Muito embora essa exigência venha acompanhada de uma espécie de “faz-de-conta”, é toda essa artificialidade e intencionalidade que dá sustentação à interação na sociabilidade. Para Simmel, esse

[...] 'faz-de-conta' não é uma mentira, assim como não o são o jogo e a arte, com todos os seus desvios da realidade. O jogo só se torna mentiroso quando a ação sociável e o discurso se tornam simples instrumentos das intenções e dos acontecimentos da realidade prática – assim como a pintura se torna mentirosa quando pretende simular panoramicamente a realidade. (SIMMEL, 2006, p.71).

Embora não se possa saber em que medida os conteúdos pessoais e objetivos podem regular, hoje, as relações de sociabilidade, é necessário apontar os elementos que desencadeiam esse processo, assim como evidenciar o contexto em que ela se sustenta atualmente.

7.2 Uma leitura da representação do eu no contexto da Internet

É importante apresentar a descrição de um dos referenciais que proporcionaram fundamentar o entendimento acerca das expressões pessoais que encontram na Internet uma forma de apresentação e difusão. Deste modo, trago para discussão neste item, o processo que envolve o desenvolvimento das relações sociais mediadas por computador, tomando como base a leitura que Erving Goffman faz sobre a preocupação do homem em projetar-se como ser apto a desenvolver suas relações interpessoais.

Como venho expondo, as redes de relacionamento social, fenômeno cuja adesão ocorre no mundo todo, são portais em que as pessoas – através da publicação de suas características pessoais, preferências, atividades, profissão, e uma série de atributos que as qualificam – desenvolvem relações sociais com outras pessoas, desconhecidas ou que já fazem parte de seu círculo de amigos. A dinâmica dessas redes consiste em tornar públicas características que seus participantes elegem como essenciais para sua descrição, e mostrar aos demais usuários da rede aquilo que os definem.

Pensar nas formas de publicação de si mesmo, num ambiente como a Internet, faz com que se coloque em evidência a análise que Goffman faz sobre o processo de representação do eu nos rituais de interação social. Para tanto, o

estudo que ele fez das maneiras de apresentação pessoal que um indivíduo desenvolve para estabelecer suas relações com outras pessoas é um elemento fundamental para tornar menos obscuro o entendimento da projeção das relações sociais ao contexto da interatividade virtual.

Em sua obra *A representação do eu na vida cotidiana*, Goffman afirma que considerou “a maneira pela qual o indivíduo apresenta [...] a si mesmo e a suas atividades às outras pessoas, os meios pelos quais dirige e regula a impressão que formam a seu respeito e as coisas que pode ou não fazer, enquanto realiza seu desempenho”. (GOFFMAN, 2008, p. 9). Diante dessa descrição foi possível perceber o quanto a análise da interação social goffmaniana se aproxima da forma com que o sujeito elabora, no contexto da interação virtual, seu discurso sobre si e sobre as características que considera importantes tornar públicas para desenvolver suas relações virtuais de sociabilidade.

Apesar de Goffman delimitar sua análise à interação que se estabelece em contextos de co-presença, ou seja, àquelas que se desenvolvem na presença imediata do indivíduo perante aqueles com quem esteja pronto a interagir, é nítida a proximidade de seu estudo com o processo que é efetivado nas plataformas de comunicação mediadas por computador, em especial aquelas que dizem respeito aos *sites* de relacionamento social. Nestas plataformas, o sujeito constrói uma imagem que julga ser a que melhor definirá seu ideal de representação de si mesmo. Através da evidência de determinadas características de sua personalidade e modo de vida, ele almeja projetar nos outros as impressões que acredita estarem contempladas no perfil que elaborou.

Sobre o uso da análise de Goffman nos estudos que envolvem a comunicação mediada por computador (CMC), Nunes (2007) esclarece o seguinte:

A obra de Goffman tem sido referendada, nos últimos dez anos, em análises de diversos tipos recentes de “comunicação mediada por computador” (CMC), alguns já clássicos (e-mail, listas de discussão, *homepages*), outros emergentes, como os diversos tipos de comunicação instantânea (*chats*, *messengers*, Orkut etc.) e os diários na *web* (*blogs*). Ainda que nenhuma dessas novas modalidades de comunicação existisse na época do lançamento de *Frame analysis* e *Forms of talk*, é interessante notar que dois dos principais modelos goffmanianos, a dramaturgia e a análise do quadro, comparecem em boa parte dessas análises, originando aplicações interessantes e incorporação de novos elementos[...]. Hugh Miller (1995), em

um dos primeiros estudos nessa linha, analisou a questão da construção (e transformação) do *self* e da identidade nas *homepages*, ao propor, com base numa amostra não-sistemática de *homepages* pessoais na Internet, uma tipologia de apresentação do *self* nessa forma de CMC. Embora as formas de CMC não sejam, evidentemente, instâncias de interação em co-presença como as que Goffman descrevia, concordo com Miller em sua afirmação de que o “*self* eletrônico” apresentado na *homepage* deriva da interação face-a-face ou, pelo menos, da interação por email. (NUNES, 2007, p. 11).

Diante disso, é importante notar que a comparação aqui realizada não é uma transposição mecânica da análise realizada por Goffman ao ambiente virtual. Trata-se da percepção da validade das observações do autor ao estudo aqui apresentado, principalmente por levar em consideração o fato de que as relações e expressões realizadas no ambiente virtual derivam sobremaneira das relações realizadas em contextos de co-presença.

Ainda sobre o alcance das análises de Goffman, é importante acrescentar que suas observações sobre a manutenção da aparência do indivíduo para que este demonstre, de maneira quase constante, sua aptidão para desenvolver qualquer tipo de interação, também é válida no ambiente virtual. Em tal contexto, o sujeito constantemente exhibe imagens da representação que tem sobre si mesmo, as quais julga estarem adequadas ao tipo de pessoas que pretende “atrair” para desenvolver suas relações de interação. Nas palavras do autor,

Um dos mais evidentes meios pelos quais o indivíduo mostra estar presente na situação é através do gerenciamento disciplinado da aparência pessoal ou “frente pessoal”, que é, o complexo do vestuário, *make-up*, penteado, e outras decorações que ele faz sobre a superfície de sua pessoa. [...]. Note-se que com estas questões de aparência pessoal a obrigação não é meramente possuir o equipamento, mas também exercer o tipo de controle sustentado que irá mantê-lo regularmente arrumado. (GOFFMAN, 1966, p. X, tradução minha).

Sobre o aspecto da gestão da aparência, observa-se que esta questão também é assunto de constante preocupação por parte daqueles que participam das redes de relacionamento virtual. A modificação, melhoramentos, acréscimo de efeitos, correção de imperfeições etc, são mecanismos comumente utilizados pelos usuários desses *sites* para manter sua aparência da maneira que eles julgam melhor. Da mesma forma que nos empenhamos em nos mostrar visualmente

agradáveis aos olhos daqueles com quem iremos nos relacionar presencialmente, os usuários dos *sites* de relacionamento também se esforçam em escolher a imagem que melhor os representará para o público potencial que terão ao seu alcance nas redes de relacionamento da qual fazem parte. Nas palavras de Goffman, isso reflete “[...] a tendência que os atores têm a oferecer a seus observadores uma impressão que é idealizada de várias maneiras diferentes”. (2008, p. 40).

Um outro aspecto que não deve ser desconsiderado na análise de Goffman sobre as formas de apresentação do eu no contexto da interação social diz respeito ao fato de que

[...] quando o indivíduo se apresenta diante dos outros, seu desempenho tenderá a incorporar e exemplificar os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade e até realmente mais do que o comportamento do indivíduo como um todo. Na medida em que uma representação ressalta os valores oficiais comuns da sociedade em que se processa, podemos considerá-la, à maneira de Durkheim e Radcliffe-Brown, como uma cerimônia, um rejuvenescimento, e reafirmação expressivos dos valores morais da comunidade. (GOFFMAN, 2008, p. 41).

Por isso não é raro encontrarmos reproduzidos em *sites* de relacionamento como o *Orkut* alguns dos preconceitos e atitudes que valorizam ou depreciam qualidades, distinção de raça e grupos socialmente reconhecidos sob estereótipos forjados coletivamente. A título de exemplo, podemos elencar as comunidades que são formadas nesses portais intituladas “Abaixo o homossexualismo”, “Minha empregada é negra”, ou titulações do gênero. Desta forma, ao mesmo tempo em que são encontradas na Internet expressões de maior tolerância a atitudes plurais e que vão na contra-mão do que é institucionalmente estabelecido na sociedade, também podemos encontrar expressões reveladoras de preconceitos e estereótipos.

Numa tentativa de banir esse tipo de expressão, a organização dos portais de relacionamento permite que sejam denunciadas formações comunitárias ou qualquer atitude que possa discriminar algum grupo. Qualquer participante que se depare com isso tem à sua disposição um recurso de denúncia que poderá ser acionado, fazendo com que o suporte de gestão do *site* possa extinguir tal

comunidade ou perfil em desacordo com os ideais de respeito à integridade dos valores democráticos ora vigentes. Contudo, esse mecanismo depende da denúncia dos usuários, os quais nem sempre denunciam ou até mesmo podem nem considerar como preconceituosa tais expressões.

Uma outra afirmação que se pode destacar da análise goffmaniana e que se aplica ao contexto da representação de si mesmo no espaço virtual é a que ressalta que o indivíduo

Pode desejar que pensem muito bem dele, ou que se pensem estar ele pensando muito bem deles, ou que percebam o que realmente sente com relação a eles, ou que não cheguem a ter uma impressão definida; pode desejar assegurar harmonia suficiente para que a interação possa ser mantida, ou trapacear, desembaraçar-se deles, confundi-los, induzi-los a erro, opor-se a eles ou insultá-los. Independentemente do objetivo particular que o indivíduo tenha em mente e da razão desse objetivo, será do interesse dele regular a conduta dos outros, principalmente a maneira como o tratam. (GOFFMAN, 2008, p. 13).

É comum que muitos afirmem que uma análise das relações e expressões publicadas na Internet é passível de estar sujeita a dissimulações, o que poderia levar o pesquisador que se debruça sobre esses objetos de estudo a analisar fenômenos enganosos e falaciosos, o que traria como resultado uma análise cuja sustentação “real” seria questionável. Entretanto, pode-se afirmar que as expressões no contexto da interação presencial também são passíveis de dissimulação, posto que o sujeito, assim como descrito por Goffman, possui formas de elaborar-se de acordo com seus interesses, regulando tanto sua conduta quanto a daqueles com quem interage. É importante reconhecer que a expressividade e identidade do sujeito é construída na sua relação com os demais.

As descrições fornecidas por Goffman a respeito dos rituais da interação social permitem observar as variáveis que envolvem a projeção do indivíduo ao outro. Nas plataformas virtuais de interação, apesar das relações estarem fora do contexto de co-presença, existe similaridades na elaboração do eu para os outros com os quais irá interagir. As análises de Goffman permitem uma sensibilização para as dimensões que devem ser levadas em consideração quando da exposição do eu para o outro em contextos de interação, sejam eles face a face ou não.

A perspectiva microssociológica de Goffman possibilita um entendimento sobre o que perpassa o desenvolvimento da sociabilidade no que diz respeito ao fenômeno contemporâneo dos *sítes* de relacionamento social. Dado os limites e objetivos do presente trabalho, não foi possível esmiuçar todas as características que estão envolvidas no estudo desses rituais de relação virtual; contudo, a leitura ora realizada fornece um embasamento inicial para dar prosseguimento a futuras análises do fenômeno em questão, além de dar sustentação a alguns pressupostos adotados neste estudo.

7.3 A teoria da ação social

Apesar de ter sido Simmel a definir e detalhar a especificidade do conceito de sociabilidade, Weber, em sua formulação dos conceitos da teoria sociológica, acredita que esta ciência tem como principal objetivo compreender a ação social. Por esse motivo, é pertinente ressaltar algumas de suas principais definições, as quais contribuem para a discussão ora apresentada.

Observa-se que os parâmetros estabelecidos pela sociologia compreensiva, tal como Weber a definiu, assim como importantes conceitos por ele delimitados, mostram-se como um importante referencial para o processo de interpretação das relações sociais que se efetivam no âmbito da Internet.

Para Weber, a sociologia traz para si o objetivo de compreender a realidade social humana, extremamente complexa e mutável, através da captação do sentido das ações sociais que orientam o sujeito a determinados tipos de conduta. De acordo com a teoria weberiana, a sociologia coloca-se como uma ciência que tem como objeto a captação da conexão de sentido da ação social. A sociologia é a ciência “*que pretende entender, interpretándola, la acción social para de esa manera explicarla causalmente em su desarrollo y efectos*”. (WEBER, 1974a, p. 5).

Tendo isso em mente, Weber conceitua a ação social, definindo-a “como uma conduta humana (ato, omissão, permissão) dotada de um significado subjetivo dado por quem o executa, o qual orienta seu próprio comportamento, tendo em vista a ação – passada, presente ou futura – de outro ou de outros [...]”. (QUINTANEIRO et al., 1996, p. 107). Este outro ou outros podem ser conhecidos em sua individualidade, ou tratar-se de uma pluralidade de indivíduos desconhecidos.

Trazendo toda essa conceituação à realidade investigada – a ação do indivíduo em disponibilizar informações de sua personalidade em *sites* da Internet e, através disso, relacionar-se virtualmente com outras pessoas – nota-se a identidade conceitual entre a ação praticada pelos sujeitos da pesquisa e a ação social concebida por Weber.

O caráter social dessa ação individual é que torna o objeto passível de uma análise sociológica, que busque apreender o significado dessa ação dentro de um todo que se articula numa teia de relações sociais dotadas de sentido. De acordo com o pensamento de Weber o termo relação social é

[...] usado para designar a situação em que duas ou mais pessoas estão empenhadas numa conduta onde cada qual leva em conta o comportamento da outra de uma maneira significativa, estando, portanto, orientada nestes termos. A relação social **consiste**, assim, inteiramente na **probabilidade** de que os indivíduos comportar-se-ão de uma maneira significativamente determinável. É completamente irrelevante o porquê de tal probabilidade, mas onde ela existe pode-se encontrar uma relação social. (WEBER, 2002, p. 45 – grifos do autor).

Cabe ressaltar que essa conduta plural reciprocamente orientada e dotada de sentido, não necessariamente deve ter correspondência no que se refere ao seu conteúdo, isto é, ao seu significado. Por exemplo, uma cerimônia de casamento realizada sob os princípios do catolicismo nem sempre pode ter o mesmo significado para ambos os noivos. Para o noivo, o sentido religioso pode orientar sua ação, mas pode ser que para a noiva esse sentido não coincida, sendo a ação desta orientada apenas pela satisfação de realizar um desejo de seu noivo.

Assim, tem-se que o motivo que leva uma pessoa a expor suas características na Internet nem sempre coincidirá com aqueles que levaram a(s) pessoa(s) com quem ela se relaciona a tomar a mesma atitude.

Desta forma, também merece destaque a noção de que uma mesma ação pode ter diversos sentidos, os quais não são imediatamente apreendidos, cabendo ao cientista social a captação destes e a observação das regularidades do comportamento do homem em sociedade.

Para além dessas questões, interessa ressaltar aqui a importância do pensamento weberiano no que diz respeito a conceituações da sociologia clássica, as quais oferecem um referencial fundamental à discussão ora apresentada.

Nesse sentido, é essencial destacar o entendimento que Weber deposita acerca da definição do conceito de relação social. Em sua teoria, as relações sociais classificam-se sob duas formas: comunidade e sociedade. Para o autor, uma relação social é chamada de *comunidade* quando a orientação de seu sentido assenta-se na solidariedade, isto é, quando seus participantes estão ligados por vínculos emocionais ou tradicionais. Já quando a relação social está ligada a um equilíbrio de interesses orientados por motivos racionais, sejam valorativos ou não, tem-se uma relação social de *sociedade*. (WEBER, 2002).

É válido notar o sentido emocional que Weber atribui quando classifica uma relação social de comunidade. Para ele, a comunidade baseia-se em qualquer espécie de ligação emocional, seja ela afetiva ou tradicional. E para os propósitos deste trabalho, é fundamental compreender essa conceituação, uma vez que as relações sociais firmadas no contexto atual trazem em seu bojo vínculos afetivos, os quais encontram formas de manutenção e propagação por meio das tecnologias de comunicação.

Não é demais apontar que Weber não classifica esses tipos de uma forma rígida, pois considera que a realidade expressa essas características de maneira difusa, fazendo com que os relacionamentos sociais compartilhem ambas as formas de relação social. Para o autor, essas conceituações denominam fenômenos de natureza heterogênea e que podem manifestar nuances de um ou outro tipo.

O conceito de comunidade passa a ter especial importância no que se refere à análise das relações sociais que se efetivam através dos portais de relacionamento virtual, tendo em vista a predominância da orientação afetiva e emocional na formação desses vínculos. Tendo como referência o pensamento weberiano, sabe-se que “não é de nenhum modo verdadeiro que a participação em qualidades comuns, numa situação comum ou de modos comuns de comportamento implicam na existência de uma comunidade”, contudo, a partir do momento em que o sentimento orienta mutuamente essas relações, a comunidade passa a predominar entre elas. (WEBER, 2002, p. 80).

É nesse sentido que se dá a importância de frisar esses conceitos, a fim de que se possa ter uma interpretação mais nítida acerca da estrutura do fenômeno observado. O conceito de comunidade, vista como uma relação social expressa por demandas emocionais, afetivas e sentimentais passa a ser característica das vinculações sociais formadas sob as redes de comunicação contemporâneas, as quais efetivam contatos de natureza flexível e pautados em condutas que valorizam manifestações de ordem emocional.

7.4 O papel da Confiança no desenvolvimento das relações sociais

Sennett definiu que as relações sociais no contexto das grandes cidades exigiam do cidadão a revelação de características de sua personalidade para efetivar vínculos com os outros. Diante disso, surge a necessidade de introduzir no teor da discussão uma leitura à respeito da categoria confiança, e como ela está relacionada com o desenvolvimento das relações sociais contemporâneas. Por isso, é necessário incluir aqui a interpretação que Giddens (1991) nos fornece a respeito do seu desenvolvimento, e como a confiança é um elo importante para estabelecer as relações sociais que passaram a ser formadas no contexto das sociedades modernas.

De acordo com Giddens (1991), os modos de vida advindos com a modernidade proporcionaram um rompimento com os modos de vida tradicionais. Segundo o autor, estas transformações trouxeram consigo mudanças tanto do ponto de vista extensional como intensional. Extensional porque trouxeram formas de interconexão social em nível global. Intensional porque modificaram padrões de vivência cotidiana nos níveis íntimo e pessoal. Conforme o autor, estas mudanças fazem parte de um processo de descontinuidade, o qual separa as instituições sociais tradicionais das modernas. Para Giddens,

Devemos olhar com alguma profundidade como as instituições modernas tornaram-se “situadas” no tempo e no espaço para identificar alguns dos traços distintivos da modernidade como um todo. [...]. Temos que dar conta do extremo dinamismo e do escopo globalizante das instituições modernas e explicar a natureza de suas descontinuidades em relação às culturas tradicionais. (GIDDENS, 1991, p. 28).

Giddens definiu características importantes dentro do processo de descontinuidade que implicou na ruptura com os modos de vida tradicionais. Em sua leitura, essas relações estavam assentadas em contextos locais, e dependentes do tempo e do espaço para acontecerem. Com o advento da modernidade, as transformações dela provenientes trouxeram uma reestruturação dessas relações, possibilitando sua independência em relação a tempo e espaço. Por esse motivo, Giddens (1991) classifica como “desencaixadas” as relações formadas sob o signo da modernidade porque são distanciadas dos contextos locais de interação.

Desta forma, o desenvolvimento das instituições modernas, para Giddens (1991), se deu em virtude do que ele denomina de “mecanismos de desencaixe”. Para ele, são dois os mecanismos responsáveis pela reestruturação dessas relações: sistemas peritos e fichas simbólicas. O primeiro relaciona-se à divisão do trabalho nas sociedades modernas, cuja complexidade demanda um maior nível de diferenciação e especialização das atividades. Já o segundo “são meios de intercâmbio que podem ser ‘circulados’ sem ter em vista as características específicas dos indivíduos ou grupos que lidam com eles em qualquer conjuntura particular” (GIDDENS, 1991, p. 29). Como principal exemplo desse mecanismo Giddens cita o dinheiro.

Diante dessa caracterização, importa ressaltar que ambos os mecanismos de desençaixe citados por Giddens como diretamente envolvidos no desenvolvimento das instituições modernas dependem da *confiança*. Conforme Giddens,

[...] em condições de modernidade, a confiança existe no contexto de: consciência geral de que a atividade humana é criada socialmente, e não dada pela natureza das coisas ou por influência divina; e do escopo transformativo amplamente aumentado da ação humana, levado a cabo pelo caráter dinâmico das instituições sociais modernas. (GIDDENS, 1991, p. 32)

A categoria confiança, no pensamento de Giddens, está relacionada à ausência no tempo e no espaço, tendo em vista que o desenvolvimento das relações, na modernidade, foi mantido em função deste distanciamento, a confiança torna-se fonte necessária para que os mecanismos de desençaixe desenvolvam-se plenamente. “Em condições de modernidade, relações de confiança são básicas para o distanciamento espaço-tempo”. (GIDDENS, 1991, p. 89).

Como foi dito, com o desenvolvimento das instituições modernas, as relações entre as pessoas necessitam da confiança para se firmarem. Giddens também afirma que nas relações de cunho pessoal, a confiança também ganha papel específico e prioritário. Conforme o autor esclarece,

A confiança pessoal torna-se um projeto, a ser “trabalhado” pelas partes envolvidas, e requer a abertura do indivíduo para o outro. Onde ela não pode ser controlada por códigos normativos fixos, a confiança tem que ser ganha, e o meio de fazê-lo consiste em abertura e cordialidade demonstráveis. Nossa preocupação peculiar com “relacionamentos”, no sentido em que a palavra é agora tomada, é expressiva deste fenômeno. Relacionamentos são laços baseados em confiança, onde a confiança não é pré-dada mas trabalhada, e onde o trabalho envolvido significa um processo mútuo de auto-revelação. (GIDDENS, 1991, p.123).

Por isso, o entendimento desse processo é parte importante para a compreensão das relações mútuas de intimidade entre os participantes dos sítios de relacionamento virtual. Inseridos num contexto em que possuem a possibilidade de se apresentar ao conhecimento dos outros numa nova plataforma de interação – independente de tempo e espaço para se firmar – e que combina rapidez e

disposição das informações em esfera mundial, uma análise que leve em consideração o desenvolvimento das instituições modernas é necessária.

Ainda de acordo com Giddens (1991, p. 176), todas as características envolvidas nessa transformação não são “[...] uma expressão de fragmentação cultural ou da dissolução do sujeito num ‘mundo de signos’ sem centro. Trata-se de um processo simultâneo de transformação da subjetividade e da organização social global [...]”.

As relações efetivadas na dimensão virtual e a consequente publicação da personalidade do sujeito neste ambiente é um reflexo da enorme importância da categoria confiança nesse processo de mútua revelação. E a interpretação do significado dessa mostra de personalidades no contexto atual é por demais relevante. Cabe, portanto, pensar de maneira mais detida sobre os processos que envolvem a transformação da subjetividade do sujeito contemporâneo. A estrutura da análise fornecida por Giddens sobre o processo de transformação que moldou a sociedade moderna torna-se fonte indispensável para se pensar na evolução das plataformas de interação existentes na sociedade atual, tendo em vista o fluxo global de informações que faz parte, cada vez mais, do cotidiano de um número crescente de pessoas.

O estudo de Giddens sobre o desenvolvimento das instituições modernas, o qual se relaciona com a transformação das relações que outrora eram efetivadas nas sociedades tradicionais, viabilizou uma melhor interpretação das relações não mais situadas em contextos de co-presença. Além disso, a introdução da categoria confiança permite que se possa compreender o elo que estabelece o desenvolvimento das relações atuais, as quais transcendem os limites espaço-temporais, que eram condição indispensável ao desenvolvimento das relações tradicionais.

7.5 Consumo, identidade e relação social

Em obra recentemente lançada no Brasil, Bauman (2008) faz uma análise do consumo na sociedade contemporânea, e cita como exemplo o comportamento expressado nos *sites* de relacionamento como um dos reflexos da ascensão do consumo. Ele se utiliza de conceitos como o “fetichismo da mercadoria” para explicar o que chama de colonização das relações sociais pelo mercado. Segundo o autor, passada a sociedade de produção para a sociedade de consumo, emergiria desta o que ele chama de “fetichismo da subjetividade”. Na leitura de Bauman,

[...] ‘No cerne das redes sociais está o intercâmbio de informações pessoais’. Os usuários ficam felizes por ‘revelarem detalhes íntimos de suas vidas pessoais’, ‘fornecerem informações precisas’ e ‘compartilharem fotografias’. Estima-se que 61% dos adolescentes britânicos com idades entre 13 e 17 anos ‘têm um perfil pessoal num site de rede’ que possibilite ‘relacionar-se on-line’. (BAUMAN, 2008, p. 8).

Ainda de acordo com seu pensamento,

Os encontros dos potenciais consumidores com os potenciais objetos de consumo tendem a se tornar as principais unidades na rede peculiar de interações humanas conhecida, de maneira abreviada, como ‘sociedade de consumidores’. Ou melhor, o ambiente existencial que se tornou conhecido como ‘sociedade de consumidores’ se distingue por uma reconstrução das relações humanas a partir do padrão, e à semelhança, das relações entre os consumidores e os objetos de consumo. Esse feito notável foi alcançado mediante a anexação e colonização, pelos mercados de consumo, do espaço que se estende entre os indivíduos – esse espaço em que se estabelecem as ligações que conectam os seres humanos e se erguem as cercas que os separam. (BAUMAN, 2008, p. 19).

Ao transpor mecanicamente este modelo explicativo para a realidade que observo, posso correr o risco de analisar os fatos de uma maneira reducionista, tendo em vista a complexidade que caracteriza a dimensão das relações sociais, sobretudo as que são construídas tendo como suporte a Internet. No entanto, percebe-se certa validade no pensamento de Bauman, na medida em que ele elenca aspectos importantes acerca das relações construídas no seio da sociedade

contemporânea, sendo esta entendida como desencadeadora de modos de conduta e relações pautadas, sobremaneira, no consumo.

O pensamento de Bauman (2005) também demonstra uma preocupação em contextualizar o tipo de identidade inaugurado na sociedade atual. De acordo com o autor, os vínculos identitários na sociedade contemporânea não mais se caracterizam por uma rigidez inalterável e fixa – pré-determinados pelas funções sociais que o sujeito tinha que assumir, como ocorria na modernidade. Torna-se importante ressaltar a questão da identidade porque é em torno dela que os vínculos sociais se constituem. A coesão social gravita nessa busca do sujeito contemporâneo em encontrar-se e definir a si mesmo, buscando nas definições do outro um apego, uma referência, mesmo que efêmera, para espelhar-se.

Na leitura de Castells (2005, p. 41), o contexto em que vivemos suscita uma nova perspectiva para que a identidade seja compreendida, pois “em um mundo de fluxos globais de riqueza, poder e imagens, a busca da identidade, coletiva ou individual, atribuída ou construída, torna-se a fonte básica de significado social”. Em convergência com o pensamento de Bauman (2005), Castells acrescenta que

[...] a identidade está se tornando a principal e, às vezes, única fonte de significado em um período histórico caracterizado pela ampla desestruturação das organizações, deslegitimação das instituições, enfraquecimento de importantes movimentos sociais e expressões culturais efêmeras. Cada vez mais, as pessoas organizam seu significado não em torno do que fazem, mas com base no que elas são ou acreditam que são. (CASTELLS, 2005, p. 41).

Segundo Canclini (2008), o processo de globalização por ele descrito se resume numa passagem das identidades modernas ao que ele chama de identidades pós-modernas. De acordo com seu entendimento “[...] as identidades modernas eram territoriais e quase sempre monolíngüísticas. [...] Ao contrário, as identidades pós-modernas são transterritoriais e multilingüísticas”. (CANCLINI, 2008, p. 45-46).

Para Canclini (2008), é importante que se entenda o processo pelo qual as identidades atuais se formam e se inscrevem no cotidiano das relações sociais. Segundo o autor, a clássica definição sócioespacial da identidade, a qual era

claramente definida e referida a um território particular, precisa ser redefinida e complementada por sua característica sócio comunicacional. Em suas palavras:

Nas novas gerações as identidades se organizam menos em torno dos símbolos histórico-territoriais, os da memória pátria, do que em torno dos de Hollywood, Televisão ou Benetton. Ao mesmo tempo em que nas grandes cidades os centros históricos perdem peso, as populações se disseminam: os jovens encontram nas cidades, em vez de núcleos organizadores, 'margens que se inventam para si'. A identidade passa a ser concebida como o foco de um repertório fragmentado de minipapéis mais do que como o núcleo de uma hipotética interioridade contida e definida pela família, pelo bairro, pela cidade, pela nação ou por qualquer um desses enquadramentos em declínio. (CANCLINI, 2008, p. 48).

Trazendo para essa discussão as teses de Lipovetsky (2004), bem como as de Maffesoli (2004), tem-se um apanhado de importantes fatores que nos municiam de elementos à compreensão da dinâmica que rege a sociedade atual. Esses autores fornecem um traçado de características fundamentais ao entendimento do sujeito na sociedade de consumo e da tecnologia, da modernidade aos dias de hoje. Estas características mostram-se adequadas ao entendimento do sujeito no contexto das novas tecnologias; ao mesmo tempo em que trazem à tona um quadro significativo para que se possa tornar menos obscura a realidade dos sujeitos que se valem das novas tecnologias à disposição na Internet, a fim de exporem suas subjetividades e concretizar laços de amizade.

É necessário contextualizar a leitura das relações de sociabilidade e sua conceituação a um debate mais amplo, incluindo, para isso, noções sobre a conduta do indivíduo em sociedade e os pressupostos que norteiam o entendimento de suas ações no interior desta. Desta forma, é possível trazer para essa discussão aspectos que permitem uma interpretação segura e apoiada na historicidade das relações sociais, a partir da exposição, ainda que breve, da posição ocupada pelo sujeito na sociedade, ao longo do tempo.

O objeto de estudo em questão é resultante, em parte, do processo de transformação dos valores que regem a sociedade tradicional, bem como da mudança ocorrida em outras esferas da sociedade, como educação, religião, família, economia, política etc. Desta forma, segue no próximo item uma exposição sobre as

principais características encontradas em diferentes épocas e que servem como instrumento para o entendimento dos valores e dos mecanismos que impulsionam, hoje, os sujeitos à dinâmica do ciberespaço.

7.5.1 O indivíduo na sociedade contemporânea

Segundo Lipovetsky (2004), a crítica e condenação que se faz ao presente não é recente e desde a antiguidade já se contestavam quaisquer formas de agir e pensar que pudessem provocar um rompimento com os valores tradicionais. Para os antigos, o resgate do passado era tido como substancial à devida socialização do sujeito e era no passado que estes deveriam se referenciar à construção de seus valores.

Entretanto, a modernidade surge, rompendo com o passado e apostando no futuro como lugar de satisfação e plenitude – ao contrário da concepção antiga de condenação do porvir e elogio ao passado. Era o progresso, advindo das conquistas da razão e da ciência, o fiador desse crédito dado ao futuro, na modernidade. Esse caráter otimista da sociedade moderna foi herdado da filosofia das Luzes, mas os acontecimentos catastróficos do século XX fizeram com que a razão perdesse grande parte de sua dimensão positiva.

Na modernidade, além da exaltação da técnica e do liberalismo comercial, outro grande aspecto que decorreu do legado iluminista foi a extrema subjugação burocrática e disciplinar, consequências que contribuíram mais para aprisionar a humanidade em códigos e regras que para concretizar os ideais da filosofia das Luzes.³⁷ O sujeito encontrava-se fortemente atrelado às instituições sociais; e a tradição, através de suas normas, impunha aos indivíduos seus devidos lugares na sociedade.

³⁷ Ver Lipovetsky (2004).

Mas, com o passar do tempo, essas estruturas sociais foram perdendo grande parte de seu domínio sobre o sujeito, este, cada vez mais autônomo, desprende-se dessas instituições e passa a exercer um maior controle sobre suas decisões e atitudes perante a sociedade. A partir das análises de Lipovetsky (2004), foi possível perceber a mudança existente no paradigma dessas relações. Para ele, tais mudanças estão inter-relacionadas ao processo de expansão do consumo no capitalismo e dos valores por ele propagados. E em seu estudo, o fator responsável pela passagem da modernidade à pós-modernidade foi a difusão do consumo em massa, permitida pelo desenvolvimento industrial e a produção em série. É essa passagem o que demarcaria a primeira fase do consumo no capitalismo moderno – final do séc. XIX e primeira metade do séc. XX – e daria à modernidade seu sentido pós-moderno.

O sentido que Lipovetsky atribui à “pós-modernidade” é que esta seria apenas um curto momento de transição, em que serviu para nomear o período de transformações por que passava a sociedade no último meio século. Para ele, o que se convencionou chamar pós-moderno, sinalizava a descompressão social com o enfraquecimento das estruturas institucionais. Segundo ele, hoje, o rótulo pós-moderno está caduco e o período que se anuncia solicita um novo prefixo: a hipermodernidade. (LIPOVETSKY, 2004, p. 52).

Nesse momento, segundo Lipovetsky (2004), novos referenciais são estabelecidos ao sujeito e a conduta disciplinadora da modernidade perde pouco a pouco seu espaço. Com a lógica do consumo difundida na sociedade, o sujeito ganha autonomia e uma revolução cotidiana toma conta das esferas sociais como um todo. A queda dos regimes totalitários, as duas grandes guerras, e os demais acontecimentos que marcaram, principalmente, a primeira metade do séc. XX, não dão conta de explicar toda a transformação sofrida no conjunto da sociedade.

Segundo o autor,

As desilusões, as decepções políticas, não explicam tudo: houve simultaneamente novas paixões, novos sonhos, novas seduções que se manifestaram dia após dia, sem grandiloquência, é verdade, mas onipresentes e afetando o maior número de pessoas. Eis o fenômeno que nos modificou: é com a revolução do cotidiano, com as profundas convulsões nas aspirações e nos modos de vida estimuladas pelo último

meio século, que surge a consagração do presente. (LIPOVETSKY, 2004, p. 59).

Para Lipovetsky (2004), a lógica da moda, essencialmente mutante e efêmera, é um elemento primordial para a compreensão da difusão e permanente busca pelo consumo que move a dinâmica capitalista. Mas essa lógica só se expandiu ao conjunto da sociedade na segunda fase do capitalismo moderno, de onde emergiu uma cultura cada vez mais voltada ao presente. O consumo é alimentado pela lógica da produção e a busca pelo novo, sendo propagado pelo refinamento dos meios de comunicação, do *marketing* e da publicidade. Além disso, com essa difusão, entramos num momento muito preciso em que se vê,

[...] ampliar-se a esfera da autonomia subjetiva, multiplicarem-se as diferenças individuais, esvaziarem-se de sua substância transcendente os princípios sociais reguladores e dissolver-se a unidade das opiniões e dos modos de vida. (LIPOVETSKY, 2004, p. 19).

É precisamente nesse período que a modernidade ganha seu sentido pós-moderno, época em que as estruturas disciplinares vão perdendo autonomia para o sujeito, o qual encontra-se desprendido e apto a desfrutar de uma maior liberdade individual. Atualmente vê-se, em boa medida, uma liberação e flexibilização dos costumes, o que garante ao sujeito maior autonomia em face às estruturas socializantes de outrora.

A pós-modernidade representa o momento histórico preciso em que todos os freios institucionais que se opunham à emancipação individual se esboroam e desaparecem, dando lugar à manifestação dos desejos subjetivos, da realização individual, do amor próprio. (LIPOVETSKY, 2004, p. 23).

Entretanto, é válido ressaltar que a pós-modernidade para Lipovetsky não passa de um período de transição, o qual estava longe de romper em definitivo com as máximas modernas. Para o autor, os pilares em que se assentava a modernidade: o mercado, a eficiência técnica e o indivíduo, se encontram consumados nos dias de hoje. Estes três axiomas da modernidade estavam restritos, de certa forma, às grandes estruturas que regiam a modernidade, como o Estado, a Igreja e a família, por exemplo. Atualmente, as máximas de flexibilização e

autonomização dos indivíduos fazem com que aqueles pilares se efetivem, saindo do plano utópico ao prático. “Tínhamos uma modernidade limitada; agora, é chegado o tempo da modernidade consumada”. (LIPOVETSKY, 2004, p. 54).

É por esse motivo que o momento que vivenciamos atualmente, na leitura de Lipovetsky, é a hipermodernidade. Passada a descompressão do sujeito, proclamada pela pós-modernidade, o que se anuncia hoje é, em suas palavras, a “modernidade elevada à potência superlativa”. (LIPOVETSKY, 2004, p. 53). Nas palavras do autor,

Ao clima de epílogo segue-se uma sensação de fuga para adiante, de modernização desenfreada, feita de mercantilização proliferativa, de desregulamentação econômica, de ímpeto técnico-científico, cujos efeitos são tão carregados de perigos quanto de promessas. (LIPOVETSKY, 2004, p. 53).

Lemos (2002, p. 66) também enxerga a modernidade como expressão “da existência de uma mentalidade técnica, de uma tecno-estrutura e de uma tecnocultura que se enraíza em instituições, incluindo toda a vida social na burocratização, na secularização da religião, no individualismo e na diferenciação institucionalizada das esferas da ciência, da arte e da moral”. Para ele, a ideia de uma pós-modernidade também culmina na segunda metade do século XX, mediante a expansão da sociedade de consumo e das mídias de massa (*mass media*), estando todos esses fatores associados à queda das meta-narrativas modernas, da noção de razão e de progresso.

No decorrer do estudo foi observada a relação existente entre a publicidade dos sujeitos possibilitada pela Internet e o crescente processo de personalização a que foram submetidos, desde o enfraquecimento das instituições normativas que regiam as relações entre os indivíduos, na modernidade.

Dando continuidade a essa discussão, tem-se que, Maffesoli (2004) define o conceito de socialidade em oposição ao conceito de sociabilidade, onde, para o autor, a socialidade é característica das relações sociais efetivadas no ambiente cibernético, as quais são desprovidas de institucionalidade. Já na sociabilidade, conforme sua acepção, as relações seriam pautadas pelo regramento

institucional e pela fixação do sujeito em torno de uma função, e estas estruturas estariam conformadas ao contexto da modernidade.

No ambiente da Internet, vê-se a manifestação de subjetividades, as quais revelam gostos, atitudes e preferências dos sujeitos que interagem no ciberespaço, bem como a difusão de novas formas de relação social. Estes indicadores se dão em consequência da perda de autoridade das antigas estruturas socializantes – como a família, por exemplo – em face da crescente autonomia do indivíduo. Não que a perda de autoridade daquelas instituições tenham ocasionado na difusão dessas novas formas de relação. O que se pretende expor é que as mudanças paulatinas que vieram transformando a sociedade no transcurso do tempo, mediante a expansão do consumo, da globalização e, inclusive, do esboroamento das instituições tradicionais de socialização, possibilitaram uma maior autonomia do sujeito. Daí o caráter desinstitucional ser atribuído às formas de inter-relação no âmbito das novas tecnologias, por possibilitarem aos sujeitos laços fluidos e sem uma maior dependência significativa – as estruturas socializantes encontram-se diluídas, não mais centralizadas na figura da família, da escola, ou do Estado.

Ao tomar-se o fenômeno dos portais de relacionamento social da Internet como referência, verifica-se uma forte evidência desse ganho de autonomia por parte do sujeito. Esses portais veiculam conteúdos subjetivos de seus mantenedores e, além disso, são espaços de construção de vínculos afetivos, ainda que virtuais. Estas relações independem de uma norma institucional pré-estabelecida, e os vínculos são mais fluidos e flexíveis.

Estas prerrogativas servem para contextualizar a mudança sofrida nos códigos de conduta e valoração da sociedade no decorrer do tempo, tendo como elemento fundamental o caráter institucional e disciplinador que regia a sociedade moderna, ao contrário das relações desinstitucionalizadas e flexíveis em que se baseiam as relações atuais, sobretudo no contexto das novas tecnologias de comunicação.

7.5.2 A natureza das relações sociais mediadas pela tecnologia

Em constante exposição na Internet, o investimento na vida privada é permeado pelos fatores históricos que implicaram na formação do individualismo. Nessa rede de fluxos, o sujeito, intensamente voltado para questões pessoais, busca confrontar seus interesses com os dos outros, realizando um movimento de aproximação social. É pertinente observar mais a fundo os vínculos que são construídos a partir disso. As teorias de autores contemporâneos caracterizam essas relações como sendo de natureza flexível, identificando-as como uma nova forma de sociabilidade atualmente em evidência. É importante verificar se o sujeito, ao expor traços de sua personalidade e vivência na Internet, estaria tentando “nutrir” seu espaço social através da construção de vínculos, ainda que virtuais.

Bauman faz uma leitura sobre o tipo de individualidade disponível nos dias de hoje. Diferente da noção construída em tempos idos, o que ora possuímos é uma “individualidade privatizada”, carente da intervenção das densas redes de sentido que outrora contribuíam para a formação do sujeito. Berger e Luckman (2004) consideram possível afirmar que os valores decorrentes da globalização e da evolução contínua dos meios de comunicação trazem uma grande oferta de sentido ao sujeito atual. Ou seja, não possuímos mais estruturas delimitadas de sentido – como aquelas fornecidas pelas instituições que definiam padrões de conduta e valor. Hoje, como venho expondo, essas fronteiras estão menos rígidas e os parâmetros de socialização encontram-se diluídos, não mais centralizados na família, no Estado ou na religião. Em virtude disso, vê-se a proliferação de uma grande quantidade de “fornecedores de sentido”, como os meios de comunicação, e, principalmente, a convergência midiática proporcionada pela Internet. (BERGER; LUCKMAN, 2004, p. 22).

Para os autores, estamos diante de um pluralismo cultural, o qual põe em confronto diferentes visões de mundo e formas de conduta. A tecnologia dos meios de comunicação “aproxima” o sujeito do contato com culturas diferentes da sua, pondo em sinergia uma abertura de significados que outrora não era possível.

Para Maffesoli (2004), é importante reconhecer que a pós-modernidade nos impôs mudanças que transformaram os valores da sociedade. Em consequência desse fato, a estruturação do indivíduo e da vida social também se modificou. Para o autor, estamos inseridos num processo de saturação das estruturas que regiam a sociedade na modernidade, como o Estado-nação, as instituições sociais, e, principalmente, a noção de indivíduo. Sobre este último aspecto, ele acredita na hipótese de uma heterogeneidade política, institucional e ideológica que constantemente passa a questionar o ideal de indivíduo da modernidade. Em sua leitura, estamos assistindo ao “renascimento de formas tribais de existência”. (2004, p. 28). Nas palavras dele,

O tribalismo é, assim, uma metáfora útil para tentar, provisoriamente, notar a saturação em que o indivíduo ou o individualismo foi questão e do fato de que, a partir de agora, enfumaçaram-se em proveito de microconjuntos, de formas comunitárias. (MAFFESOLI, 2004, p. 28).

O referencial maffesoliniano propõe uma ultrapassagem da categoria do individualismo na explicação dos fenômenos que regem a dinâmica social da atualidade. Suas análises privilegiam o elemento orgânico como categoria explicativa dos vínculos afetivos que formam as redes de sociabilidade contemporâneas. Essa perspectiva arrisca um diagnóstico que se distancia da abordagem existente no “senso comum” intelectual: a ênfase dominante do individualismo como premissa imprescindível na compreensão dos fenômenos sociais dos nossos tempos.

Para Maffesoli (2004), a comunicação invoca uma prática sempre existente: estar em relação – ainda que isso hoje seja mediado tecnologicamente. Ele chama atenção para a pulsão relacional existente nesse processo, frisando a importância do significado da comunicação e da informação na compreensão dessas “novas” práticas.

Corroborando com o pensamento de Maffesoli, Lemos (2002) conclui que:

[...] É justamente o declínio do individualismo que dá forma à pós-modernidade social. Para dar conta das relações sociais contemporâneas, não podemos falar mais a partir de uma perspectiva individualista,

contratual, a partir de uma estrutura mecânica que marcou a modernidade. Pelo contrário, devemos estar atentos aos múltiplos papéis dos sujeitos sociais. Estes configuram-se como estruturas complexas e orgânicas que, sob as mais variadas formas, recusam-se a reconhecer-se em algum projeto político, em qualquer finalidade ideológica ou utópica. A preocupação é com o aqui e agora, com um presente vivido coletivamente. Podemos falar em mudança de sensibilidades, falas e práticas. (LEMOS, 2002, p. 71).

Ainda segundo Lemos (2002, p. 76), pode-se dizer que a cibercultura enseja uma dinâmica social em que o desejo de conexão realiza-se em dimensões jamais vistas, e o computador individual e desconectado transforma-se num computador coletivo, ávido por conectividade e interação social.

Na contramão dessa leitura coloca-se o pensamento de Baudrillard (2005), cuja interpretação da sociedade contemporânea sugere a existência de uma saturação da informação e da comunicação, consequências da radicalização de um mundo racional, o qual traria como resultado a simulação constante do real. Por mais válida que seja toda forma de crítica à realidade contemporânea, não se pode correr o risco de cair numa unidimensionalidade extrema, desatenta a uma observação mais detida do contexto em que estas relações acontecem. Entretanto, analisar o potencial interativo das novas formas de comunicação também não deve permitir uma visão entusiasta e desapegada de uma reflexão mais contundente acerca dos processos que envolvem a dinâmica das novas formas de sociabilidade.

Não se pode ficar indiferente ao fato de que “a cibercultura, pela socialidade que nela atua, parece, antes de isolar indivíduos terminais, colocar a tecnologia digital contemporânea como um instrumento de novas formas de sociabilidade e de vínculos associativos e comunitários”. (LEMOS, 2002, p. 86). Apesar da necessidade de estar sensível a esse potencial relacional, isso não significa a confirmação do fato de que a multiplicação e difusão desses novos processos de interação implicam, invariavelmente, num declínio do individualismo, como nos propõe as teses de Maffesoli. Para tanto, é necessário atentar para algumas nuances que norteiam o entendimento desse processo.

O pensamento de Dumont (1985) aponta que o surgimento do indivíduo, concebido enquanto agente e como categoria moral, surgiu em fins do Império

Romano, mediante a difusão das ideias do então incipiente cristianismo. A noção de individualismo, em contrapartida, começa a adquirir seu sentido ideológico a partir dos processos políticos, culturais e sociais que desencadearam no surgimento da modernidade, passando a ser o valor fundamental das sociedades modernas, a fim de que estas concretizassem seus ideais políticos e econômicos.

Dumont (1985, p. 279) define o termo individualista como “[...] uma ideologia que valoriza o indivíduo e negligencia ou subordina a totalidade social”. Concordando com essa premissa, Domingues ainda afirma que:

[...] o individualismo contemporâneo, embora se possa traçar origens históricas mais longínquas, surge a partir de mecanismos especificamente modernos, que possibilitam aos sujeitos uma autonomia aparentemente sem precedentes na história humana. (DOMINGUES, 2002, p.56).

Domingues (2002) sugere que esses processos implicaram numa crescente dissolução de padrões moralmente instituídos, desencadeando uma radicalização da modernidade e do próprio individualismo. Segundo sua leitura, esse cenário possibilitou os indivíduos a fazerem uso de suas capacidades reflexivas. A identificação da reflexividade e do que ela representa às sociedades modernas encontra sua teorização em Giddens (1991), para quem – como dito anteriormente – a modernidade é concebida como propagadora de processos de desencaixe, os quais deslocam as pessoas de seus contextos tradicionais, promovendo o rompimento de identidades estáveis e vinculadas a contextos locais de vivência.

Beck (1992) considera que esses processos de individualização, em virtude do potencial reflexivo que neles atuam, não devem ser considerados como negativos e propagadores do narcisismo ou de uma atomização dos sujeitos. Para o autor, o indivíduo contemporâneo tem de lidar com a construção de suas próprias trajetórias de vida, as quais, ao mesmo tempo em que são mais abertas, ampliam seus riscos. A modernidade promoveu a liberação do indivíduo das determinações de família, classe, gênero etc, fazendo com que o indivíduo atue como produtor de sua própria biografia e aja orientado pelas perspectivas do mercado.

Giddens (2002), partidário desse pensamento, denomina esse processo de “projeto reflexivo”, pelo qual o indivíduo é responsável. O eu é visto como entidade reflexiva e passa a ser tarefa do indivíduo a de construir os rumos que sua existência material e subjetiva deverá seguir, cabendo ao sujeito a responsabilidade pelos riscos desse empreendimento. Segundo o autor,

‘Tomar conta de nossas próprias vidas’ envolve risco, porque significa enfrentar a diversidade de possibilidades abertas. O indivíduo deve estar preparado para fazer uma ruptura mais ou menos completa com o passado, se necessário, e deve contemplar novos cursos de ação que não podem ser guiados simplesmente por hábitos estabelecidos. A segurança alcançada pela estrita obediência aos padrões estabelecidos é efêmera, e em algum ponto se romperá. (GIDDENS, 2002, p. 72).

A reflexividade, para Giddens (2002), se refere à capacidade de “auto-monitoramento” que é própria do ser humano. E na modernidade, esse potencial reflexivo alcança um nível até então não visto, onde as atividades sociais passam a ser subordinadas a essa revisão constante.

O empenho do sujeito contemporâneo em voltar-se para as questões que norteiam sua vida e projetos pessoais, situações estas que acentuam o processo de individualização, faz com que haja a necessidade de se indagar em que medida esses mecanismos favoreceriam um isolamento e uma atomização dos indivíduos envolvidos nesse contexto. Tal discussão é pertinente na medida em que contribui para uma elucidação das práticas de expressão e relação social difundidas na Internet.

Sobre a natureza das novas formas de sociabilidade, construídas através da Internet, é importante que se faça uma leitura mais aprofundada, apesar de Castells (2002) alertar para o fato de que o fenômeno é relativamente recente para que se possa extrair dele uma interpretação sólida sobre seu significado social. Concordo com o autor que o verdadeiro grau de sociabilidade ocorrido nessas redes de comunicação virtual, assim como suas consequências culturais, ainda não estão claros, apesar de um grande número de pesquisadores dedicarem-se, cada vez mais, ao seu estudo. Por esse motivo, é necessário um olhar mais aprofundado sobre a proliferação das formas de exposição pessoal e interatividade na Internet.

Diante das novas tecnologias de comunicação, não é difícil se deparar com interpretações que atribuem à Internet o poder de conduzir os indivíduos a um isolamento social, tendo em vista que estes desenvolveriam suas relações sociais mediadas por plataformas de interação, o que promoveria um esvaziamento das relações face a face.

Castells (2003) acredita que há a necessidade de se avaliar os padrões de sociabilidade que emergem com a tecnologia trazida pela Internet, a fim de que se alcancem interpretações válidas e empiricamente sustentadas sobre as relações que se sobressaem dessa realidade; principalmente porque, segundo o autor,

Contrariando alegações de que a Internet seria ou uma fonte de comunitarismo renovado ou uma causa de alienação do mundo real, a interação social na Internet não parece ter um efeito direto sobre a configuração da vida cotidiana em geral, exceto por adicionar interação on-line às relações sociais existentes. (CASTELLS, 2003, p. 100).

Apoiado por estudos e pesquisas realizadas por Barry Wellman³⁸, Castells (2003) afirma que o uso de ferramentas de comunicação como o *e-mail* contribuem para reforçar interações face a face ou por telefone, e tais mecanismos não substituem outras formas de interação social. Nesse sentido, ele reconhece que,

[...] de modo geral, o corpo de dados não sustenta a tese de que o uso da Internet leva a menor interação social e maior isolamento social. Há alguns indícios, porém, de que, sob certas circunstâncias, o uso da Internet pode servir como um substituto para outras atividades sociais. Como os estudos que sustentam teses alternativas foram realizados em diferentes momentos, em diferentes contextos e em diferentes estágios da difusão do uso da Internet, é difícil chegar a uma conclusão definitiva sobre os efeitos da Internet sobre a sociabilidade. (CASTELLS, 2003, p. 104).

Para Castells (2003, p. 105), uma análise apropriada sobre o fenômeno deveria perpassar o processo de transformação dos padrões de sociabilidade, e não a substituição ou esvaziamento dessas relações. Ele esclarece que “isso não significa menosprezar a importância do meio tecnológico, mas inserir seus efeitos específicos na evolução geral de padrões de interação social e em sua relação com os suportes materiais dessa relação [...]”.

³⁸ Castells (2003) aponta Wellman como o maior pesquisador empírico em sociologia da Internet.

Conforme Castells (2003) indica, a noção do conceito de comunidade é elementar para melhor desvelar o surgimento desses novos padrões de relação social. Para o autor, a sociabilidade referida ao lugar foi, e ainda é, fonte importante para a construção da interação social. Ele alega que esse padrão de comunidades territorialmente definidas não desapareceu, contudo não se pode deixar de considerar que nas sociedades desenvolvidas seu desempenho exerce um papel bem menor que antes na estruturação das relações sociais.

O autor considera que, atualmente, “as pessoas não formam seus laços significativos em sociedades locais, não por não terem raízes espaciais, mas por selecionarem suas relações com base em afinidades”. As sociedades não evoluem baseadas num padrão uniforme de sociabilidade, principalmente porque nas sociedades contemporâneas é a crescente diversidade desses padrões de sociabilidade que caracterizam a especificidade da atual evolução social. (CASTELLS, 2003, p. 106).

Para Castells (2003):

[...] O decisivo, portanto, é a passagem da limitação espacial como fonte da sociabilidade para a comunidade espacial como expressão da organização social. Talvez o passo analítico necessário para se compreender as novas formas de interação social na era da Internet seja tomar por base uma redefinição de comunidade, dando menos ênfase a seu componente cultural, dando mais ênfase a seu papel de apoio a indivíduos e famílias, e desvinculando sua existência social de um tipo único de suporte material. (CASTELLS, 2003, p. 106).

Castells (2005), contextualizando o pensamento de Barry Wellman, reitera o fato de que as comunidades virtuais não se opõem às comunidades físicas, posto que se constituem em formas diferenciadas de sociabilidade, com leis e dinâmicas específicas. Ao citar o pensamento de Wellman, Castells revela que “o que surgiu nas sociedades avançadas é o que ele denomina ‘comunidades pessoais’: ‘a rede social do indivíduo de laços interpessoais informais, que vão de meia dúzia de amigos íntimos a centenas de laços mais fracos’”. (WELLMAN, 1995 *apud* CASTELLS, 2002, p. 444).

Ainda de acordo com seu pensamento (2005, p. 445), “a Internet favorece a expansão e a intensidade dessas centenas de laços fracos que geram uma camada fundamental de interação social para as pessoas que vivem num mundo tecnologicamente desenvolvido”. Essas relações combinam a rapidez da informação com a penetrabilidade do discurso íntimo³⁹. Para ele, os vínculos formados a partir disso são redes que giram em torno da “privatização da sociabilidade”, ou seja, tratar-se-ia da construção de relações sociais centradas ao redor do indivíduo. (CASTELLS, 2002, p. 446).

7.5.3 Notas sobre o “individualismo em rede”

O indivíduo contemporâneo, inserido no contexto global da cidade cosmopolita, tem à sua disposição sofisticados mecanismos de inter-relação. É importante notar que em meio “a formas de publicização dos espaços privados da modernidade, os espaços coletivos das cidades estão desaparecendo enquanto *locus* de sociabilidade”. (LEMOS, 2007, p. 74).

A partir disso, levanta-se a problemática do redimensionamento do espaço concreto das cidades, tendo em vista o nascimento de práticas sociais que colocam em sinergia os espaços virtual e urbano. “A rede é espaço de organização. A rua, espaço de encontro”. (LEMOS, 2007, p. 74).

Essas considerações demonstram a questão da mudança dos padrões de sociabilidade, outrora restritos a uma partilha de tempo e lugares comuns, impulsionada pelo desenvolvimento das tecnologias de comunicação. Nesse sentido, a Internet favorece a criação de redes de relacionamento social baseadas em interesses pessoais e afinidades, as quais irão agregar indivíduos oriundos de

³⁹ A esse respeito, Castells apenas contextualiza a leitura de Wellman, quando este afirma que a formação de comunidades e relações virtuais são permitidas pela combinação da “rapidez da disseminação da comunicação de massa com a penetração da comunicação pessoal”. (CASTELLS, 2002, p. 446).

diferentes contextos sociais que buscam objetivos comuns na rede. Desta forma, Castells nos alerta que esse tipo de interação está marcado pela manutenção de “laços fracos”, uma vez que plataformas como a Internet

[...] São suportes de laços fracos no sentido de que raramente constroem relações pessoais duradouras. As pessoas se ligam e se desligam da Internet, mudam de interesse, não revelam necessariamente sua identidade [...], migram para outros padrões on-line. Mas se as conexões específicas não são duradouras, o fluxo permanece, e muitos participantes da rede o utilizam como uma de suas manifestações sociais. (CASTELLS, 2003, p. 108).

Para Castells (2003), a Internet é o suporte que cria a condição para a estruturação de um novo padrão de sociabilidade, o qual será baseado no individualismo. É a partir da difusão desse novo padrão de relacionamento social que o autor delinea o conceito de “individualismo em rede”. E para o autor é importante deixar claro que esse individualismo é um *padrão social* e não simplesmente a junção de indivíduos isolados.

Na Internet, a forma dominante de sociabilidade é a do individualismo em rede. Segundo o autor, esse conceito liga-se ao fato de o indivíduo montar, ele próprio, suas redes, com base em seus interesses, valores e afinidades. Contudo, a formação dessas redes em forma de comunidades virtuais, não sinaliza que estas sejam, necessariamente, menos intensas e eficazes na criação de laços. Importa destacar que estas não se opõem às comunidades físicas, já que se configuram em torno de padrões específicos. O que se observa nas sociedades contemporâneas é o desenvolvimento de uma comunicação essencialmente híbrida, pautada na reunião de lugar físico e virtual. (CASTELLS, 2003).

Desse processo decorre a geração de estruturas de sociabilidade criadas de baixo para cima, onde o indivíduo protagoniza a definição de suas redes de pertencimento. Na acepção de Castells,

[...] essas redes on-line tornam-se formas de ‘comunidades especializadas’, isto é, formas de sociabilidade construídas em torno de interesses específicos. Como as pessoas tendem a desenvolver seus ‘portfólios de sociabilidade’, investindo diferencialmente, em diferentes momentos, em várias redes com barreiras de ingresso e custos de oportunidade baixos.

Disso decorre, por um lado, extrema flexibilidade na expressão da sociabilidade, à medida que indivíduos constroem e reconstróem suas formas de interação social. (CASTELLS, 2003, p. 110).

Enfim, todas essas tendências convergem para a evidência do indivíduo como artífice de suas redes de sociabilidade. Esse processo se efetiva por conta do questionamento do universalismo das instituições tradicionais, enquanto instâncias mediadoras de padrões sociais. Apontar os custos que essa tendência traz para a sociedade é algo que o repertório intelectual ainda não foi capaz de decifrar, sendo necessário uma revisão constante dessa tendência no cenário atual.

A perspectiva sociológica do estudo desses fenômenos exigiu a realização de um levantamento das características históricas que propiciaram o desenvolvimento dessas relações ao longo do tempo, assim como sugeriu uma leitura aprofundada, capaz de dar conta, ainda que parcialmente, da interpretação dessa realidade.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“[...] o ciberespaço não é bem outro mundo, como pretendem seus propagandistas, mas um campo social que, a despeito de suas especificidades, sobretudo de suas projeções físicas e utópicas, carrega consigo problemas e mazelas semelhantes às que encontramos no cotidiano mais ordinário, contendo forças de repressão tanto quanto de liberação humanas”. Francisco Rüdiger (2002, p. 122).

A temática desta pesquisa voltou-se para uma realidade que, atualmente, toma conta de grande parte do cotidiano das pessoas que convivem em sociedades complexas e urbanas. Os recursos de comunicação e informação aprimorados, cada vez mais, por tecnologias que promovem uma transformação significativa na forma como os indivíduos se comunicam entre si são suportes que suscitam uma leitura sobre seu impacto no corpo social.

Deste modo, para uma adequada compreensão desse contexto, foi necessária uma contextualização e análise de momentos históricos distintos, os quais trouxeram mudanças que desencadearam processos de conduta social que possibilitaram o surgimento de novos e diferentes padrões nas formas de sociabilidade, tendo a sociedade assumido noções distintas sobre as esferas pública e privada.

Os avanço das tecnologias de comunicação e informação, as chamadas TICs, contribuíram em parte para o conjunto dessas transformações. E quando se fala em tecnologias de comunicação não se está restringindo ao caso dos computadores e das redes telemáticas de difusão da informação. A evolução dessas tecnologias possui íntima relação com processos anteriores a esses, os quais vão desde a criação da imprensa, do telefone e do telégrafo, assim como do rádio e da televisão.

Não é demais reiterar que um dos principais objetivos deste trabalho é entender as motivações e interesses que levam as pessoas a tornar públicas características de sua personalidade e vida privada em *sites* de relacionamento social. Atendendo a esse propósito fundamental, foram observadas também as formas de sociabilidade que se sobressaem nessas plataformas de interação.

Nesse sentido, é necessário destacar o alinhamento das teorias analisadas aos objetivos propostos, as quais permitiram desenvolver um olhar atento ao comportamento social diante dos novos mecanismos de expressão e sociabilidade, que encontram na Internet seu principal meio de apropriação.

Para um adequado alcance dos propósitos da pesquisa, como descrito ao longo deste trabalho, foi preciso adotar posturas específicas acerca da entrada no campo e coleta dos dados para leitura e posterior análise. Minha inserção no campo foi responsável pela apreensão da dinâmica e funcionamento do portal de relacionamentos selecionado, permitindo uma aproximação e melhor observação de suas características, sem a qual não seria possível propiciar respostas comprometidas com a realidade do contexto analisado.

A natureza de uma pesquisa científica, sobretudo aquelas que encarregam para si a responsabilidade de desvendar contextos e objetos de essência social, lida com uma realidade que, ao mesmo tempo em que é preta de significados, está em constante mudança, não sendo possível mostrar interpretações definitivas sobre a problemática estudada.

O estudo do redimensionamento das esferas pública e privada possibilitou verificar que o território da vida íntima assumiu importância gradativa a partir do início do século XIX, momento em que se viu acelerar os processos de individualização. Uma crescente sobrecarga de preocupações em torno de assuntos de âmbito privado e de conflitos íntimos trouxe consigo mudanças expressivas no que se refere à concepção do público. (PROST, 2009).

No entanto, apontar para um total esvaziamento da esfera pública, mediante a inflação do privado, é uma prerrogativa que merece uma postura comedida, tendo em vista que o público não deixa de ser entendido enquanto domínio de interesses supra-individuais. Porém, esse reconhecimento não vem desacompanhado de uma sensibilização para o fato de que os códigos de conduta assumidos em público transportam, em boa medida, expressões carregadas de uma moral de cunho privado. No que se refere ao ambiente fluido da Internet, essas concepções assumem formas diferenciadas, uma vez que nessa instância os domínios do público e do privado fogem a ordenamentos rígidos e polarizados.

Simultaneamente, a validade das leituras do que se convencionou chamar “pós-moderno” viabilizam o entendimento desse contexto como sendo gerador de condutas individuais portadoras de certa autonomia, através da criação de relações sociais personalizadas e decorrentes do processo de individualização.

O individualismo como premissa para a compreensão do sujeito atual advém do investimento que este vem dedicando, ao longo do tempo, a questões de ordem pessoal e de caráter privado, restringindo e minimizando a valoração do espaço público. A publicação pessoal nas redes de relacionamento virtual coloca-se como um mecanismo onde se sobressaem o investimento subjetivo e objetivo do sujeito em si mesmo.

O confronto das expressões individuais, mutuamente orientadas, como características do individualismo em rede surge como resultado da personalização das relações sociais, efetivadas em torno da construção de vínculos centrados em interesses comuns. A natureza da sociabilidade exercida por meio desse ambiente tecnicamente mediado coloca-se a serviço de condutas flexíveis, fluidas e constroem-se com base em laços de afinidade. (CASTELLS, 2003; 2002).

A parcialidade das conclusões propostas é uma característica comprometida com a realidade social, a qual não é passível de uma atribuição definitiva acerca do ordenamento dos fenômenos que lhe são próprios. Por outro lado, a não inviabilidade de apontar caminhos e discursos que proponham apresentar uma interpretação dos processos ora analisados é um compromisso que encerra o labor da pesquisa social. Deste modo, espero contribuir para a produção de literaturas e pesquisas empíricas sobre a problemática então investigada.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Perry. **As Origens da Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- ALVES, Rubem. Tecnologia e humanização. In: **Revista Paz e Terra**. Homem, Ciência e Tecnologia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. Ano II, n. 8, 1968.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. São Paulo: Forense Universitária, 2005.
- AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, São Paulo, Papirus, 1994.
- BAUDRILLARD, Jean. **Tela Total**: mito-ironias do virtual e da imagem. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- _____. **A sociedade de consumo**. São Paulo: Martins Fontes, 1970.
- BAUMAN, Zigmunt. **Vida para o consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- _____. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- _____. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.
- _____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- _____. **Em busca da política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- _____. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. **A ética pós-moderna**. São Paulo: Paulus, 1997.
- BECK, Ulrich. **Risk society**. Londres: Sage, 1992.
- BERGER; LUCKMANN. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido**: a orientação do homem moderno. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BRAGA, Adriana. **Técnica etnográfica aplicada à comunicação online**: uma discussão metodológica. UNIREVISTA (UNISINOS. Online), v. 1, n. 3, p. 1-11, 2006. Disponível em: <http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_Braga.PDF>. Acesso em: 23 mar. 2008.
- BURKE, Peter & BRIGGS, Asa. **Uma História Social da Mídia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos**. 7a. Ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

_____. Cultura e comunicação no desenvolvimento latino-americano. *In*: ESCOSTEGUY, C. D. (Org.). **Comunicação, cultura e mediações tecnológicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. **A Sociedade em Rede**: a era da informação – economia, sociedade e cultura. Volume 1. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CAVALCANTE, Fábio. **Ibope//NetRatings lança estudo inédito sobre redes sociais**. Disponível em http://imasters.uol.com.br/artigo/9180/tendencias/ibopenetratings_lanca_estudo_inedito_sobre_redes_sociais/. Acesso em 20 jun. 2008.

CICHELLI; PEIXOTO; SINGLY (orgs.). **Família e individualização**. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

COSTA, Jurandir Freire. Bernadet e o declínio do homem privado. *In*: **Caderno de Psicanálise** – CPRJ, n.14, Rio de Janeiro, 1994, p. 133-147. Disponível em: <<http://jfreirecosta.sites.uol.com.br/>>. Acesso em: 28 mar. 2009.

DAMATTA, Roberto. **Relativizando**: uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

DÁVILA, Sérgio. **Orkut não entende as razões de seu sucesso no Brasil**. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u97858.shtml>>. Acesso em: Abr. 2008.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DICIONÁRIO DE SOCIOLOGIA GLOBO, 8ed. Rio de Janeiro: Globo, 1981.

DOMINGUES, Diana Maria Gallicchio. **Ciberespaço e rituais**: tecnologia, antropologia e criatividade. *Horiz. antropol.*, jan./jun. 2004, vol.10, no.21, p.181-197. ISSN 0104-7183.

DOMINGUES, José Maurício. Reflexividade, individualismo e modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v.17, n. 49, 2002, p. 55-70.

DORNELLES, Jonatas. **Vida na rede**: uma análise antropológica da virtualidade. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. Porto Alegre, 2008.

_____. **Antropologia e Internet: quando o “campo” é a cidade e o computador é a “rede”**. *Horiz. antropol.*, jan./jun. 2004, vol.10, no.21, p.241-271. ISSN 0104-7183.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Revista Educar**. Curitiba: UFPR, n. 24, 2004, p. 213-225.

DUMONT, Louis. **O individualismo**: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994 a.

_____. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994 b. 1v.

FEARTHERSTONE, M. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FELINTO, Erick. **A Religião das Máquinas**: ensaios sobre o imaginário da cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2005.

FELITTI, Guilherme. **Orkut**: as razões para o sucesso da rede social do Google entre brasileiros. Disponível em: <<http://idgnow.uol.com.br/internet/2008/07/10/Orkut-as-razoes-para-o-sucesso-da-rede-do-google-entre-brasileiros>>. Acesso em: Out. 2009.

FLICK, Uwe. Pesquisa qualitativa *online*: a utilização da internet. In: **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W., _____. (Eds.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 64-89.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

_____; TURNER, Jonathan. (Orgs.) **Teoria social hoje**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

_____. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. **Behavior in public places**: notes on the social organization of gatherings. New York: The Free Press, 1966.

GONDIM, Márcio Silva. **Felicidade no ciberespaço**: um estudo com jovens usuários de comunidades virtuais. Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-graduação em Psicologia. Fortaleza, 2007.

GUIMARAES JR., Mário J. L. **De pés descalços no ciberespaço**: tecnologia e cultura no cotidiano de um grupo social *on-line*. *Horiz. antropol.*, jan./jun. 2004, vol.10, no.21, p.123-154. ISSN 0104-7183.

HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HARVEY, David. **A Condição Pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Representações sociais e esfera pública**: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2000.

KUMAR, Krishan. **Da Sociedade Pós-industrial à Pós-moderna**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

LAPLANTINE, François. **A descrição etnográfica**. São Paulo: Terceira Margem, 2004.

_____. **Aprender antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

LASCH, C. **A cultura do narcisismo**: a vida americana numa era de esperanças em declínio. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LATOURETTE, Bruno. **Jamais Fomos Modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LEMOS, André. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2002.

_____; CUNHA, Paulo. **Olhares sobre a Cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

_____ (org). **Cidade digital**: portais, inclusão e redes nos Brasil. Salvador: EDUFBA, 2007.

_____; PALACIOS, Marcos. **Janelas do Ciberespaço**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

LEVY, Pierre. **A Inteligência Coletiva**: por uma antropologia do cyberspaço. São Paulo: Loyola, 2000.

_____. **Cybercultura**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

_____. **A Conexão Planetária**: o mercado, o ciberespaço, a consciência. São Paulo: Editora 34, 2001.

_____. **As tecnologias da inteligência:** o futuro do pensamento na era da informática. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.

_____. **O que é virtual.** São Paulo: Editora 34, 2001.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio:** ensaios sobre o individualismo contemporâneo. São Paulo: Manole, 2005a.

_____. **A sociedade pós-moralista:** o crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos. São Paulo: Manole, 2005b.

_____. **Os tempos hipermodernos.** Tradução de Mário Vilela. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos:** o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. A comunicação sem fim. (Teoria pós-moderna da comunicação). In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da (orgs). **A genealogia do virtual:** comunicação, cultura e tecnologias do imaginário. Porto Alegre: Sulina, 2004, p. 20-32.

_____. Perspectivas tribais ou a mudança do paradigma social. In: **Revista Famecos.** Porto Alegre, 2004. no.23.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **De perto e de dentro:** notas para uma etnografia urbana. Revista Brasileira de Ciências Sociais, junho/2002, v. 17, n. 49.

MARTINS, Francisco; MACHADO, Juremir (orgs). **Para navegar no século XXI:** tecnologias do imaginário e cibercultura. Porto Alegre, Sulina/Edipucrs, 2000.

MARTINS, Francisco; Silva, Juremir Machado da. **A Genealogia do Virtual:** comunicação, cultura e tecnologias do imaginário. Porto Alegre: Sulina, 2004.

MATOS, O. C. **A escola de Frankfurt:** luzes e sombras do iluminismo. São Paulo: Moderna, 1993.

MILLS, C. W. **A imaginação sociológica.** 4.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

MONTARDO, Sandra Portella; PASSERINO, Liliana Maria. Estudo dos blogs a partir da netnografia: possibilidades e limitações. In: **Cinted/UFRGS. Novas tecnologias na educação.** Dez, 2006. v.4. n.2. Disponível em <<http://www.cinted.ufrgs.br/renote/dez2006/artigosrenote/25065.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2008.

NUNES, Jordão Horta. **A sociolinguística de Goffman e a comunicação mediada.** *Tempo soc.* [online]. 2007, v. 19, n. 2, pp. 253-266.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

QUINTANEIRO, Tania et al. **Um toque de clássicos: Durkheim, Marx e Weber**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

PARENTE, André (org.). **Imagem máquina: a era das tecnologias do virtual**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

PELLANDA, Nize e PELLANDA, Eduardo (orgs). **Ciberespaço – um hipertexto com Pierre Lévy**. Porto Alegre: Editora Artes e Ofícios, 2000.

PEREIRA, Cláudia da Silva. **Os wannabees e suas tribos: adolescência e distinção na Internet**. *Rev. Estud. Fem.*, maio/ago. 2007, vol.15, no.2, p.357-382. ISSN 0104-026X.

PROST, Antoine. Fronteiras e espaços do privado. *In: PROST, A.; VINCENT, G. (Orgs.). História da vida privada: da primeira guerra a nossos dias*. Vol. 5. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ROCHA, Aline M. Matos. **Leituras da cibercultura: reflexão crítica sobre os diários íntimos na Internet**. Fortaleza: 2006. Monografia apresentada como pré-requisito para conclusão do Curso de Ciências Sociais – Universidade de Fortaleza.

RÜDIGER, Francisco. Cibercultura, filosofia da técnica e civilização maquinística: fundamentos da crítica ao pensamento tecnológico. *In: ESCOSTEGUY, C. D. (Org.). Comunicação, cultura e mediações tecnológicas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

_____. **Introdução às Teorias da Cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

_____. **Elementos para a crítica da cibercultura: sujeito, objeto e interação na era das novas tecnologias de comunicação**. São Paulo: Hacker, 2002.

_____. Subjetividade e novas tecnologias de comunicação: elementos para a crítica do pensamento contemporâneo. *In: INTERCOM, 22*. 2000. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/xxii-ci/gt10/10r05.PDF>>. Acesso em: 21 jan. 2006.

SANTAELLA, Lúcia. **Cultura e Artes do Pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus Ed., 2003.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

_____. **A intimidade escancarada na rede: blogs e webcams subvertem a oposição público/privado**. *In: Intercom 2003*. Disponível em

<http://www.intercom.org.br/papers/congresso2003/pdf/2003_NP08_sibilia.pdf>. Acesso em: Fev. 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SODRÉ, Muniz. Mídia e cidadania. In: ESCOSTEGUY, C. D. (Org.). **Comunicação, cultura e mediações tecnológicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

SOUZA, Jesse; ÖELZE, Berthold. (orgs). **Simmel e a modernidade**. Brasília: Ed. UNB, 2005.

STOLCKE, V. **Gloria o maldición del individualismo moderno según Louis Dumont**. Ver Antropol, 2001, vol. 44. no.2, p. 07-37. ISSN 0034-7701.

TACUSSEL, Patrick. O imaginário social, valores e representações coletivas na civilização pós-industrial. In: ESCOSTEGUY, C. D. (Org.). **Comunicação, cultura e mediações tecnológicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. **Ideologia e Cultura Moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

VERGARA, Sylvia Constant. Netnografia. In: VERGARA, S. C. **Métodos de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 195-201.

VIRILIO, Paul. **Espaço crítico**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

WEBER, Max. Conceitos básicos de sociologia. São Paulo: Centauro, 2002.

_____. **Metodologia das ciências sociais**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1993.

_____. **Economia y sociedad**: esbozo de sociologia comprensiva. Volume I. México: Fondo de Cultura Econômica, 1974a.

_____. **Economia y sociedad**: esbozo de sociologia comprensiva. Volume II. México: Fondo de Cultura Econômica, 1974b.

WERTHEIM, Margaret. **Uma história do ciberespaço de Dante à Internet**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar: 2001.

WOLTON, Dominique. **Internet, e depois?** Porto Alegre: Sulina, 2003.

_____. Pensar a Internet. In: **Revista Famecos**. Porto Alegre, 2001. n. 15.

APÊNDICE 1**ROTEIRO DE ENTREVISTA**

Data	
Local	
Hora de Início	
Hora do Término	
Entrevistado	
E-mail	
Link do Perfil	

- Como você tomou conhecimento do Orkut?
- O que o motivou a participar do site de relacionamentos Orkut?
- Fale-me de sua experiência com o Orkut.
- Quais as suas características que você considera mais importantes?
- O que você costuma publicar no Orkut?
- Fale-me sobre sua relação com seu grupo de amigos no Orkut.
- Conte sobre sua participação nas comunidades de que faz parte.
- Qual a sua opinião sobre os perfis *fakes*?
- Pra você, o que significa participar do Orkut?

APÊNCIDE 2

QUESTIONÁRIO

O presente questionário visa obter informações objetivas dos participantes da pesquisa para dissertação de Mestrado em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, intitulada “**As trocas interpessoais na Internet: privacidade e sociabilidade na era da cibercultura**”.

Pesquisadora: Aline Maria Matos Rocha

Orientadora: Profa. Dra. Linda Maria de Pontes Gondim

1) **Sexo:** ()M ()F

2) **Nome:**

3) **Idade:**

() de 18 a 25 anos

() de 26 a 30 anos

() de 31 a 35 anos

() acima de 35 anos

4) **Grau de Instrução:**

() Ensino fundamental incompleto (cursando)

() Ensino fundamental completo

() Ensino médio incompleto (cursando)

() Ensino médio completo

() Ensino superior incompleto (cursando)

() Ensino superior completo

5) **Possui conexão em casa? Se sim, de que tipo?**

() Não.

() Sim. Tipo: Internet banda larga e WIFI

6) **De onde costuma acessar a Internet com mais frequência?**

() de casa () do trabalho () Lan house

() escola/universidade

() outro. Qual?

7) **Informe seu e-mail para contato:**

8) **O que você acha de sites como o Orkut?**

9) **Por que você utiliza o Orkut?**

Estou à disposição para o esclarecimento de qualquer dúvida.

Agradeço sua participação. Aline Matos – alinemmatos@gmail.com

ANEXOS

C7 – ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NA INTERNET – COMUNICAÇÃO

ACTIVITIES CONDUCTED ONLINE – COMMUNICATION

Percentual sobre o total de usuários de Internet¹Percentage over the total number of Internet users¹

Percentual (%) Percentage (%)	Enviar e receber e-mail Sending and receiving e-mails	Participar de sites de relacionamento, como Orkut Engaging in relationship websites, such as Orkut	Enviar mensagens instantâneas Sending instant messages
TOTAL	77	69	61
REGIÕES DO PAÍS REGION			
Sudeste Southeast	76	67	62
Nordeste Northeast	78	76	59
Sul South	82	70	65
Norte North	74	66	54
Centro-Oeste Center-West	79	69	64
SEXO GENDER			
Masculino Male	78	69	62
Feminino Female	77	70	61
GRAU DE INSTRUÇÃO SCHOOLING			
Analfabeto/ Educação Infantil Illiterate/ Kindergarten	52	62	41
Fundamental Primary	65	73	52
Médio Secondary	79	72	63
Superior Tertiary	93	64	73
FAIXA ETÁRIA AGE			
10 - 15	60	77	49
16 - 24	83	82	70
25 - 34	83	63	63
35 - 44	79	53	60
45 - 59	81	44	56
60 +	72	23	36
RENDA FAMILIAR INCOME			
< R\$ 415,00	67	73	46
R\$ 416,00 - R\$ 830,00	69	73	54
R\$ 831,00 - R\$ 1.245,00	76	70	60
R\$ 1.246,00 - R\$ 2.075,00	82	70	66
R\$ 2.076,00 - R\$ 4.150,00	86	66	70
R\$ 4.151,00 +	92	64	73
CLASSE SOCIAL SOCIAL CLASS			
A	95	65	77
B	86	66	68
C	74	70	59
DE	66	76	50
SITUAÇÃO DE EMPREGO EMPLOYMENT STATUS			
Trabalhador Worker	81	66	64
Desempregado Unemployed	79	77	61
Não integra a população ativa Is not part of the active population	69	75	55

Fonte (Source): NIC.br - set/nov (sept/nov) 2008

¹ Base: 8.207 entrevistados que usam a Internet nos últimos três meses (amostra principal + oversample de usuários de Internet). Respostas múltiplas, estimuladas e rotacionadas. Entrevistas realizadas em área urbana.

¹ Base: 8.207 interviewees who used the Internet within the past three months (main sample + oversample of Internet users). Multiple, stimulated and rotated answers. Interviews were conducted in urban areas.

C1 – PROPORÇÃO DE INDIVÍDUOS QUE JÁ ACESSARAM A INTERNET¹

PROPORTION OF INDIVIDUALS WHO HAVE ALREADY ACCESSED THE INTERNET¹

Percentual sobre o total da população²

Percentage over the total population²

Percentual (%) Percentage (%)	Sim Yes	Não No
TOTAL	48	67
REGIÕES DO PAÍS REGION		
Sudeste Southeast	47	53
Nordeste Northeast	35	65
Sul South	43	57
Norte North	36	64
Centro-Oeste Center-West	50	50
SEXO GENDER		
Masculino Male	46	54
Feminino Female	41	59
GRAU DE INSTRUÇÃO SCHOOLING		
Analfabeto/ Educação Infantil Illiterate/ Kindergarten	11	89
Fundamental Primary	38	62
Médio Secondary	63	37
Superior Tertiary	89	11
FAIXA ETÁRIA AGE		
10 - 15	65	35
16 - 24	75	25
25 - 34	54	46
35 - 44	36	64
45 - 59	18	82
60 +	3	97
RENDA FAMILIAR INCOME		
< R\$ 415,00	17	83
R\$ 416,00 - R\$ 830,00	30	70
R\$ 831,00 - R\$ 1.245,00	45	55
R\$ 1.246,00 - R\$ 2.075,00	61	39
R\$ 2.076,00 - R\$ 4.150,00	70	30
R\$ 4.151,00 +	85	15
CLASSE SOCIAL SOCIAL CLASS		
A	90	10
B	76	24
C	46	54
D/E	19	81
SITUAÇÃO DE EMPREGO EMPLOYMENT STATUS		
Trabalhador Worker	47	53
Desempregado Unemployed	43	57
Não integra a população ativa Is not part of the active population	38	62

Fonte (Source): IBC.br - setembro (september) 2008

¹ Indivíduos que informaram ter acessado a internet pelo menos uma vez na vida, de qualquer lugar.

¹ Individuals who declared having accessed the Internet at least once in their lives from any location.

² Base: 16.808 entrevistados. Entrevistas realizadas em área urbana.

² Base: 16,808 interviewees. Interviews conducted in urban areas.

C4a – LOCAL DE ACESSO INDIVIDUAL À INTERNET – MAIS FREQUENTE

LOCATION OF INDIVIDUAL ACCESS TO THE INTERNET – MOST FREQUENT

Percentual sobre o total de usuários de Internet¹Percentage over the total number of Internet users¹

Percentual (%) Percentage (%)	Em casa At home	Centro público de acesso pago ² At a public, paid Internet access centre ²	No trabalho At work	Na casa de outra pessoa ³ At another person's home ³	Na escola At school	Centro público de acesso gratuito ⁴ At a public, free Internet access centre ⁴
TOTAL	36	35	14	9	5	1
REGIÕES DO PAÍS REGION						
Sudeste Southeast	41	30	14	9	5	1
Nordeste Northeast	22	54	8	9	4	2
Sul South	41	23	19	10	6	1
Norte North	20	52	11	8	8	1
Centro-Oeste Center-West	37	28	18	11	5	1
SEXO GENDER						
Masculino Male	35	36	16	8	4	1
Feminino Female	37	33	12	10	7	1
GRAU DE INSTRUÇÃO SCHOOLING						
Analfabeto/ Educação infantil Illiterate/ Kindergarten	27	43	3	13	13	2
Fundamental Primary	28	49	5	12	5	1
Médio Secondary	33	39	13	10	3	1
Superior Tertiary	49	13	27	5	6	-
FAIXA ETÁRIA AGE						
10 - 15	27	49	1	11	10	2
16 - 24	30	45	10	9	5	1
25 - 34	37	26	24	9	3	-
35 - 44	50	16	21	8	2	1
45 - 59	62	10	20	7	1	-
60 +	64	13	9	13	1	-
RENDA FAMILIAR INCOME						
< R\$ 415,00	7	75	2	7	6	3
R\$ 416,00 - R\$ 830,00	14	57	5	14	8	2
R\$ 831,00 - R\$ 1.245,00	30	42	12	9	6	1
R\$ 1.246,00 - R\$ 2.075,00	45	24	19	8	4	-
R\$ 2.076,00 - R\$ 4.150,00	58	11	20	7	2	1
R\$ 4.151,00 +	63	5	28	3	1	-
CLASSE SOCIAL SOCIAL CLASS						
A	68	1	30	1	-	-
B	58	14	20	6	2	-
C	28	41	12	11	7	1
DE	6	67	5	13	7	2
SITUAÇÃO DE EMPREGO EMPLOYMENT STATUS						
Trabalhador Worker	36	30	21	8	4	1
Desempregado Unemployed	36	51	1	9	3	-
Não integra a população ativa Is not part of the active population	36	43	-	12	8	1

Fonte (Source): NIC.br - sethiv (sethiv) 2008

¹ Base: 8.207 entrevistados que usaram a Internet nos últimos três meses (amostra principal + oversample de usuários de Internet). Respostas estimuladas. Entrevistas realizadas em área urbana.

¹ Base: 8.207 interviewees who used the Internet within the past three months (main sample + oversample of Internet users). Stimulated answers. Interviews were conducted in urban areas.

² Internet Café, lanhouse ou similar.

² Internet cafe, lanhouse or similar.

³ Amigo, vizinho ou familiar.

³ Friend, neighbor or relative.

⁴ Telecentro, biblioteca, entidade comunitária, Correios etc.

⁴ Telecenter, library, communitarian entity, post office etc.

Tabela 1.26.2 - Percentual das pessoas que utilizaram a Internet para cada finalidade, na população de 10 anos ou mais de idade que utilizou a Internet, no período de referência dos últimos três meses, por Grandes Regiões e sexo, segundo a finalidade do acesso à Internet - 2008

Finalidade do acesso à Internet (1)	Percentual das pessoas que utilizaram a Internet para cada finalidade, na população de 10 anos ou mais de idade que utilizou a Internet, no período de referência dos últimos três meses (%)					
	Brasil	Grandes Regiões				
		Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste
Total						
Educação e aprendizado	65,9	69,4	68,5	63,4	68,3	67,2
Comunicação com outras pessoas	83,2	78,1	82,3	83,9	84,1	82,8
Atividade de lazer	68,6	64,8	67,2	69,4	69,8	67,9
Leitura de jornais e revistas	48,6	43,1	43,1	51,0	49,0	50,3
Interação com autoridades públicas ou órgãos do governo	15,2	12,2	11,4	16,4	16,7	15,9
Comprar ou encomendar bens ou serviços	15,4	13,7	11,1	17,4	15,5	14,6
Transações bancárias ou financeiras	13,1	7,0	8,1	15,5	14,3	13,6
Buscar informações e outros serviços	25,5	20,2	22,6	27,4	26,6	22,6
Homens						
Educação e aprendizado	62,3	65,7	65,0	59,8	64,7	63,6
Comunicação com outras pessoas	82,3	77,8	81,6	83,0	83,0	81,7
Atividade de lazer	72,8	69,9	72,3	73,2	73,1	72,6
Leitura de jornais e revistas	48,8	43,2	43,1	51,2	50,0	49,8
Interação com autoridades públicas ou órgãos do governo	16,3	13,7	12,8	17,2	18,2	17,0
Comprar ou encomendar bens ou serviços	18,1	17,1	14,0	19,7	18,7	17,4
Transações bancárias ou financeiras	15,3	8,7	9,9	17,6	16,8	15,9
Buscar informações e outros serviços	25,1	20,3	22,4	26,7	26,7	21,6
Mulheres						
Educação e aprendizado	69,4	72,9	71,7	67,0	71,9	70,7
Comunicação com outras pessoas	84,0	78,4	82,9	84,9	85,1	83,8
Atividade de lazer	64,6	59,8	62,4	65,6	66,5	63,3
Leitura de jornais e revistas	48,3	42,9	43,1	50,7	48,0	50,8
Interação com autoridades públicas ou órgãos do governo	14,1	10,7	10,1	15,6	15,2	14,7
Comprar ou encomendar bens ou serviços	12,7	10,3	8,4	15,1	12,3	11,8
Transações bancárias ou financeiras	11,0	5,2	6,3	13,4	11,8	11,3
Buscar informações e outros serviços	25,9	20,0	22,9	28,0	26,4	23,7

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2008.

(1) Inclusive as pessoas que utilizaram a Internet para mais de uma finalidade.

Tabela 1.17.2 - Percentual das pessoas que utilizaram a Internet em cada local, na população de 10 anos ou mais de idade que utilizou a Internet, no período de referência dos últimos três meses, por Grandes Regiões e sexo, segundo o local de acesso à Internet - 2008

Local de acesso à Internet	Percentual das pessoas que utilizaram a Internet em cada local, na população de 10 anos ou mais de idade que utilizou a Internet, no período de referência dos últimos três meses (%)					
	Brasil	Grandes Regiões				
		Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste
Total						
Domicílio em que moravam (1)	57,1	34,1	40,0	64,6	64,0	55,1
Local de trabalho (1)	31,0	25,3	23,7	32,4	37,0	32,6
Estabelecimento de ensino (1)	17,5	15,9	14,6	16,5	24,2	18,3
Centro público de acesso gratuito (1)	5,5	4,6	4,3	6,0	6,5	4,1
Centro público de acesso pago (1)	35,2	56,3	52,9	29,2	23,7	36,9
Outro local (1)	19,7	15,0	20,6	18,9	23,3	18,7
Homens						
Domicílio em que moravam (1)	56,9	33,6	39,8	64,5	63,7	54,7
Local de trabalho (1)	33,6	27,7	26,2	34,8	39,9	35,0
Estabelecimento de ensino (1)	16,3	14,0	12,5	15,6	23,2	17,0
Centro público de acesso gratuito (1)	5,3	4,3	4,0	5,8	6,3	4,0
Centro público de acesso pago (1)	37,1	57,7	54,7	31,5	25,2	39,0
Outro local (1)	19,1	14,4	20,2	18,1	23,0	18,3
Mulheres						
Domicílio em que moravam (1)	57,2	34,6	40,2	64,8	64,4	55,5
Local de trabalho (1)	28,5	23,0	21,2	29,9	34,1	30,4
Estabelecimento de ensino (1)	18,7	17,8	16,5	17,4	25,2	19,5
Centro público de acesso gratuito (1)	5,7	5,0	4,6	6,2	6,6	4,1
Centro público de acesso pago (1)	33,4	55,0	51,2	26,9	22,3	34,9
Outro local (1)	20,3	15,6	20,9	19,8	23,7	19,1

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2008.

(1) Inclusive as pessoas que utilizaram a Internet em mais de um local.

Tabela 1.31.2 - Percentual das pessoas que utilizaram a Internet para cada finalidade, na população de 10 anos ou mais de idade que utilizou a Internet, no período de referência dos últimos três meses, por finalidade do acesso à Internet, segundo as Unidades da Federação e as Regiões Metropolitanas - 2008

Unidades da Federação e Regiões Metropolitanas	Percentual das pessoas que utilizaram a Internet para cada finalidade, na população de 10 anos ou mais de idade que utilizou a Internet, no período de referência dos últimos três meses (%)					
	Educação e aprendizado (1)	Comunicação com outras pessoas (1)	Atividade de lazer (1)	Leitura de jornais e revistas (1)	Comprar ou encomendar bens ou serviços, transações bancárias e financeiras (1)	Interação com autoridades públicas ou órgãos do governo, buscar informações e outros serviços (1)
Brasil	65,9	83,2	68,6	48,6	20,9	34,8
Rondônia	64,8	84,7	73,5	52,2	16,8	22,7
Acre	69,5	74,3	65,6	58,0	19,1	31,4
Amazonas	65,2	78,8	63,8	39,2	15,5	26,8
Roraima	68,0	72,2	64,5	55,6	16,0	26,4
Pará	71,6	77,0	63,1	37,2	15,6	28,3
Região Metropolitana de Belém	75,1	83,1	72,0	42,4	15,2	36,7
Amapá	56,6	84,3	72,8	58,3	24,0	30,9
Tocantins	81,7	74,2	60,4	48,1	17,1	33,9
Maranhão	68,5	80,1	70,4	43,2	11,7	19,0
Piauí	71,1	73,5	63,7	49,7	14,9	27,0
Ceará	65,8	82,0	68,1	41,7	13,2	24,4
Região Metropolitana de Fortaleza	66,4	82,9	73,3	43,8	14,0	27,9
Rio Grande do Norte	67,0	81,2	60,6	44,9	13,0	31,5
Paraíba	70,2	84,8	64,2	39,9	14,8	31,8
Pernambuco	66,9	82,3	68,3	37,9	14,8	34,3
Região Metropolitana de Recife	68,3	85,6	68,3	38,7	16,2	39,9
Alagoas	68,3	79,4	58,9	42,7	19,7	23,5
Sergipe	69,1	83,4	69,9	45,8	17,0	33,1
Bahia	70,2	84,5	68,9	45,7	15,6	33,6
Região Metropolitana de Salvador	70,8	88,7	72,1	51,4	18,2	42,1
Minas Gerais	67,1	82,1	67,9	47,0	21,1	33,9
Região Metropolitana de Belo Horizonte	69,2	83,8	67,5	48,5	23,8	41,5
Espírito Santo	64,3	81,1	66,4	46,6	19,8	25,0
Rio de Janeiro	61,6	85,0	68,7	53,1	23,0	39,8
Região Metropolitana do Rio de Janeiro	60,6	85,8	69,1	52,6	23,4	42,5
São Paulo	62,7	84,4	70,4	51,9	25,0	38,1
Região Metropolitana de São Paulo	60,1	86,1	71,1	53,4	27,1	41,3
Paraná	67,5	82,9	70,0	47,8	22,0	37,0
Região Metropolitana de Curitiba	69,4	84,6	69,4	48,4	26,5	42,3
Santa Catarina	67,2	85,2	72,1	54,1	25,5	39,4
Rio Grande do Sul	69,8	84,6	68,1	47,1	20,1	35,6
Região Metropolitana de Porto Alegre	68,2	87,1	68,5	47,9	23,1	37,4
Mato Grosso do Sul	64,3	80,9	67,0	46,9	18,9	26,6
Mato Grosso	68,9	84,4	73,1	60,9	26,8	28,2
Goiás	62,3	81,7	65,9	41,0	16,6	28,2
Distrito Federal	74,9	84,3	67,7	58,5	24,2	47,7

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2008.

(1) Inclusive as pessoas que utilizaram a Internet para mais de uma finalidade.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)